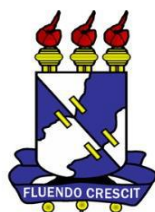


**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO**

**AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA HOMOSSEXUALIDADE
NO ESPIRITISMO: UM ESTUDO DE CASO EM ARACAJU**

BIANCA MAIA DE BRITTO

São Cristóvão/SE
2017



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO**

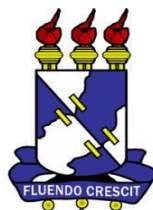
**AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA HOMOSSEXUALIDADE
NO ESPIRITISMO: UM ESTUDO DE CASO EM ARACAJU**

BIANCA MAIA DE BRITTO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Federal de Sergipe, como requisito necessário para obtenção do título de Mestre em Ciências da Religião. Área de Conhecimento: Ciências Humanas. Linha de Pesquisa: Campo religioso brasileiro

Orientador: Prof.: Dr. José Rodorval Ramalho.

São Cristóvão/SE
2017



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO**

BIANCA MAIA DE BRITTO

**AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA HOMOSSEXUALIDADE
NO ESPIRITISMO: UM ESTUDO DE CASO EM ARACAJU**

APROVADA EM ____/____/____

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Federal de Sergipe e aprovada pela banca examinadora.

Prof.: Dr. José Rodorval Ramalho (Orientador)

Prof.: Dr. Carlos Eduardo Brandão Calvani (Universidade Federal de Sergipe)

Prof. Dr. Fernando Luiz Alves Barroso (UFS/DECOM)

São Cristóvão/SE
2017

*Aos meus pais, Hercilio e Lucinha,
pelo apoio e amor incondicional*

AGRADECIMENTOS

A realização desta dissertação contou com importantes apoios e incentivos, sem os quais não teria se tornado uma realidade e aos quais serei eternamente grata.

A Deus, por ter me concedido força e saúde para nunca desistir.

Aos meus pais, Lucinha e Hercilio, e à minha amada irmã, Thais, pelo amor e apoio incondicional, por serem meu esteio e meu referencial neste mundo.

Ao meu namorado Greydson, por me mostrar que o amor - homem e mulher - pode coexistir com crescimento profissional e intelectual.

Aos meus “amigos anjos”, Antonio Oliveira e Gabriel Fernandes, que cuidaram de mim de forma incansável.

Ao meu tio, Chico Leite, por ter despertado mim a curiosidade de pesquisar o espiritismo.

A todos os meus amigos, espíritas ou não, homossexuais ou heterossexuais ou de qualquer orientação, pelas longas conversas sobre a espiritualidade e sexualidade, em especial a Ricardo Bravo e Isis Garcia, pelas críticas construtivas à minha pesquisa.

A Lenira Silva pela generosidade e solidariedade de ler e criticar meu trabalho, sem nem ao menos me conhecer. Minha sinceras e respeitosas desculpas por não ter aceitado todas.

Aos meus colegas do mestrado, em especial Priscila Goes, pela convivência carinhosa e pelas constantes trocas de experiências e conhecimentos.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, pelas tardes de muito aprendizado. Especialmente à Professora Marina, pelas conversas que nos proporcionaram uma aproximação para além da universidade, e ao Professor Calvani pelas repreensões construtivas na matéria por ele ministrada e pelo livro atenciosamente emprestado.

A todos aqueles do movimento espírita que tiveram a atenção e confiança de me conceder entrevista sobre um tema ainda tão polêmico.

Ao Professor Rodorval, meu orientador, pela paciência, liberdade, insistência e confiança neste trabalho, fundamentais para conclusão desta jornada. Muito obrigado!

A FAPITEC, pelo apoio financeiro (bolsa institucional) sem o qual esta pesquisa não ultrapassaria as fronteiras da Universidade.

Enfim, a todos que me ajudaram na construção deste trabalho, sozinha nada disto seria possível.

*Não vejo pessoalmente qualquer motivo para
críticas destrutivas e sarcasmos incompreensíveis
para com nossos irmãos e irmãs portadores
de tendências homossexuais, a nosso ver, claramente iguais
às tendências heterossexuais que assinalam
a maioria das criaturas humanas. Em minhas noções de
dignidade do espírito, não consigo entender porque razão
esse ou aquele preconceito social impediria certo numero de pessoas
de trabalhar e de serem úteis à vida comunitária, unicamente pelo fato
de haverem trazido do berço características psicológicas
e fisiológicas diferentes da maioria. (....)*

Chico Xavier, *Jornal Folha Espírita*, 1984.

RESUMO

O objetivo geral desta dissertação é a análise das representações sociais espíritas sobre a homossexualidade em textos literários e científicos espíritas, bem como em entrevistas com praticantes do espiritismo, particularmente a questão da aceitação e da não discriminação. Nessa análise, busca-se evidenciar contradições no discurso, assim como alterações ao longo do tempo, adequações às mudanças científicas ou ao senso comum, entre outros. Também se verifica a compatibilidade do discurso entre os textos do codificador do espiritismo, Allan Kardec, e expoentes contemporâneos da doutrina. Outro objetivo é avaliar se existe o que pode ser tida como a visão espírita sobre a homossexualidade, ou se apenas pode-se falar em posições de diversos líderes em diversos momentos. Isso é importante uma vez que a própria definição do que é a religião espírita e a identificação de seus integrantes é algo fluido, sendo necessário identificar nuances e tendências. Investigar elementos de contradição entre o discurso espírita em produções literárias ou científicas e práticas dos movimentos, i.e., se o discurso que combina aceitação com naturalização é efetivamente praticado por membros da religião. Para esse ponto, entrevistas semiestruturadas são necessárias para que se aprofunde a análise e sejam colhidas informações que excedam aquelas que representam obras acabadas. Em termos de metodologia, destaca-se que o trabalho trata da análise dos discursos, não mera análise do conteúdo, e numa perspectiva qualitativa busca encontrar padrões e explicações no discurso, associados ao seu contexto. Trata-se de uma pesquisa que mescla elementos bibliográficos com empíricos, o que permite aprofundar ou validar conclusões. A pesquisa inclui as obras escritas ou supervisionadas pelo codificador do espiritismo, Allan Kardec, passando por textos de Chico Xavier, ícone nacional, até líderes locais como Benjamin Aguiar, radicado em Sergipe. Para os expoentes contemporâneos, entrevistas, blogs e outras fontes disponíveis online, desde que indiquem origens, são fontes que enriquecem a pesquisa e permitem analisar a temática sob várias óticas.

Palavras-chaves: espiritismo; homossexualidade; representações.

ABSTRACT

The main goal of this report is an analysis of the spiritist social representations about the homosexuality in some literary and scientific spiritual texts, as well as in interviews with practitioners of spiritism, particularly the matter of the acceptance or not of the discrimination. In such analysis, we seek to evidence the contradiction in the speech, as well as changes over time, adjustments to scientific changes and common sense, among others. It is also analyzed the compatibility between the texts of the founder of the spiritism, Allan Kardec, and the contemporary exponents of the doctrine. Another goal is to verify whether there is what might be seen as the spiritism view about homosexuality, or if there is only a position of several leaders in different times. This is important since the definition of spiritist religion is and the recognition of its practitioners is something that changes, being necessary to identify the nuances and trends. Seek contradictions between the spiritist's speech in literary or scientific productions and the practices of the movement, i.e, if the speech that combines acceptance with something natural is in fact followed by a practitioner of the religion. To have that, semi-structured interviews are necessary to deepen the analyses and to have information that exceeds the ones that represent finished works. In terms of methodology, it is emphasized that this report deals with the analyses of the speeches, not only an analysis of the content, and in a qualitative perspective that seeks patterns and explanations of the speech, associated with its context. It is a research that mixes bibliographic elements with empirical, which allows to deepen or validate the conclusion. The report includes works written or overseen by the founder of the spiritism, Allan Kardec, going to texts of Chico Xavier, national icon, to local leaders such as Benjamin Aguiar, based in Sergipe. For contemporary exponents, interviews, blogs and other sources available online are sources that enrich the research and allow the analyses of the theme from various perspectives., if they indicate its origins.

Key words: Spiritism, homosexuality, social representations.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO I	
LINHAS GERAIS DO ESPIRITISMO.....	16
1.1. Dos salões parisienses à codificação da doutrina espírita.....	16
1.1.1. As primeiras experiências.....	16
1.1.2. As primeiras obras	19
1.2. Surgimento do espiritismo no Brasil e em Sergipe.....	23
1.2.1 . A doutrina espírita em terras brasileiras	23
1.3. A natureza do Espiritismo	28
1.4. Princípios basilares e diferenciação do espiritismo	34
1.4.1. A existência de Deus e o livre-arbítrio.....	34
1.4.2. A evolução dos espíritos.....	36
1.4.3. A encarnação e reencarnação: pluralidade de existências e pluralidade de mundos..	38
1.4.4. Plasticidade ou “Cláusula Aberta” ou Progressividade da Doutrina.....	40
1.4.5. Das “sanções” à caridade.....	41
1.5. Ideias conclusivas	43
CAPÍTULO II	
AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA HOMOSSEXUALIDADE	45
2.1. A teoria da representação social	46
2.2. O campo em Bourdier.....	49
2.3. A Homossexualidade segundo a doutrina espírita	51
2.3.1. O sexo dos espíritos em Allan Kardec	52
2.3.2. O que diz o <i>LE</i> sobre o sexo dos espíritos.....	54
2.3.3. Os diversos temas tratados na <i>Revista Espírita</i>	57
2.3.4. O casamento.....	61
2.4. Chico Xavier e o tema da homossexualidade.....	62
2.4.2. A vida sexual dos seres humanos	66
2.5. A obra de Benjamin Teixeira de Aguiar	70
2.5.1. Benjamin e o tema da homossexualidade.....	71
2.5.2. O espírito Eugênia e a homossexualidade como conduta normal	73
CAPÍTULO III	
REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DO CAMPO ESPÍRITA EM ARACAJU	76

3.1. Da Federação Espírita Sergipana aos Palcos do “Espaço Emes”	76
3.1.1. Impressões iniciais e os meandros da Federação	77
3.1.2. Na cúpula dos centros espíritas em Aracaju	78
3.1.3. Nos bastidores do Espaço Emes	92
CONSIDERAÇÕES FINAIS	95
REFERÊNCIAS	99

INTRODUÇÃO

“O capital simbólico não é outra coisa senão o capital econômico ou cultural quando conhecido e reconhecido, quando conhecido segundo as categorias de percepção que ele impõe, as relações de força tendem a reproduzir e reforçar as relações de força que constituem a estrutura do espaço social.”

Pierre Bourdieu. *Coisas ditas*, p. 165.

Na segunda metade dos anos de 1970 surge no Brasil o movimento homossexual, caracterizado pela formação de associações e outras organizações, mais ou menos institucionalizadas, voltadas ao debate e à defesa dos direitos de pessoas com orientação sexual diversa da heterossexual (FACCHINI, 2003, p. 87). Nos anos mais recentes se destacam as conquistas jurídicas deste grupo: o reconhecimento de direitos a união homoafetiva, a possibilidade do casamento entre pessoas do mesmo sexo e o direito desses casais adotarem ou conceberem filhos por reprodução assistida. Deste modo, o movimento se fortalece, expandindo sua presença no tecido social e aumenta o debate sobre seu formato e contornos.

Na sociedade brasileira atual, albergada por um Estado signatário de direitos humanos e que tem como valores fundamentais a proteção da dignidade da pessoa humana e o tratamento isonômico de seus integrantes, não haveria mais espaço para discriminação daqueles que têm como orientação sexual o desejo pelo mesmo sexo. As posturas e opiniões contrárias à homossexualidade tornaram-se não apenas conflitantes com a sociedade brasileira

contemporânea, a qual evoca a aceitação da diversidade e da plena liberdade sexual, como propiciou a formação de um movimento de repúdio ao discurso homofóbico.

As religiões dominantes no país – católica e evangélica, segundo os dados sobre religião do Censo 2010, divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) – reafirmam suas orientações rígidas sobre o modelo familiar a ser formado por um homem e uma mulher, mas condenam qualquer tipo de discriminação em relação a homossexuais. Algumas igrejas evangélicas se voltam para público homossexual com pastores homossexuais e sermões direcionados àqueles. O espiritismo, religião que ocupa terceiro lugar em número de adeptos, segundo dados do mesmo Censo, reunindo cerca de 3,8 milhões de pessoas, apresenta atualmente um discurso de aceitação e naturalização da homossexualidade, representações construídas em paralelo com o crescimento e êxito do movimento homossexual.

Uma análise da literatura espírita, partindo das obras do codificador do espiritismo, Allan Kardec, passando pelo maior expoente brasileiro do espiritismo Chico Xavier e por espíritas que se dedicaram ao tema da homossexualidade, como o Andrei Moreira, revela que as orientações e esclarecimentos do espiritismo sobre o tema acompanharam os postulados científicos e morais em cada momento histórico, ajustando-se a estes. Nos primórdios da doutrina espírita, em torno de 1857, o tema da homossexualidade foi pouco tratado, refletindo a pouca expressividade do assunto na sociedade da época. O debate mais fervoroso incidia sobre a desigualdade de tratamento do sexo feminino em relação ao masculino. De forma tangencial, comportamentos destoantes do sexo biológico como traços de feminilidade em pessoa do sexo masculino eram tratados como anormalidades, em consonância com a visão social da época, mas como permitida e explicável dentro do plano divino. Seria um desafio a ser enfrentado pelo espírito naquela encarnação, tendo como possível justificativa as sucessivas encarnações anteriores no sexo feminino.

As bases da doutrina espírita foram apresentadas por Kardec em sua primeira obra, *O Livro dos Espíritos* (LE), explicitando, desde logo, que os ensinamentos ali contidos advinham de espíritos desencarnados e que seriam transmitidos progressivamente de acordo com a evolução dos seres humanos. Estabelecia, assim, uma “cláusula aberta” para inserção de novos ensinamentos espíritas conforme novos fatos ou costumes fossem formados na sociedade em seu percurso evolutivo. Por esse mecanismo, novas descobertas científicas, novos fatos ou costumes sociais poderiam ser incorporados à doutrina ou por esta explicados,

sem ocasionar a quebra de seus elementos formadores. A característica progressiva do espiritismo tem respaldo ainda na qualificação atribuída pela doutrina às leis humanas consideradas por esta mutáveis, possibilitando que as regras sociais se alterem sem com ela se conflitar. A imutabilidade ficou restrita às leis naturais ou leis divinas professadas pelo espiritismo¹ que tratam de assuntos transcendentais ou do mundo espiritual.

Outro traço essencial do espiritismo, para acompanhar as transformações sociais, é a generalidade de seus princípios e ensinamentos relacionados à conduta dos seres humanos na Terra, resguardando a minúcia aos ensinamentos relacionados ao mundo espiritual, aos mecanismos transcendentais. Para garantir a solidez, exatidão e credibilidade dos ensinamentos da doutrina espírita de forma atemporal, seu codificador ressalvou, desde o início, que as comunicações poderiam advir tanto de espíritos superiores como inferiores e estes poderiam transmitir instruções erradas por dolo ou por desconhecimento.

Deve-se notar que as obras do codificador do espiritismo não se utilizam dos termos homossexual ou homossexualidade, mesmo porque o uso desses termos é contemporâneo à codificação e ainda se difundiam. Segundo Norton (2008, p. 45), o termo homossexual foi cunhado por Karl Heinrich Ulrichs (1825–1895), que o utilizou em 1862 numa obra em que estudava homens que amavam meio-homens (hermafroditas). Já o termo homossexualismo² surgiu no artigo de Karl Friedrich Otto Westphal (1833–1890), que o usou no contexto de doenças psiquiátricas e como “atração/sentimento sexual contrário”, ou seja, uma doença ou condição. Na década de 1960, o conceito de “alma feminina” foi dissociado de homossexualidade e associada aos casos de transsexuais. Homossexualidade é, assim, um termo mais neutro e dissociado de cargas pejorativas tais como “sodomia”, “pervertido” ou “degenerado”.

A ferramenta conceitual utilizada nessa dissertação para analisar a forma como o espiritismo trata a homossexualidade foi a teoria das representações sociais, desenvolvida por Serge Moscovici (1925-2014). O conceito de representações sociais, como objeto da psicologia social seria a superação da dicotomia representações individuais (objeto da psicologia) e representações coletivas (objeto da sociologia). Segundo Alexandre (2004, p.

¹ Descritas nas questões 614 a 648 de O Livro dos Espíritos (KARDEC, 2013a, p. 295-304).

² Termo cunhado no período do cientificismo, fins do século XIX, com cunho patológico atribuído por médicos. Somente em 1990 a Organização Mundial de Saúde a excluiu de sua lista de distúrbios mentais, sendo substituída pela palavra homossexualidade (Cf. <http://veja.abril.com.br/blog/sobre-palavras/homossexualismo-ou-homossexualidade/>)

130), foi Moscovici que definiu a Psicologia Social como a ciência do conflito entre o indivíduo e a sociedade. Aquele só existe a partir de uma rede social e, por conseguinte, a sociedade é a soma da interação dos indivíduos. Segundo Moscovici, a Psicologia Social se atém aos os fenômenos da ideologia - cognição e representações sociais - e os fenômenos de comunicação, todos vinculados aos diversos níveis das interações humanas. Em Émile Durkheim (1858-1917), trouxemos o conceito de representações coletivas, de, que, em linhas gerais, argumenta que os indivíduos extraem suas categorias do pensamento da sociedade e não da realidade.

A pesquisa tem como corte metodológico a análise das representações sociais do movimento espírita com relação aos homossexuais, a despeito do movimento homossexual envolver variadas espécies de identificação sexual como lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transgêneros ou qualquer pessoa que não é heterossexual ou cisgênero, abarcados no acrônimo LGBTQ. Em outros termos, o movimento homossexual abarca todos aqueles que identidade sexual não coincidente com sexo biológico. Neste trabalho, foram analisadas as representações sociais da doutrina espírita sobre pessoas que adotam identidades e papéis de gênero opostos aos culturalmente atribuídos ao seu sexo biológico, em especial a atração sexual pelo mesmo sexo.

Esta pesquisa estudou, pesquisou e sistematizou as representações sociais do movimento espírita sobre homossexualidade, analisando o discurso contido em textos espíritas, literários ou científicos, em formato de livros, artigos, textos alocados em sites da internet, bem como entrevistas com espíritas acerca de suas ideias sobre a homossexualidade, particularmente a questão da aceitação e da não discriminação. Nessa análise busca-se constatar consensos e contradições no discurso, assim como alterações ao longo do tempo, adequação às mudanças de posições científicas, de leis morais ou do senso comum, entre outros. Também será observada a compatibilidade do discurso entre os textos do codificador do espiritismo, Allan Kardec, e dos expoentes contemporâneos da doutrina espírita.

Visamos avaliar se existe o que pode ser tida como a visão espírita sobre a homossexualidade, ou se apenas pode-se falar em posições de diversos líderes em momentos distintos. Buscamos a fazer um levantamento dessas representações sociais na documentação pesquisada e no imaginário dos entrevistados selecionados de forma qualitativa, com análise de conteúdo e discurso, e mesmo alguns elementos quantitativos. Há que se eliminar a dificuldade em tratar alguns dados de forma quantitativa, ou matemática em ciências sociais,

pois estas não tratam somente de dados qualitativos, como se houvesse uma oposição insuperável entre qualitativo e quantitativo, letras e números (PIRES, 2008, p. 49). Já a análise de conteúdo e discurso é descrita por Capelle, Melo e Gonçalves (2003, p. 9), em que mostram que a primeira se foca mais no texto, elementos linguísticos e morfológicos e a segunda no contexto.

A metodologia utilizada neste trabalho é qualitativa, compreendendo uma pesquisa documental para o levantamento de informações históricas do Espiritismo na França, no Brasil e em Sergipe, por ocasião do seu surgimento, e para o estudo do fenômeno da sexualidade e homossexualidade na literatura espírita. Foram objeto de análise as obras de Allan Kardec, Chico Xavier, Benjamin Aguiar e, pontualmente, de outros intelectuais e autores. Fundamento a nossa argumentação, realizamos uma pesquisa de campo, utilizando um questionário, o qual foi respondido por membros do movimento espírita, com o intuito de observar como são organizadas as representações sobre a homossexualidade.

Os capítulos do presente trabalho estão assim dispostos: no primeiro capítulo traçamos o histórico e estruturação do Espiritismo; são apresentadas as suas origens, como e por que ele surgiu na França, precedido pelos fenômenos ocorridos no Estados Unidos e em outros países da Europa, ainda no século XIX. Em seguida, tratamos do seu surgimento no Brasil e sua chegada em Sergipe. É apresentada, ainda, uma discussão sobre a natureza do espiritismo, enfrentando o senso comum de atribuí-la uma natureza tríplice de ciência, filosofia e religião. No segundo capítulo, apresentamos os conceitos basilares para o estudo e, em seguida, delineamos como estão estruturadas as representações sobre a homossexualidade nos pensamentos de alguns líderes do movimento espírita: são analisadas as visões de Allan Kardec, passando pelas obras de líderes espíritas nacionais como Chico Xavier, de especialista em psicologia sexual como Andrei Moreira, sem descuidar da análise dos discursos de espíritas heterodoxos, como Benjamin Teixeira.

No terceiro capítulo, que trata das representações sobre a homossexualidade dos integrantes do espiritismo, buscou-se extrair, por meio de entrevistas semiestruturadas e qualitativas, as ideias que permeiam o imaginário dos mais diversos integrantes do espiritismo em Aracaju, com objetivo de identificar consensos e dissensos nos agentes que compõem esse campo religioso. Segundo Manzini (2004, p. 2), entrevistas semiestruturadas são aquelas feitas a partir de perguntas básicas que se apoiam no tema a ser pesquisado e que podem ser exploradas de forma razoavelmente aberta, pois não estão condicionadas a um padrão de alternativas, e permite que se foque na relação investigador-investigado.

CAPÍTULO I

LINHAS GERAIS DO ESPIRITISMO

“Os Espíritos anunciam que chegaram os tempos marcados pela Providência para uma manifestação universal e que, sendo eles os ministros de Deus e os agentes de sua vontade, têm por missão instruir e esclarecer os homens, abrindo uma nova era para a regeneração da Humanidade.”

Allan Kardec, *O livro dos Espíritos*, p. 68.

1.1. Dos salões parisienses à codificação da doutrina espírita

1.1.1. As primeiras experiências

A primeira metade do século XIX foi marcada por manifestações espiritualistas no antigo e novo continente, que despertaram a curiosidade de intelectuais e letrados, causando burburinho nos salões aristocratas, nas arcadas acadêmicas e nas ruas das cidades. Os relatos de ruídos e movimentação de objetos, sem causa aparente ou explicação científica, eclodiam nos Estados Unidos, no Canadá, na Inglaterra, na França, na Alemanha, na Itália, dentre outros países, catalisando curiosos e estudiosos desses fenômenos. Essa sequência de eventos, atribuídos ao sobrenatural, foi denominada pelos espíritas de “invasão organizada” (DOYLE, 1994, p. 33), contrapondo-se às manifestações espíritas isoladas ou rarefeitas na

Antiguidade e na Idade Média. Tais acontecimentos ocorreram em 1848, na aldeia de Hydesville, condado de Wayne, na casa da família Fox, cujas filhas, Katherin (11 anos) e Margaret (14 anos), teriam servido de intérpretes dos espíritos causadores de tais manifestações (RODRIGUES, 2012, p. 39).

Na residência dos Fox, tida como “mal-assombrada”, eram ouvidas “arranhaduras” e pancadas desordenadas que, em momento posterior, passaram a seguir os comandos das irmãs Fox. Segundo relatos da época, as faculdades mediúnicas das irmãs foram reveladas pela suposta interação dos espíritos com as brincadeiras da irmã mais nova, Kate Fox:

[...] em 31 de março, os barulhos se repetiriam como nunca antes. Ruídos como pancadas seriam ouvidos, como se alguém estivesse “dentro” das paredes, esmurrando-as, fazendo-as estalar por dentro. A família Fox, que teria tomado precauções anteriores e teria de todas as maneiras tentado sanar o problema, ver-se-ia novamente sem saber o que fazer. Foi então que a filha mais jovem da família, Kate, de apenas 11 anos, teria dado um salto da cama e, batendo palmas, grita: ‘Sr. Pé-Rachado, faça o que eu faço’. Imediatamente, os sons desordenados parariam e repetiriam o número de palmas dadas pela jovem Kate. Outras “experiências” parecidas começariam a ser repetidas pela família na mesma noite, e todas teriam respostas análogas. Trinta e um de março de 1848, nascia no aposento de dormir do Sr. e Sra. Fox o *new spiritualism*, a grande influência religioso-investigativa do espiritismo (FERNANDES, 2008, p. 47).

A possibilidade de diálogo com os ruídos impulsionou a análise dessas manifestações “sobrenaturais” e o desenvolvimento de técnicas mediúnicas. Alguns vizinhos foram chamados a ajudar, e com eles se estabeleceu um jogo de perguntas e respostas: quem estava emitindo os sons, responderia a partir de um número de pancadas para “sim” ou “não”, e, a partir desse mecanismo, concluíram que o emissor seria o “espírito” de alguém que teria sido morto na casa e ali enterrado. Através desse jogo, o “espírito” revelou o nome do antigo inquilino, a causa da morte e a idade de então. Duesler, um dos vizinhos da família Fox, propôs um método relacionando uma certa quantidade de batidas à uma dada letra do alfabeto. Assim, quando alguém tocasse a letra que o “morto” quisesse comunicar, ouvia-se um arranhão na parede, logo, foi revelado o nome do defunto: Charles B. Rosma (FERNANDES, 2008, p. 48).

As experiências espiritualistas se proliferaram pela América do Norte e pela Europa, agregando novas técnicas mediúnicas que resultaram nos espetáculos das “mesas girantes”, “mesas dançantes” ou “dança falantes”, que entretinham e intrigavam as mais diversas pessoas, alcançando os salões parisienses ainda na primeira metade do século XIX. Tal fenômeno consistia em reuniões realizadas em residências de importantes centros urbanos, por volta da década de 1850, nas quais os médiuns usavam comandos em voz alta para ditar o deslocamento a ser seguido por mesas, assim como perguntas a serem respondidas por batidas produzidas por estas mesas, correlacionadas com letras do alfabeto: uma batida significava letra “a”, duas batidas a letra “b” e assim sucessivamente, uma espécie de *Código Morse*³. A causa dos movimentos era atribuída a “espíritos desencarnados”, de acordo com respostas extraídas pelos médiuns dessas comunicações codificadas com as “mesas falantes”⁴.

Essas reuniões causaram repercussões positivas e negativas, provocando *frisson* entre nobres e humildes, cientistas e leigos, céticos e até mesmo entre clérigos. Os jornais da época abordavam os espetáculos das “mesas *parlantes*” com ironia, como documentou Marcel Souto Maior (2014, p. 15) sobre a edição de jornal *L'Illustration* de 14 de maio de 1853, que relatou: “Só se ouve falar, por toda parte, de mesa que gira: o próprio Galileu fez menos ruído no dia em que provou ser realmente a Terra que gira em torno do Sol.” Nem mesmo Karl Marx (1818-1883) deixou passar sem comentários as reuniões em torno das mesas que se moviam:

depois de sofrerem com a derrota das revoluções de 1848 e 1849, os europeus se viram num período da mais obscura política reacionária. “Enquanto, nesse tempo, as rodas aristocráticas e também as burguesas se entusiasmaram pelo espiritismo, especialmente por fazer a mesa andar, desenvolveu-se na China um poderoso movimento de libertação antifeudal, [...] (MARX, 1988, p. 70).

No meio acadêmico, vários cientistas se preocuparam em analisar os fenômenos espiritualistas, nomes como: Michel-Eugène Chevreul (1786–1889), físico e químico francês; Antoine Joseph Jobert de Lamballe (1799 – 1867), cirurgião francês; Michael Faraday (1791–

³ O Código Morse representa os caracteres através de “pontos e traços” correspondendo estes a impulsos eléctricos e resultando daí sinais acústicos ou luminosos de uma certa duração. (Cf. <https://student.dei.uc.pt/~hsalgado/CP/artigo.htm>).

⁴ Para aprofundamento no tema, consultar WANTUIL, Zeus. As mesas girantes e o espiritismo, 1959.

1867), físico e químico inglês; Jacques Babinet (1794–1872) – físico e astrônomo, membro da Academia das Ciências de Paris, apresentaram explicações variadas, apontando como causa dos deslocamentos das mesas desde leves movimentos inconscientes da musculatura dos participantes, fluido magnético e até efeitos desconhecidos da eletricidade. A popularidade dos experimentos espiritualistas atraiu um grande número de ilusionistas, alguns forjavam, por meios fraudulentos, a movimentação de objetos inanimados. Misturados estavam aqueles que seriamente buscavam explicações científicas ou ensinamentos sobrenaturais e aqueles que buscavam fama e dinheiro em espetáculos de ilusionismo, contribuindo para o descrédito dos fenômenos espiritualistas.

Foi nesse contexto que Hippolyte Léon Denizard Rivail (1804-1869), renomado pedagogo e intelectual francês do seu tempo⁵, participou em maio de 1855, depois de muita resistência e desconfiança, de uma reunião na qual se evocava a movimentação espontânea de mesas e de cestos sobre placas de ardósia (rocha acinzentada usada como lousa na época). A sessão ocorreu na casa da Sra. Plainemaison, à rua Grange Batelière, número 18, em Paris. Naquela noite, mesas giraram e cestos se moveram formando palavras, num ensaio ainda imperfeito de escrita mediúnica, sem qualquer sinal aparente de fraude, inquietando o pedagogo e levando-o a cogitar a possibilidade de algo sério por detrás daqueles eventos incomuns, como a atuação de forças inteligentes, e concluir que esses eventos mereciam um cuidadoso estudo com a aplicação de métodos científicos (MAIOR, 2014, p. 30 e 31; ZALMINO, 2013, p. 24).

1.1.2. As primeiras obras

Apresentado às irmãs Baudin, Caroline (16 anos) e Julie (14 anos), o Rivail passou a frequentar as reuniões na casa de seus pais, na rua Rochechuart, onde a escrita mediúnica ganhou agilidade pelo uso de lápis pelas médiuns, inicialmente preso a cestos e posteriormente em mãos. A partir de então, o pedagogo se dedicou à análise desses fenômenos, participando de diversas reuniões em casas distintas, fazendo as mesmas

⁵ “O nome Hippolyte Léon Denizard Rivail, ou melhor suas iniciais, H.L.D Rivail, estampavam as capas de mais de 20 livros didáticos adotados por escolas e universidades da França. Seu primeiro livro curso prático e teórico de aritmética, lançado aos 18 anos, seria republicado como obra de referência ao longo de cinco décadas. Como epígrafe uma citação do filósofo Michael de Montaigne: ‘Não se trata de ser mais um sábio, mas o melhor sábio’ (MAIOR, 2014, P.18).”

perguntas a diferentes médiuns e, por vezes, obtendo as mesmas respostas com idênticas palavras. A esse material colhido adicionou, à sua análise, aproximadamente cinquenta cadernos, com anotações de mensagens obtidas em sessões mediúnicas dos interlocutores invisíveis, que lhes foram entregues pelo Sr. Carlotti, no intento de que o professor avaliasse o material (MAIOR, 2014, p. 67).

Incumbido pelos interlocutores invisíveis da missão de “organizar e divulgar uma nova doutrina, capaz de revolucionar o pensamento científico, filosófico e religioso” (MAIOR, 2014, p. 68), Rivail se empenhou em analisar, catalogar e organizar o material reunido, culminando com a publicação de sua primeira obra em 1857, *Le Livre des Esprits* (LE), utilizando-se do pseudônimo de Allan Kardec, adotado com o intuito de separar o seu passado profissional e não comprometer o nome da sua família. A adoção de um pseudônimo também teria uma explicação religiosa: em uma sessão mediúnica na casa das irmãs Baudin, Zéfiro (ou *Zephyr*), espírito protetor do professor, teria lhe revelado que em encarnação anterior, nas Gálias, na época do imperador Júlio César entre os anos 58 e 44 antes de Cristo, ele era chamado de Allan Kardec, tempo em que se dedicava ao ensino e à filosofia, como druida⁶ na sociedade celta (MAIOR, 2014, p. 77 e 78).

Com o lançamento de *LE* surge a Doutrina Espírita ou “espiritismo” - o espiritismo kardecista - termo cunhado por Kardec, conforme sustentam alguns autores a partir da interpretação de parte introdutória dessa obra inaugural na qual consta:

[...] para designar coisas novas são necessárias palavras novas; assim exige a clareza de uma língua, para evitar a confusão que ocorre quando uma palavra tem múltiplo sentido. As palavras espiritual, espiritualista, espiritualismo têm um significado bem definido, e acrescentar-lhes uma nova significação para aplicá-las à Doutrina dos Espíritos seria multiplicar os casos já tão numerosos de palavras com duplo sentido. De fato, o espiritualismo é o oposto do materialismo, e qualquer um que acredite ter em si algo além da matéria é espiritualista, embora isso não queira dizer que creia na existência dos Espíritos ou em suas comunicações com o mundo material. **Em vez das palavras espiritual, espiritualismo, utilizamos, para designar a crença nos Espíritos, as palavras espírita e Espiritismo**, que lembram a origem e têm em si a raiz e que, por isso mesmo, têm a vantagem de ser perfeitamente inteligíveis, reservando à palavra espiritualismo sua significação própria. Diremos que a Doutrina Espírita ou o Espiritismo tem por princípio a relação do mundo material com os Espíritos ou seres do

⁶ Sacerdote celta, de grande influência política, que acumulava funções de educador e juiz (Cf. Dicionário eletrônico Houaiss. Editora Objetiva, Rio de Janeiro, 2009).

mundo espiritual. Os adeptos do Espiritismo serão os espíritas ou, se quiserem, os espiritistas (KARDEC, 2013a, p. 13, grifo do auto).

Outra interpretação é que o termo “espiritismo” não foi cunhado por Allan Kardec. Este, ao mencionar na parte introdutória do *LE*, que para coisas novas são necessários novos termos, o fez com intuito de obter clareza, concluindo que a doutrina que iniciava a codificação com este livro deveria ser denominada “espiritismo”, apenas optando por se utilizar de um termo criado há pouco tempo, de um termo novo na acepção de algo que surgiu recentemente e que estaria despidido de polissemia, como estava o espiritualismo.

De fato, na introdução do *LE*, Kardec não afirma que criou o termo “espiritismo” de forma expressa. Essa segunda interpretação tem substrato no fato de que houve obras publicadas em anos anteriores que utilizaram a palavra “espiritismo”, e, como consequência lógica, não foi este termo um neologismo criado por Kardec. A prova disso é que em 1854, três anos antes do *LE* foi publicado *The Apocatastasis, or, Progress Backwards: a new tract for the times* de Chauncey Goodrich Burlington (MARSH, 1854, pp. 67ss.), no qual o termo “spiritism” aparece nove vezes. No mesmo ano foi publicado o *The spirit-rapper: an autobiography*, escrito por Orestes Augustus Browson (BROWNSON, 1854, p. 294), no qual o termo “*spiritism*” novamente aparece.

Não se pode afastar a hipótese de que Kardec estando na França no século XIX, período em que a circulação de informações e de obras entre diferentes continentes era lenta em comparação com os tempos atuais, não tenha tido contato com as obras publicadas nos Estados Unidos que utilizaram o termo “espiritismo”. Desta forma, por não ter tido contato com as referidas obras americanas, pode ter achado que estava criando uma nova palavra.

O *LE*, marco inicial do espiritismo, foi estruturado no formato de perguntas e respostas sobre questões filosóficas e metafísicas que em todos os tempos permearam a curiosidade humana, abordando temas como a criação, sofrimento humano e o destino na visão espírita, sendo a base fundamental da doutrina espírita e no qual foi delineado o arcabouço geral da teoria. Sua primeira publicação trouxe o conteúdo inicial da doutrina, tinha 501 perguntas e respostas, divididas em três partes, enquanto que a segunda edição, de 1860, o livro passou a conter 1.019 perguntas e respostas, distribuídas em quatro partes: *Das Causas Primárias; Mundo Espírita ou Dos Espíritos; Das Leis Morais; Das Esperanças e Consolações*.

Essa primeira obra de Kardec foi adquirida, em sua grande maioria, pela classe operária: “foi primeiramente a classe trabalhadora – *la classe ouvrière* – que mais se identificou com a obra, comprando-a e fazendo dela seu livro de cabeceira” (ARRIBAS, 2009, p. 31), em contraste com o fenômeno das “mesas dançantes”, diversão ou prática que foi apreciada pelas classes mais abastadas da França do século XIX.

Ainda no ano de 1858, Kardec fez circular a primeira edição da *Revista Espírita*. Nela, foi ofertada uma “tribuna livre” a todos os interessados na doutrina, eles poderiam participar por meio de cartas ou mesmo visitas ao codificador, expondo suas dúvidas, suas inquietações, narrando fatos de supostas manifestações espirituais. Também na revista, os fatos e hábitos da sociedade do século XIX passaram a ser debatidos e refletidos à luz dos princípios e regras da doutrina espírita. Com publicações mensais, Kardec dirigiu esse veículo de comunicação de 1858 a 1869, ano de seu falecimento, dedicando-se intensamente aos estudos dos fenômenos espíritas, não apenas pela interação com os espíritos desencarnados, como também com os seus leitores.

Prosseguiu na divulgação e consolidação da doutrina espírita com outras quatro obras fundamentais: *O Livro dos Médiuns*; *O Evangelho Segundo o Espiritismo*; *O Céu e o Inferno*; e *A Gênese, os milagres e as predições segundo o espiritismo*. Em *O Livro dos Médiuns* (1861), Kardec transcreve suas experiências com os médiuns e com a mediunidade, estabelece métodos para a prática mediúnica, ressaltando os cuidados na hora da interpretação dos depoimentos. Em *O Evangelho Segundo o Espiritismo* (1864) – passagens do *Novo Testamento* são interpretadas de acordo com o depoimento dos espíritos. *O Céu e o Inferno* (1865) – trata da justiça divina na visão espírita e, *A Gênese, os milagres e as predições segundo o espiritismo* (1868) – trata da imutabilidade das leis divinas; completando o pentateuco espírita.

Kardec publicou ainda outras obras sobre espiritismo, como *O que é o Espiritismo* (1859), voltada para iniciantes, por organizar de forma resumida os principais ensinamentos espíritas, e *O Espiritismo em sua expressão mais simples* (1862), contendo o histórico do espiritismo e as linhas mestras da doutrina espírita. Com base em escritos deixados pelo codificador, em 1890, foram publicadas as *Obras Póstumas*, narrando os bastidores da formação da doutrina espírita.

A expansão do espiritismo carecia de estatísticas oficiais, levando Kardec a montar um censo informal no início de 1869, tendo por base, dentre outros critérios, a farta

correspondência recebida dos diversos cantos do mundo, que demonstravam o sucesso da doutrina em apenas doze anos. Nos Estados Unidos se concentraram a maior parte dos adeptos, aproximadamente 4 milhões, quatro vezes mais que a Europa com 1 milhão, sendo que desses, 600 mil na França, totalizando uma estimativa aproximada de 6 ou 7 milhões em todo o mundo (MAIOR, 2014, p. 341).

Com a morte de Kardec, em 31 de março de 1869, sem a sua vigilância e sua militância, a doutrina espírita sofreria perdas e abalos, na Europa e nos Estados Unidos (MAIOR, 2014, p. 354). O seu sucessor na direção da *Revista Espírita*, Leymarie, enfrentaria o banco dos réus, sendo processado e condenado pela justiça francesa por fraude. Completa oposição do caminho trilhado pelo espiritismo no Brasil, onde encontrou campo fértil para se tornar a capital do espiritismo no mundo.

1.2. Surgimento do espiritismo no Brasil e em Sergipe

1.2.1 . A doutrina espírita em terras brasileiras

Por volta de 1860, a obra inaugural da doutrina espírita publicada por Kardec começa a ser discutida em grupos da elite brasileira, franceses e brasileiros que tinha acesso ao estrangeiro, sendo tema de debate por um período no jornal francês editado no Rio de Janeiro: a “roda do *Courier du Brésil*” (FERNANDES, 2008, p. 83). Nesses primeiros anos em terras nacionais, o espiritismo adquiriu um caráter mais elitista por ter aqui aportado por meio de livros na língua francesa, mais acessíveis aos membros das classes abastadas e letradas (PAIVA, 2009, p. 66).

A primeira tradução do *LE* para a língua portuguesa só acontece no ano de 1875, pelo médico Joaquim Carlos Travassos, sob o pseudônimo de Fortúnio. Dez anos antes, em 1865, Telles de Menezes, grande propagador do espiritismo no Brasil, publicou um opúsculo *O espiritismo – introdução ao estudo da doutrina espírita*, contendo páginas traduzidas por ele da 13ª edição de *LE*, difundindo as ideias espíritas para além das rodas intelectuais. Com o passar do tempo, a prática espírita orientou-se pelo viés religioso, baseado na caridade e em práticas terapêuticas, chegando às classes mais baixas (OLIVEIRA, 2011, p. 26). Telles, no mesmo ano, organizou em Salvador (BA) a primeira sessão espírita do Brasil, fundando nesta cidade o primeiro centro espírita brasileiro: *Grupo Familiar do Espiritismo* (LACERDA

FILHO, 2005, p. 35). Foi ele também responsável pelo lançamento e direção do primeiro periódico dedicado à doutrina espírita em solo brasileiro, o *Echo d'Além Túmulo*, em junho de 1869.

Como ocorreu na França, no Brasil, o espiritismo foi absorvido e desenvolvido de diversas formas, por diferentes classes e ênfases, cada esfera social destacou umas dentre as várias vertentes do espiritismo, e, conforme o período ou contexto, destacou-se como filosofia, remotamente como uma tentativa de ciência, nas pegadas da proposta de Kardec, prevalecendo, entretanto, como religião. Se hoje o espiritismo é conhecido, mesmo que “minimamente” como uma religião sistematizada entre as mais diversas ofertas no mercado religioso nacional, “é porque por detrás de todo esse processo de sua introdução e legitimação no Brasil, um grupo frente aos demais conseguiu vencer a disputa e alcançar assim a posição estatutária de ditar o que seria (ou não) espiritismo” (ARRIBAS, 2009, p. 40).

O kardecismo foi recepcionado em um primeiro momento como uma tendência político-filosófica, uma das faces presente em todas as religiões. Em associação com o socialismo, a reencarnação e a pluralidade de existências das almas no processo evolutivo, explicava a diferença de classes. Essa vertente político-filosófica contribuiu para o crescimento inicial do espiritismo no Brasil, e fez com que este não fosse visto como uma ameaça religiosa a ser combatida pela Igreja Católica, religião oficial nesse período histórico no país. A faceta religiosa, entretanto, foi a que predominou em razão da cultura mística que marca o povo brasileiro, formado em sua base por religiões afrodescendentes e crenças indígenas, ambas marcadamente mágicas e ritualísticas. Seja na elite, seja nas classes baixas, os adeptos do espiritismo não negaram ou se desvincularam de sua religião católica; a dupla pertença sempre fez parte das reuniões espíritas, característica comum do campo religioso brasileiro.

Uma organização institucional do espiritismo no Brasil só veio a acontecer anos depois, quando Augusto Elias da Silva, no dia 02 de janeiro de 1884, fundou a Federação Espírita Brasileira. A época era de oficialidade da religião católica, sendo os trabalhos da federação conduzidos na residência de seu fundador, na rua da Carioca, n.º 120, na cidade do Rio de Janeiro. Mesmo que a Constituição do Império garantisse a liberdade religiosa de não-católicos, limitava as religiões não oficiais à prática doméstica, proibindo a criação de templos ou manifestações de caráter público, como se infere do artigo 5º do texto constitucional de 1824:

Art. 5º A religião Católica Apostólica Romana continuará a ser a religião do Império. Todas as outras religiões serão permitidas com seu culto doméstico ou particular, em casas para isso destinadas, sem forma alguma exterior de templo (CONSTITUIÇÃO BRASILEIRA, 1824)

A disseminação do espiritismo por reuniões em residências, se justificava na época do Brasil Imperial em razão do monopólio religioso exercido pela Igreja Católica - uma vez que o catolicismo era a religião oficial do país - hábito este que se mantém até os dias atuais. Outro elemento fundamental na disseminação do espiritismo, em termos de seguidores, foi a relação com vários médiuns que se dedicaram à cura, especialmente de doenças mentais. A relação entre o Espiritismo e cura é notadamente forte desde a sua origem; são recorrentes a atuação de espíritos no atendimento a doenças, e a confiança depositada aos médiuns e líderes espirituais. Alguns nomes podem ser lembrados: O Batuira, Antonio Gonçalves da Silva (1839-1909); Cairbar Schutel (1868-1938); Elfêgo Nazario Gomes (1881-1937), o irmão Fêgo, em Sergipe (OLIVEIRA, 2011, p. 49). Em relação às práticas curativas, constata-se que médiuns se tornaram famosos afirmando incorporar espíritos de médicos, dentre eles o alemão Dr. Adolph Fritz, que atuou na Primeira Guerra na Alemanha, em sua última encarnação. (OLIVEIRA, 2011, p. 48)

Nesse cenário de expansão do espiritismo no Brasil, foi fundamental a vida e obra de Francisco de Paula Cândido Xavier (1910 - 2002), o Chico Xavier, considerado o principal médium brasileiro, cuja influência na cultura nacional, e no espiritismo em particular, transformando-o no maior país espírita do mundo (SOUTO MAIOR, 2003, p. 266). Sua projeção nacional atingiu um grande contingente de pessoas ao participar de programas televisivos na extinta TV Tupi, numa época politicamente opressora, pela publicação de inúmeros livros psicografados e outros de sua autoria, pela retratação de sua vida ou de fatos de sua vida em filmes, revistas e outros meios de comunicação de massa.

Esse médium brasileiro recebeu sua primeira mensagem psicografada com 17 anos de idade e, com 22 anos, psicografou seu primeiro livro, *Parnaso de Além-Túmulo* (1932), seguido da publicação de mais de 450 livros cujas ideias Chico Xavier atribuiu a espíritos desencarnados. Sua obra tornou-se estrutura básica literária da escrita espírita no Brasil (RODRIGUES, 2012, p. 71); parte de seus livros foram traduzidos para outras línguas, sendo utilizados como subsidiárias aos estudos espíritas nos diversos continentes. A

influência desse médium e ícone nacional do espiritismo pode ser medida pela conscientização e transformação que seus livros promoveram. O número de livros vendidos foram aumentando gradativamente, sendo que a Federação Espírita Brasileira computa cerca de 40 milhões de exemplares (RODRIGUES, 2012, p. 72), dentre os mais vendidos estão *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, com 3.878.000 de exemplares, e *Nosso Lar*, ditado pelo espírito André Luiz, com 1,6 milhão de exemplares.

1.2.2 . A doutrina espírita em Sergipe

Uma pesquisa mais densa sobre espiritismo em Sergipe está em fase embrionária⁷, restrita aos trabalhos a alguns poucos registros feitos por José Martins Peralva (1918-2007) e os trabalhos acadêmicos de Joacenira Helena Rodrigues de Oliveira (2008 e 2011). Embora Peralva tenha nascido em terras sergipanas, na cidade de Boquim, foi em Minas Gerais que efetivamente se engajou no espiritismo, sendo uma das figuras mais destacadas do movimento. Teve a sua primeira experiência sob a assistência e orientação diretas de seu pai Basílio Martins Peralva, um dos pioneiros da doutrina espírita em Sergipe, excepcional médium e curador espanhol.

Sua infância e adolescência foram enriquecidas por presenciar fatos extraordinários e contato com a doutrina, o que lhe propiciou uma formação espírita kardecista. Chegando em Belo Horizonte, em setembro de 1949, agregou-se ao movimento juvenil. Escreveu cinco obras de cunho evangélico-doutrinárias: *Estudando a Mediunidade*, *Estudando o Evangelho*, *O Pensamento de Emmanuel*, *Mediunidade e Evolução e Mensageiros do Bem*, e colaborou com jornais e periódicos espíritas, escrevendo por muitos anos sobre a doutrina espírita para o *Matutino*, principal jornal mineiro⁸.

Segundo este autor, o movimento espírita se estabeleceu em Sergipe por volta do início do século XX, de acordo com reportagem publicada no Anuário Espírita (1970), por volta dos anos 1880 e 1890. Teve como cidades-berço Laranjeiras e Estância, locais com uma

⁷ Os historiadores estão devendo um trabalho que aborde o histórico do espiritismo em Sergipe carece de pesquisas. O tema é superficialmente abordado somente nos trabalhos de Antônio Monteiro de Jesus, em *Memórias: Excertos do Movimento Espírita Pioneiro em Sergipe* e por Joacenira Helena Rodrigues de Oliveira, em *Visão de Mundo' no Espiritismo kardecista: uma Perspectiva Sócio-Cultural*, ambos utilizados nesta pesquisa.

⁸Conforme Federação Espírita Brasileira. Disponível em <http://www.febeditora.com.br/autores/martins-peralva/>.

população mais densa do Estado à época, onde se constatava tendências de uma vida urbana e mais receptivas às novas ideias religiosas. Aracaju havia se tornado capital a pouco tempo (OLIVEIRA, 2008, p. 27). Somente em 1903 é que, na nova capital, foi constituído o primeiro centro de estudos espíritas que se tem notícia com relativa segurança, na residência de Seroa da Mota, na antiga praça da Matriz, atual praça Olímpio Campos. Neste local eram realizadas sessões mediúnicas e estudos dos livros de Allan Kardec: *O Evangelho segundo o Espiritismo* e *O Livro dos Espíritos*. (MONTEIRO DE JESUS, 1997, p. 04).

Sem de distanciar da praxe dos primeiros anos do espiritismo no Brasil e no mundo, em terras sergipanas sua difusão aconteceu preliminarmente nos lares. Como frisa Cavalcanti (1983, p.148): “Historicamente, os lares foram seus focos de difusão, e, ainda hoje, embora exista orientação da Federação no sentido de que se evitem determinadas reuniões nos lares (basicamente as de caráter mediúnico), eles permanecem ativos. Esta realidade ampliou as atividades e os participantes, resultando em novos centros espíritas, como aconteceu com: *O Caminho da Redenção*, Bezerra de Menezes e a *Casa da Fraternidade*. Sobre esse início, Peralva aponta dois fatores: a palavra e as curas. A primeira por estar ligada com a comunicação entre os seres humanos, e por ser ela o veículo de transmissão dos ensinamentos dos espíritos mais iluminados; a segunda por retratar uma das formas de expressão da caridade espírita. Nomes como Basílio Martins Peralva, pai de José Martins Peralva, e Elfêgo Nazário Gois ganharam notoriedade nacional, atraindo pessoas de lugares e classes sociais distintas (OLIVEIRA, 2008, p. 27).

Outro destaque do espiritismo sergipano foi o médium Elfêgo Nazario Gois (1881 -1937), conhecido como irmão Fêgo, um modesto funileiro que realizava curas no começo do século XX, distribuindo água do quintal de sua casa, localizada no atual bairro Siqueira Campos (antigo Aribé), na Rua Goiás, número 18. Ao seu redor se reuniam pessoas de diferentes classes sociais: cegos, aleijados, doentes físicos e morais, que procuravam a cura, grupo que aumentava a cada dia em busca de ajuda, expandindo o espiritismo sergipano (OLIVEIRA, 2008, p. 27). Peralva (1970) enfatiza que irmão Fêgo curou paralíticos e cegos, mudos começaram a falar e surdos a ouvir. “O grupo Espírita ‘Irmão Fêgo’, como todo movimento espírita em Aracaju, cresceu, tomou dimensões, nada lhe desviava a caminhada” (JESUS. 2006). O Grupo Espírita Irmão Fêgo foi criado em 1918, com nome inicial de Grupo Espírita Humildade, outra entidade pioneira de estudos espíritas em Sergipe. Nesse passo, o espiritismo sergipano foi crescendo e ganhando expressão em todas as classes.

A proporção de seguidores e visitantes chamou a atenção de algumas denominações religiosas que começaram a perseguir espíritas em Sergipe, alegando curandeirismo. Pela conjectura religiosa do nosso país e sua diversidade, é possível supor que as perseguições não tiveram por real motivação as curas realizadas pelo irmão Fêgo, estando relacionadas a “disputas” de seguidores e fiéis. Foi a partir daí, por volta de 1925 e 1926, que o espiritismo sergipano buscou ser reconhecido legalmente, o que não afastou as perseguições. As primeiras instituições espíritas sergipanas foram: *Obreiros do Senhor; Amor e União e Centro Espírita Humildade*. Com o crescente número de seguidores e adeptos, começou a surgir uma preocupação em torno da criação de uma unidade que pudesse integrar vários centros, o que ocorreu em 09 de setembro de 1930, com a criação da sociedade fusionada: “União Espírita Sergipana”. “Essas organizações não foram inscritas em registros públicos de pessoas jurídicas, constam apenas atas e registros dos sócios, como uma ‘organização de fato’, mas não juridicamente constituída”. (MONTEIRO, 1997, p. 20).

A Federação Espírita do Estado de Sergipe, por sua vez, foi fundada em 5 de novembro de 1950, sob orientação da “Caravana da Fraternidade”, programa de unificação do movimento espírita no Brasil. Atualmente, de acordo com dados desta federação, existem 49 centros espíritas “adesos”⁹ no interior do Estado de Sergipe e 43 centros e hospitais espíritas em Aracaju.

1.3. A natureza do Espiritismo

A natureza da doutrina espírita é uma questão polêmica, sendo protocolar a afirmação, de seus membros, de que o espiritismo tem o triplice aspecto: ciência, filosofia e religião. Nas obras de Kardec não consta expressamente a afirmação dessa tripla natureza, nem a descrição dessas três qualidades em um mesmo trecho. O que se verifica são diferentes parágrafos, por vezes contraditórios, sobre a natureza do espiritismo.

Tratando o espiritismo como ciência, Kardec afirma que a doutrina espírita foi formada a partir de instruções dadas por espíritos de categoria elevada, versando sobre todos os assuntos que interessam à humanidade, ensinamentos estes que foram recolhidos a partir de supostas comunicações mediúnicas e metodologicamente organizadas, “constituindo toda uma

⁹ Terminologia utilizada pela Federação Espírita do Estado de Sergipe para denominar os centros ou hospitais espíritas a esta filiados.

ciência, toda uma doutrina moral e filosófica, sob o nome de Espiritismo”. (KARDEC, 1989, p. 8).

O aspecto científico atribuído por Kardec à doutrina espírita se distancia do senso comum de ciência humana¹⁰, resguardando apenas pontos de semelhança no tocante ao método experimental de análise e categorização dos fenômenos mediúnicos, que aplica critérios científicos. Entretanto, a aplicação de alguns métodos científicos em determinada doutrina não a torna uma ciência. Ademais, constata-se que a palavra ciência é usada de forma “atécnica”, ou extremamente ampla, em que haveria uma “ciência celeste” atribuída aos espíritos desencarnados, e a ciência terrestre, elaborada pelos seres humanos. Nas palavras de Kardec, “a ciência terrestre bem pouca coisa é, ao lado da ciência celeste. Só os Espíritos superiores possuem esta última ciência” (KARDEC, 2013b, p. 328).

Como filosofia, da mesma forma, não seria na acepção comum de reflexão dos seres humanos sobre sua existência e fatos a esta concatenados; sua abrangência é mais ampla por se relacionar constantemente com elementos metafísicos e extrair seus princípios e regras de ensinamentos supostamente transmitidos por habitantes do mundo espiritual. Não se trata de uma reflexão exclusiva dos seres humanos a partir de elementos do mundo físico, mas de uma reflexão com elementos transcendentais se aproximando de uma religião, ou como denomina Kardec, uma filosofia espiritualista ou, em outros termos, filosofia dos espíritos: “Como especialidade, o *LE* contém a Doutrina Espírita; como generalidade, prende-se à doutrina espiritualista, uma de cujas fases apresenta. Essa a razão por que traz no cabeçalho do seu título as palavras: filosofia espiritualista” (KARDEC, 2013a, p.13).

No que toca à natureza religiosa do espiritismo, a contradição das formulações de Kardec torna-se patente. Sustenta que o espiritismo tem um viés religioso ao assumir as premissas comuns a todas as religiões, como a existência de Deus, a imortalidade, as penas e as recompensas futuras (KARDEC, 1989, p. 9). Que, “no sentido filosófico o Espiritismo é uma religião [...] porque é a doutrina que funda os elos da fraternidade e da comunhão de pensamentos, não sobre uma simples convenção, mas sobre bases mais sólidas: as mesmas leis da natureza” (KARDEC, 2004k, p. 491)

¹⁰ A expressão ciências humanas é aqui utilizada na acepção ampla e atécnica de ciências desenvolvidas pelos seres humanos, em oposição à ciência celeste, expressão trazida por Kardec em suas obras, e repetida por médiuns e autores espíritas como Chico Xavier, ao supostamente psicografar as ideias do espírito André Luiz, que traduz os conhecimentos difundidos por espíritos desencarnados.

Em percurso diametralmente oposto, por não haver no espiritismo estrutura hierárquica eclesiástica, formas de cultos padronizadas, construção de templos ou de dogmas particulares, usuais nas religiões, Kardec defendia que o espiritismo não era uma religião (KARDEC, 2013a, p. 9), caracterizando-o como ciência que experimentava e teorizava fenômenos extraordinários (ou ainda não compreendidos pelos seres humanos), ou mesmo como doutrina filosófica e moral, com o viés de expor e justificar a necessidade de leis morais como estruturantes da conduta social, que facultava ao ser humano reflexões acerca do autoconhecimento.

À época do surgimento e maturação do espiritismo, século XIX, a França estava imersa nas ideias do iluminismo e do cientificismo que, nesse país, foram absorvidas comopositoras das ideias religiosas. Atribuir uma roupagem científica ao espiritismo tornaria este palatável a seus contemporâneos, elemento essencial de aceitação dessa doutrina no contexto histórico do codificador. Outra explicação acerca das controvérsias sobre a natureza do espiritismo seria a falta de conhecimento completo, ou ao menos robusto, o dos fenômenos mediúnicos por Kardec. Sendo incipientes os estudos sobre as supostas comunicações com os espíritos, seria necessário tempo para categorizar essa doutrina e concluir pela sua natureza.

O texto da primeira edição da *Revista Espírita* (jornal de estudos psicológicos), em janeiro de 1858, reflete essa preocupação do codificador da Doutrina Espírita em conferir uma categoria ao seu estudo. Não sendo possível ainda delimitar a natureza da pesquisa em seu início, Kardec atribui a doutrina espírita o rótulo de ciência, por ela ter surgido da observação de fenômenos que considerava naturais e, conseqüentemente, passíveis de experimentação e teorização. Nesse primeiro momento, ele justifica o Espiritismo como ciência, por conta do estudo sistemático que fez de fatos observáveis. E, ao considerar o viés religioso do espiritismo, demonstra ter consciência de que a sua pesquisa está no plano do sobrenatural e, nesse contorno, estaria fora das justificativas das leis naturais conhecidas pela ciência (RODRIGUES, 2012, p. 47).

Nos dias atuais, não há dúvida sobre a possibilidade de classificação do espiritismo como religião, ainda que não exista, na difusa gama de conceitos sobre religião, elementos estanques ou mínimos para sua configuração. De acordo com Durkheim¹¹, teórico

¹¹ Não há maiores controvérsias de ser o Espiritismo Kardecista um fato religioso, razão pela qual não nos estendemos na análise desse ponto e julgamos desnecessários contemplar outras definições sobre religião neste trabalho. Ademais, a natureza do espiritismo não é o objeto desse trabalho, que foca em colher e apresentar as

adotado neste trabalho para conceituação do termo, a religião é um sistema coletivo de crenças e práticas ritualísticas, tendo (ou não) um Deus transcendente, descrição em que se amolda o espiritismo. Nesse sentido, afirma que,

na base de todos os sistemas de crenças e de todos os cultos deve, necessariamente, haver certo número de representações fundamentais e de atitudes rituais que, apesar da diversidade das formas que umas e outras puderam assumir, apresentem, por toda a parte, o mesmo significado objetivo e também por toda a parte, exerçam as mesmas funções. São esses elementos permanentes que constituem o que existe de eterno e humano na religião; formam todo o conteúdo objetivo quando se fala da religião em geral (DURKHEIM, 2008, p. 33).

No Brasil, as novas configurações assumidas pelo espiritismo kardecista, com enfoque na atividade social relacionada com o sagrado e o sobrenatural (RODRIGUES, 2012, p. 17), distanciado das reflexões sobre a existência humana, reforçaram sua natureza religiosa. O espiritismo brasileiro viu seu lado religioso ser o fundamento que sustentaria os outros dois aspectos da doutrina, fornecendo o seu plano de justificação tanto para a ciência como para a filosofia. “As experiências místicas seriam apropriadas tanto por intelectuais, como pelas camadas populares, num processo que fez do Espiritismo, originalmente uma filosofia, uma religião” (RODRIGUES, 2012, p. 23)

Como corolário da tríplice estrutura do espiritismo: ciência, filosofia e doutrina; existem, nos dizeres de Kardec, três classes de adeptos: “1º) os que creem nas manifestações e se limitam a constatar-las: assumindo o espiritismo com uma ciência de experimentação; 2º) os que compreendem as consequências morais; 3º) os que praticam ou se esforçam por praticar essa moral” (KARDEC, 2013a, p. 346); conforme o seu alinhamento sob o ponto de vista científico, moral ou transcendental. Os espíritas não necessariamente se filiam a todos os aspectos do espiritismo, por vezes engajam-se uma de suas facetas (ou mesmo parte destas). O lado religioso no espiritismo brasileiro religioso aparece com mais frequência, seja pelo

representações sociais sobre homossexualidade dos integrantes do movimento espírita em Aracaju, Sergipe. Para aprofundamento sobre o conceito de religião há uma ampla bibliografia, das quais podemos citar: OTTO, Rudolf. O sagrado: os aspectos irracionais na noção do divino e sua relação com o racional. São Leopoldo: Sinodal/Est; Petrópolis: Vozes, 2007; STARK, Rodney; BAINBRIDGE; Uma Teoria da religião. São Paulo: Paulinas, 2008; HOCK, Klaus. Introdução à Ciência da Religião. São Paulo: Loyola, 2010; TILLICH, Paul. Teologia da Cultura. São Paulo: Fonte Editorial: 2009.

estudo do Evangelho, pelas práticas mediúnicas, pelos passes espirituais, pelas práticas curativas, ou pela busca da legitimação social por meio da caridade, um dos valores fundamentais do espiritismo. A caridade é tida como um elemento que une as ações individuais e coletivas, gerando um sentimento de pertencimento ou busca de um bem maior (RODRIGUES, 2012, p. 57).

A moral espírita era embasada na moral cristã. A ênfase estava na moral e não na estrutura institucional das religiões que ajuda a explicar esse certo distanciamento, mesmo que muitos elementos morais sejam justamente associados ao viés religioso do espiritismo. A caridade ou preocupação com os outros é associada à igualdade material na visão espírita. Não se trata de que todos têm os mesmos bens materiais, mas de que todos tenham igualdade de oportunidades, assim como acesso aos bens minimamente necessários.

Assim, o Espiritismo defende uma sociedade onde todos tenham o necessário para viver dignamente, traduzindo na linguagem atual, uma sociedade na qual todos tenham saúde, educação, transporte, lazer, cultura, trabalho, informação, e não uma sociedade padronizada ou em que todos tenham as mesmas coisas e na mesma quantidade. Isto pela lógica doutrinária é inconcebível pois nela é da natureza humana que as pessoas se diferenciem umas das outras. O que existe é a defesa de tratamento igual e a não concentração demasiada de bens nas mãos de poucos enquanto muitos (a maioria) têm menos do que deveriam. E de toda forma, nesse modelo ideal haveria hierarquia de posições entre as pessoas, mas não por privilégios de nascimento ou riqueza e sim de acordo com seus méritos. Logo, a expressão ‘materialmente igualitária’ pode ser compreendida, como uma sociedade onde não exista a flagrante polaridade entre ‘pobres e ricos’ e todos vivam aproximadamente nas mesmas condições, ou como uma predominância da classe média, como diria Aristóteles. (FERREIRA, 2008, p.36).

Esses elementos saem do escopo de mera explicação de fenômenos extraordinários e reforçam a ideia de espiritismo como religião no país, em detrimento de um viés filosófico ou científico. De qualquer forma, a religião não lida necessariamente apenas com o sagrado, mas também assume feição de lidar com sofrimento ou mazelas humanas, gerando algum grau de conforto. Nesse sentido, o princípio evolucionista do espiritismo que descreve os sofrimentos humanos como provas que compõem a evolução destes, as encarnações como estágios de evolução dos espíritos para se tornarem espíritos de luz imersos na felicidade plena, oferta um conforto espiritual ao conferir sentido à existência terrena.

O conjunto de crenças e práticas que constitui seu sistema de pensamento se apresenta como uma possibilidade que acolhe e protege, oferecendo o que as pessoas procuram na religião: atendimento às necessidades existenciais e busca de sentido para a vida no mundo. No seu conjunto doutrinário, a religiosidade espírita se apresenta enquanto instituição que promove amparo emocional, religioso e sentido ao adoecimento. Esta doutrina religiosa vem atuando, consideravelmente, no campo da doença (OLIVEIRA, 2011, p. 11).

A preocupação religiosa também se evidencia nas tentativas de definições do espiritismo pelos teóricos, na abrangência que é vista atualmente. Toma-se como exemplo a definição de Zalmino: “Espiritismo é o sistema de conhecimentos que revela a natureza espiritual do ser humano, sua realidade interexistencial e o processo de sua evolução.” (ZALMINO, 2013, p. 11). Ao se colocar como sistema de conhecimento, destacando outras realidades (não palpáveis) e o processo de evolução do ser humano, a doutrina se afasta de uma base empírica mensurável, e dá azo a sua concepção mais religiosa.

Outra definição do espiritismo o coloca como doutrina, e ressalta o recebimento de mensagens pelos médiuns, fenômeno da psicofonia, uma vez que essa característica é distintiva do espiritismo em relação a outras crenças, assim como indica uma fonte de pesquisa da doutrina:

O Espiritismo se fundamenta nessa ligação com o plano espiritual, de onde extrai as informações que compõem seu corpo doutrinário. —Na verdade, o Espiritismo nada mais é do que isto: a doutrina fundamentada no estudo dos ensinamentos dos próprios espíritos que, a partir de 1847, não param de mandar mensagens de todos os pontos do planeta para os homens. (AUBRÉE; LAPLANTINE, 2009, p. 53).

Oficialmente, pelos relatórios do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), fundação pública da administração federal, o espiritismo é tratado como religião da qual participam, segundo último censo realizado em 2010, mais de 2,3 milhões de brasileiros, ultrapassando 1,3% da população brasileira.

1.4. Princípios basilares e diferenciação do espiritismo

Kardec apressou-se em destacar que os fundamentos e os ensinamentos da doutrina espírita não eram de sua autoria, que advinham de ensinamentos de espíritos superiores por comunicações intermediadas por médiuns. Atribuiu a si mesmo, apenas o crédito de organizador, compilador, codificador (e até mesmo intérprete) dos ensinamentos supostamente transmitidos pelos espíritos. Os ensinamentos básicos que formam o corpo dessa doutrina podem ser assim elencados: existência de Deus, imortalidade do Espírito, reencarnação e pluralidade de existências, evolução, pluralidade de mundos habitados e comunicabilidade dos Espíritos. Como se nota, alguns são elementos comuns a quase todas as religiões: “Do ponto de vista religioso, o Espiritismo tem por base as verdades fundamentais de todas as religiões: Deus, a alma, a imortalidade, as penas e as recompensas futuras, sendo, porém, independentemente de qualquer culto em particular. ” (KARDEC, 2013a, p. 27).

Alguns autores acrescentam outros princípios ou explicam melhor alguns dos princípios mencionados, como Ferreira (2008, p. 21-22) ao relatar que um centro espírita de Belo Horizonte, o Grupo Emmanuel elaborou Os Quinze Princípios, baseados nas leis morais do *LE*, sendo eles: 1) Deus; 2) Jesus; 3) Espírito; 4) Perispírito; 5) Livre-arbítrio; 6) Causa e Efeito; 7) Reencarnação; 8) Evolução; 9) Imortalidade da alma; 10) Vida Futura; 11) Plano Espiritual; 12) Pluralidade dos Mundos Habitados; 13) Mediunidade; 14) Ação dos espíritos na natureza; 15) Influência dos espíritos em nossa vida; mas o conjunto básico de princípios se mantém.

1.4.1. A existência de Deus e o livre-arbítrio

A existência de Deus é a base da doutrina espírita, que o vê como a inteligência suprema e causa primária de todas as coisas. É eterno, imutável, imaterial, único, onipotente, soberanamente justo e bom. Como nas demais religiões, Ele é o princípio de todas as coisas, incluindo o homem, diferenciando-se o espiritismo ao propor uma tripartição do homem que seria composto por espírito, perispírito e corpo, enquanto habitante da Terra ou de outro planeta (planos materiais), e apenas espírito e perispírito, quando no plano espiritual. Disso se extrai que o espírito pode estar encarnado ou desencarnado, conforme o espírito e perispírito estejam ou não envolvidos pela matéria corporal.

O perispírito é o invólucro que acompanha tanto o espírito encarnado como o corpo, fazendo-lhes a conexão e servindo de modelo físico aos seus órgãos. (OLIVEIRA, 2011, p. 38-39). Segundo Kardec (2013f, p. 126), o perispírito é um invólucro fluídico leve que funciona como cobertura do espírito e liame entre este e o corpo, sendo uma espécie de corpo etéreo e de forma humana, que seria a forma padrão. Analogicamente, o perispírito funcionaria como a atmosfera em relação à Terra.

A morte causa a destruição do envoltório mais grosseiro, o corpo, restando o espírito e o perispírito, este invisível no estado normal, porém, que pode tornar-se voluntariamente visível e mesmo tangível, como sucede no fenômeno das aparições. Ademais, é por meio do perispírito que o espírito pode atuar no corpo físico, conectando o mundo espiritual ao material (CASTRO, 1983 apud SILVA, 2006, p. 63).

A referência a espíritos ou almas encontra-se em várias religiões, e, nesse sentido, espíritos sempre existiram e causaram manifestações, mas na doutrina espírita há um detalhamento de sua origem, atuação e destinação. O paradigma do espírito como sujeito autônomo e livre por ser radicado na alma imortal – emancipação humana – tem se constituído há 2500 anos, passando por Sócrates, Platão, Cristo, Comenius, Rousseau, Pestalozzi e chegando a Kardec (INCONTRI, 2001, p. 74).

Com efeito, o Espiritismo funda-se na existência dos Espíritos, mas como os Espíritos nada mais são que as almas dos homens, desde que existiram homens, existiram Espíritos. O Espiritismo nem os descobriu nem os inventou. Se as almas ou Espíritos podem manifestar-se aos vivos é que isso constitui lei da Natureza e, portanto, deve ter sido sempre assim, em todos os tempos. Por isso, sempre e por toda a parte encontraram-se provas dessas manifestações, que são especialmente numerosas nas narrativas bíblicas. (KARDEC, 2013a, p.25).

O kardecismo sustenta que os espíritos são criados por Deus em igualdade de condições, sujeitos às mesmas leis divinas (ou naturais, quando incorporadas à natureza). Todos inicialmente desprovidos de vícios e qualidades, de conhecimentos ou de qualquer marca que os distinga. As características boas ou ruins são adquiridas pelos espíritos a partir das experiências vivenciadas em cada encarnação. Diante delas, os espíritos exercem o livre-arbítrio, que consiste na livre condução de suas ações, escolhendo como agir, como se determinar a cada instante, a cada estímulo. Na doutrina espírita, a despeito da onipresença de

Deus, cabem aos espíritos as escolhas de suas ações, se determinando de maneira positiva ou negativa a partir do referencial das leis naturais, iguais para todos.

Os espíritos são livres para escolher e conduzir suas ações no plano material, agem de acordo com suas vontades, utilizando-se do livre-arbítrio que lhes foi conferido por Deus. E em suas escolhas se conduzem ao bem ou ao mal, à perfeição ou imperfeição, condições temporárias sempre com a possibilidade de alteração no decorrer das encarnações. Cada espírito é uma criação de Deus, que compartilham com os demais a mesma posição inicial, a saber, todos imperfeitos, mas dotados de capacidades para a perfeição moral e intelectual. O que regula o mérito ou demérito das condutas formadas pelo exercício do livre-arbítrio são as leis criadas por Deus e incorporadas à natureza. Desse modo, Deus não cria anjos - seres bons e superiores; nem demônios – seres predestinados ao mal; e as leis de natureza moral - justiça, amor e caridade – são o que dariam ao ser humano a capacidade de evoluir espiritualmente (FERREIRA, 2008, p. 30 - 31).

1.4.2. A evolução dos espíritos

A evolução dos espíritos seria o melhoramento moral e intelectual destes, ou seja, sua harmonização consciencial com as leis divinas ao longo das encarnações vivenciadas. A evolução é progressiva, depende do livre-arbítrio e acontece pelo acúmulo de experiências superadas nas diversas encarnações sob a ótica das leis divinas, em direção ao estágio de perfeição de que são dotados os espíritos puros. Esse sistema é uma concepção evolucionista, na qual os espíritos se hierarquizavam segundo seus merecimentos e evolução moral. Os espíritos, inicialmente iguais, passam a ocupar diferentes ordens ou estágios evolutivos a caminho da perfeição moral e intelectual, estágio em que supostamente encontrarão a pura e eterna felicidade.

A Terra é vista como local de provação e as reencarnações como fases necessárias à evolução do espírito, que aconteceria progressivamente, sem regressões, levando ao estado de perfeição e cujo ritmo dependeria do uso do livre-arbítrio no decorrer das suas várias existências (PAIVA, 2009, p. 19-20). O princípio da evolução dos espíritos, que se concretiza pelas provações mundanas, tem como desdobramento a igualdade inicial dos espíritos, gerando a desigualdade circunstancial, relacionada a elementos diferenciadores temporários do plano material de determinada encarnação. Não há retrocesso no processo de evolução,

este ocorre em diferenças velocidades, determinadas pelas boas ou más condutas desempenhas pelos espíritos, pelo conhecimento adquirido em suas experiências no mundo material: as provas e expiações.

Sob o enfoque espiritual, os espíritos podem ser categorizados em função de seu grau de evolução, alcançado através do aprendizado dos ensinamentos espíritas constantemente propagados pelos espíritos desencarnados. “A classificação dos espíritos se baseia no grau de adiantamento deles, nas qualidades que já adquiriram e nas imperfeições de que ainda terão de despojar-se (KARDEC, 2013a, p. 91).”

O grau de superioridade ou de inferioridade dos espíritos na escalada evolutiva é fundamental para a formação da doutrina espírita que tem como matéria prima os ensinamentos dos espíritos pelas comunicações mediúnicas. A qualidade e exatidão das instruções estão diretamente ligadas ao grau de evolução dos espíritos, sendo critério determinante na filtragem da veracidade e correção dos ensinamentos. Outro elemento qualificador dos ensinamentos é a coincidência ou repetição das instruções advindas de diferentes espíritos.

As diferentes ordens, que são ilimitadas, refletem o maior ou menor grau de conhecimento dos espíritos. Para fins didáticos, estas podem ser agrupadas em três ordens: na primeira estão aqueles que atingiram a perfeição moral e de conhecimentos, os chamados espíritos de luz; a segunda é formada por aqueles em que prevalece o desejo do bem; e a terceira, composta por espíritos guiados pelo desejo do mal e ignorantes, predominância da matéria. Nesta última, pode ser constatada inteligência associada à malícia, à maldade. (KARDEC, 2013a, p. 90).

A categorização dos espíritos se verifica no plano espiritual e não tem reflexo direto e/ou proporcional no plano material, nas relações formadas nas encarnações, se distanciando dos moldes hierárquicos e subordinativos das religiões tradicionais. As relações entre espíritos de diferentes categorias podem, no plano material, sobre as regras dos homens, serem horizontais ou, ainda, hierarquizada em polos invertidos em relação ao plano espiritual. Seja em função da igualdade potencial entre os espíritos, seja pelos diferentes graus de evolução dos espíritos não serem necessariamente refletidos no plano material, Kardec propõe

a condução do espiritismo por uma “direção coletiva”¹² no plano material, que a multidão formasse um corpo único de interesses e decisões, o que facilitaria a busca de ações comuns em benefício do todo.

Os espíritos estando, transitoriamente, em diferentes graus de evolução de acordo com o aprendizado desenvolvido nas encarnações, não detêm um conhecimento final ou acabado; alguns são sábios, outros ignorantes, bons ou ruins (KARDEC, 2013g, p.23). O grau de evolução dos espíritos, de acordo com a doutrina, pode ser identificado nas comunicações mediúnicas a partir da observação de seus discursos e das palavras usadas, dos valores morais demonstrados. Eventuais erros ou anomalias nos ensinamentos espíritas propagados decorreriam de falha na filtragem das fontes, dos espíritos que se comunicam, estes marcados por desigualdades intelectuais e morais dos espíritos.

A evolução espírita é intelectual e moral, não se reflete necessariamente em bens materiais ou numa predestinação em que os destinados à salvação teriam vasta gama de bens, como propaga o Protestantismo (CAMARGO, 1961, p. 147). E não basta atuar em atividades e trabalhos religiosos para alcançar a felicidade celestial, devendo toda sua conduta em vida estar em harmonia com as regras divinas, com a prática do bem (RODRIGUES, 2012, p. 234). O progresso dos espíritos ocorre na vida material das pessoas, como espíritos encarnados na Terra ou em outros mundos, e assim o plano espiritual seria a continuidade do plano material, uma vez que este funciona como uma “escola de aperfeiçoamento”.

1.4.3. A encarnação e reencarnação: pluralidade de existências e pluralidade de mundos

De acordo com os ensinamentos espíritas, a evolução dos espíritos está diretamente ligada ao mecanismo da reencarnação, pelo qual os espíritos habitam diferentes corpos em múltiplas existências nos mundos materiais. A encarnação seria o método de evolução arquitetado por Deus para que os espíritos se desenvolvessem e atingissem a

¹² Quando Kardec fala em “direção coletiva” ou “chefe coletivo” para o espiritismo e fala em “corpo constituído” no qual o prejuízo de um em nada se aproveita para outro, onde todos são iguais só podem agir em conjunto, e que desse corpo provirá a força do Espiritismo, invoca a noção de contrato social em Rousseau. Nesta noção uma multidão, ao se reunir em um corpo torna-se um todo único. Não se pode ofender um dos membros sem atacar o corpo, nem ofender o corpo sem atacar os membros. Há um acordo entre as duas partes contratantes com iguais vantagens para ambas e o objetivo comum de se reunir para o auxílio mútuo. Cada um dando-se completamente a condição é igual para todos e ninguém se interessa em tirar vantagens particulares (Rousseau [1757] 1999: 70, 74). (Cf. FERREIRA, 2008, p. 49).

perfeição moral e intelectual, sendo este aprendizado distribuído em várias encarnações (ou reencarnações). Seria o processo de sucessivas reencarnações que garantiria a depuração dos espíritos na senda do progresso moral e intelectual. Pelo enfrentamento dos desafios, dos sofrimentos, das situações inesperadas, os espíritos têm a livre escolha de suas ações e reações (livre-arbítrio), harmonizando-se ou não com as leis divinas e naturais, com os ensinamentos espíritas. Aqueles que se pautarem desde o início pelas virtudes, agindo em conformidade com as leis divinas, chegará mais rápido ao grau mais elevado de evolução. Em outros termos, aquele que se guia pelas leis divinas está sujeito a um número menor de reencarnações.

A reencarnação é uma proposta original e sem precedentes nas outras filosofias espiritualistas. Atribuem ao hinduísmo e/ou da doutrina pitagórica da metempsicose o arquétipo rudimentar da reencarnação, mas a reencarnação nos moldes espíritas daquelas se diferencia. Tanto no hinduísmo como na metempsicose, o ser reencarnaria em formas “inferiores”: um ladrão encarna em um corpo de rato para expiar seu *karma*. Segundo o espiritismo, isso não é possível, o ser humano só reencarna como ser humano, já que o propósito da reencarnação é continuar o aprendizado que vem executando desde a sua criação (FERNANDES, 2008, p. 111). Este dogma espírita não se verifica nos ensinamentos propagados pelas religiões dominantes do país, como a religião católica.

Como decorrência de tal preceito, os espíritos existem há muito tempo e, sendo criações de Deus, não precisam se reproduzir, nem de sexo. Já o corpo, que alberga espíritos ou almas, tem que se reproduzir. O espírito conserva lembranças das encarnações anteriores ou mesmo de elementos da vida espiritual, mas não há um critério preciso para indicar de quais se recordará quando encarnado, quais marcas levará na próxima encarnação. De qualquer forma, muitas das afinidades e provações da vida material correspondem a afinidades espirituais e são consequências de outras vidas. A reencarnação é tida como decorrente da justiça e da bondade divina, que faculta aos homens sempre uma nova chance de arrependimento, de melhoramento, para se conduzir ao caminho da perfeição espiritual e atingir a felicidade plena.

A Terra é apenas um dos mundos em que os homens experimentam as provas e expiações na busca da perfeição. Há, conforme os ensinamentos espíritas, uma pluralidade de mundos que servem de canteiro ao aprimoramento da humanidade. A Terra não é o primeiro dos mundos na escala evolutiva, as primeiras encarnações dos espíritos recém-criados ocorrem em outros mundos. Também não é esta um dos últimos mundos em que os homens

encarnam sendo, em regra, povoada por espíritos pouco evoluídos, marcados pelo materialismo e distantes da perfeição. Este planeta é um dos que têm habitantes menos adiantados, física e moralmente. Marte lhe estaria abaixo, sendo-lhe Júpiter em muito superior. Da mesma forma que os espíritos, os planetas estão em evolução. Quando os homens que a habitam se tornarem bons, a Terra se tornará um paraíso (KARDEC, 2013a, p. 129).

1.4.4. Plasticidade ou “Cláusula Aberta” ou Progressividade da Doutrina

A doutrina espírita apresenta, ainda, a característica da plasticidade de suas regras e princípios, sendo-lhe ínsito três facetas de maleabilidade: a absorção de novas leis naturais descobertas (ou transformações nas leis morais) ao seu corpo doutrinário; a retificação de ensinamentos comunicados por espíritos ignorantes; assim como a explicação progressiva, ao longo dos séculos, dos fenômenos existenciais. Não há um arcabouço pronto ou fixo dos ensinamentos que formam a doutrina espírita. São apresentados princípios com alto grau de abstração e vaguidade, em especial quando se referem a fatos, condutas ou fenômenos do mundo material. Com relação ao mundo espiritual, aquele a que não temos acesso enquanto seres encarnados e, portanto, não passível de averiguação quanto a sua veracidade ou exatidão, a doutrina espírita faz uma descrição mais detalhada, menos abstrata.

O terceiro ponto, enfim, é inerente ao caráter essencialmente progressivo da Doutrina. Pelo fato de ela não se embalar com sonhos irrealizáveis, não se segue que se imobilize no presente. Apoiada tão-só nas leis da Natureza, não pode variar mais do que estas leis; mas, se uma nova lei for descoberta, tem ela que se pôr de acordo com essa lei. Não lhe cabe fechar a porta a nenhum progresso, sob pena de se suicidar. Assimilando todas as ideias reconhecidamente justas, de qualquer ordem que sejam, físicas ou metafísicas, ela jamais será ultrapassada, constituindo isso uma das principais garantias da sua perpetuidade. (KARDEC, 2001, p.420).

Em uma primeira faceta de uma doutrina com abertura conceitual, o espiritismo regra que novas leis naturais podem surgir ou serem identificadas pela ciência dos homens, leis morais podem ser retificadas e, assim ocorrendo, estas devem – convenientemente – ser incorporadas ao arcabouço doutrinário do espiritismo.

Numa segunda faceta de plasticidade, a doutrina espírita ressalva que não é possível explicar todos os fenômenos dos mundos materiais e espirituais aos espíritos encarnados ou desencarnados, que os esclarecimentos serão passados no decorrer dos séculos a medida em que ocorrer a evolução da humanidade. De acordo com a doutrina espírita fenômenos há que não podem ser esclarecidos à humanidade pela falta de evolução, desprovida esta de mecanismos para captar determinadas explicações.

Por fim, sob o argumento de que espíritos ignorantes podem transmitir instruções errôneas, o espiritismo se reserva ao direito de corrigir seus postulados – terceira faceta da plasticidade, culpando os médiuns de não terem sido diligentes na verificação da qualidade da fonte de ensinamentos, se eram espíritos superiores, condição facilmente verificável pela qualidade da linguagem utilizada, pelo desprendimento do mundo material e pela elevação dos ensinamentos, segundo Kardec (2013a, p. 23).

A comunicação entre vivos e mortos, entre aqueles que pertencem ao plano espiritual e os que compõem o mundo material, viabilizada por médiuns, está contida na abertura conceitual para se explorar as inúmeras “consequências” desse processo, pois ela forneceria um suposto alargamento no horizonte dos possíveis. Além de defender a existência de planos diferentes e destinos após a morte (como muitas religiões), a doutrina espírita sustenta que há a interferência direta dos espíritos no mundo material. Aliás, segundo Kardec, que atribui aos espíritos a autoria dos preceitos espíritas codificados, sem a interferência direta ou ligação entre os mundos material e o espiritual não haveria doutrina espírita.

Os ensinamentos transcendentais seriam um canal aberto que viabiliza a explicação de fatos novos do plano material (novos costumes, acontecimentos, etc.) ou a adequação de seus princípios à moral vigente, característica progressiva ou de cláusula aberta ou a ser preenchida, que o diferencia das demais religiões.

1.4.5. Das “sanções” à caridade

A doutrina espírita é classificada como não impositiva, estruturada com modais deônticos (dever ser), sem elementos de coerção (“sanções” ou “punições”)¹³, decorrendo a

¹³ Nesta perspectiva, revela-se que a positivação do direito e a consequente diferenciação entre direito e moral são o resultado de um processo de racionalização, o qual, mesmo destruindo as garantias meta-sociais da ordem

aceitação dos ensinamentos espíritas de esferas internas dos destinatários. O alinhamento com os princípios espíritas levam à evolução dos espíritos, conduzindo-o a perfeição moral e intelectual. Obviamente, tal conceito não se distingue de muitos sistemas de moral, em que elementos internos são utilizados com níveis variados de coerção. Nessa linha se diferencia das demais religiões que descrevem “sanções” ou “punições” divinas para o descumprimento das suas regras ou dogmas, tratando esses comportamentos como pecados.

Outro elemento fundamental do espiritismo é a caridade, visto como pressuposto para evolução espiritual e forma de salvação, envolvendo auxílio material e espiritual. Caridade e evolução estão intimamente associadas, assim como vinculadas às leis divinas, daí a explicação para o intenso trabalho na assistência social. Vale ressaltar que a ‘evolução espiritual’, única forma de se chegar à perfeição, acontece a partir das decisões que cada espírito toma, regidos por um conjunto de leis divinas, dentre as quais a justiça, o amor e a caridade. A expressão ‘fora da caridade não há salvação’, cunhada por Kardec, passou a ser lembrada como a explicação para assistência por eles praticada (CARISIO, 2008, p. 85).

A caridade não se confunde com esmola, é uma ação benéfica em favor de seu semelhante necessitado material ou espiritualmente. Perfaz-se de diversas formas, sendo as mais relevantes, nos centros espíritas atuais, os passes, as consultas homeopáticas e as de orientação espiritual, as mesas mediúnicas, a evangelização e as palestras instrutórias, bem como os auxílios materiais de toda ordem. Como um caminho de salvação, talvez o mais importante, a caridade é um dos valores mais destacados e trabalhados no espiritismo desde seus primórdios com Kardec. No Brasil, no encontro com os milhões de desamparados de toda sorte, a caridade teve uma forte acentuação, posta como pedra de toque no arcabouço teórico-doutrinário espírita (ARRIBAS, 2009, p. 187).

São estes alguns dos princípios e regras relevantes da doutrina espírita, sendo inviável contemplá-los de forma exaustiva, tendo em vista a constante transformação e detalhamento desta doutrina.

jurídica, não faz desaparecer o momento de indisponibilidade contido na pretensão de legitimidade do direito. O desencantamento de imagens religiosas do mundo, ao enterrar o ‘duplo reino’ do direito sagrado e profano, não traz consequências apenas negativas; ele também leva a uma reorganização da validade do direito na medida em que transporta simultaneamente os conceitos fundamentais da moral e do direito para um nível de fundamentação pós-convencional (HABERMAS, 1997, p. 100).

1.5. Ideias conclusivas

Foram assim lançadas no mundo as raízes do espiritismo kardecista, doutrina em constante construção e evolução, a partir dos ensinamentos obtidos dia após dia nas comunicações mediúnicas com os espíritos, que analisam fatos novos, contemplam novas leis naturais e corrigem ensinamentos erroneamente transmitidos ou assimilados.

Nessa perspectiva, as obras de Kardec conteriam os pilares da doutrina espírita, seus ensinamentos iniciais e fundamentais a serem complementados constantemente por novas comunicações dos espíritos. A faceta evolucionista da doutrina espírita, aberta a transformações e inovações (“cláusula aberta”), infere-se tanto do discurso atribuído aos espíritos que, em mais de uma resposta apresentada em *LE*, esclarecem que algumas questões ainda não podem ser compreendidas pelos seres humanos no estágio de evolução em que se encontravam quando da formulação da pergunta, como pela inexistência de determinados fatos ou hábitos no período histórico de cada comunicação mediúnica.

Como relação à primeira proposição possível, “é dado ao homem conhecer o princípio das coisas”, tendo os espíritos, de acordo com Kardec, respondido que “Deus não permite que ao homem tudo seja revelado neste mundo”, acrescentando, quando questionados se “penetrará o homem um dia o mistério das coisas que lhe estão ocultas”, que “o véu se levanta a seus olhos, à medida que ele se depura; mas, para compreender certas coisas, são-lhe precisas faculdades que ainda não possui” (KARDEC, 2013a, p. 61)”. Em outras palavras, sustentam que existem questões que só podem ser compreendidas pelo adiantamento moral e intelectual do ser humano que se dá tanto pela evolução espiritual individual, como pela evolução da humanidade em conjunto ano após ano, séculos após séculos.

Ainda de acordo com a doutrina espírita, algumas questões não estão ao alcance da compreensão dos homens enquanto seres encarnados no planeta Terra. Seria uma evolução entre mundos, em consonância com outro princípio espírita: a pluralidade de mundos, sendo todos eles planos existenciais, plataformas de evolução dos espíritos.

Nesse sentido, temos em o *Livro dos Espíritos* a questão

172. As nossas diversas existências corporais se verificam todas na Terra?
R. Não; vivemo-las em diferentes mundos. As que aqui passamos não são as primeiras, nem as últimas; são, porém, das mais materiais e das mais distantes da perfeição (KARDEC, 2013a, p. 125).

No que toca aos fatos ou hábitos inexistentes ou irrelevantes em determinado período histórico, podemos exemplificar como o nosso objeto: homossexualidade. A relação sexual entre pessoas de mesmo sexo não estava nos assuntos pautados no início do século XIX, não se tratava de uma questão discutida abertamente ou vivenciada publicamente. Tema que será abordado, pelo olhar do espiritismo, no capítulo seguinte.

CAPÍTULO II

AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA HOMOSSEXUALIDADE

*“ [...]o valor que atribuímos à ciência,
como aliás, nas religiões, depende, em suma,
da idéia (sic) que fazemos coletivamente da sua natureza
e do seu papel na vida; quer dizer,
ela exprime um estado de opinião.
É que, de fato, tudo na vida social,
inclusive a própria ciência, assenta na opinião.”*

Serge Moscovici. *A representação social da psicanálise*, 1978, p. 45

As recentes e relevantes conquistas de direitos civis dos casais homossexuais no Brasil conduzem a sociedade e suas instituições à aceitação das relações afetivas entre pessoas do mesmo sexo. As religiões dominantes do país reiteram seus dogmas e suas concepções conservadoras sobre as condutas das pessoas, taxando como pecaminosas ou impuras as relações homossexuais. O Espiritismo, marcado por cláusulas abertas ou regras generalistas, se amolda a esta nova realidade com representações sociais que justificam o acolhimento dos homossexuais. A ferramenta teórica “representações sociais”, resgatada por Serge Moscovici e consagrada nas ciências humanas, é utilizada para analisar o discurso espírita sobre a homossexualidade.

2.1. A teoria da representação social

A teoria das representações sociais trata dos “processos através dos quais o conhecimento é gerado, transformado e projetado no mundo social” (DUVEEN, 2003, p. 9). Na construção dessa teoria, Moscovici (2007, p. 8 e 95) partiu da problematização de como o conhecimento científico era transformado em conhecimento comum - senso comum ou pensamento das massas. Centrou-se na análise desse processo de geração, transformação e projeção de ideias compartilhadas coletivamente, conhecimentos produzidos a partir de uma matriz científica e modificados no intercâmbio entre os atores sociais, no cotidiano da vida social. Com isso, mudou o paradigma da superioridade do conhecimento científico, reconhecendo a importância do conhecimento do senso comum ou conhecimento prático, que opera com base em diferentes regras e lógicas e move o tecido social. É em função das representações, e não necessariamente das realidades, que se movem indivíduos e coletividades (GRIZE, 2001; RATEAU, 1995 apud WACKELKE; CAMRGO, 2007, p. 380).

As representações sociais, segundo definição clássica apresentada por Denise Jodelet (1985), são modalidades de conhecimento prático orientadas para a comunicação e para a compreensão do contexto social, material e ideativo em que vivemos. A forma como as representações são construídas passam pelos processos de ancoragem e objetivação. Naquele, os conceitos são relacionados a elementos cognitivos já existentes. Ancoramos o desconhecido em representações já existentes, de acordo com os valores do grupo. No processo de objetivação, os conceitos são associados a signos (linguísticos) com algum grau de simplificação, noções abstratas são transformadas em algo concreto, tornando-se “tão vívidos que seu conteúdo interno assume o caráter de uma realidade externa” (Moscovici, 1978, p. 88).

Os processos de ancoragem e objetivação são estratégias para se lidar com o novo e perturbador, e realocá-los de forma que pareçam se alinhar com o que já se conhece. A categorização é o processo novo, que passou pela ancoragem e relacioná-lo de forma negativa ou positiva com ele.

Categorizar alguém ou alguma coisa significa escolher um dos paradigmas estocados em nossa memória e estabelecer uma relação positiva ou negativa com ele. Quando nós sintonizamos o rádio no meio de um programa, sem conhecer que programa é, nós supomos que é uma “novela” se é

suficientemente parecido com P, quando P corresponde ao paradigma de uma novela, isto é, onde há diálogo, enredo, etc (MOSCOVICI, 2007, p. 63).

Por fim, a objetivação é o que permite que teorias ou explicações incomuns passem a fazer parte do senso comum, ou seja, do que é aceito por uma comunidade¹⁴. É importante notar que o processo de objetivação e cognição é influenciado não somente pelas percepções externas, mas também por preconcepções e memórias que os indivíduos possuem. Nesse sentido, as percepções não são objetivas ou neutras, mas submetidas aos vieses dos sujeitos observadores.

A cognição social estava consagrada ao impasse desde o início, pois se limitava a um só aspecto, a percepção. Ao mesmo tempo, a realidade em questão era considerada como neutra, não social e presumidamente objetiva. Por outro lado, um dos resultados mais chocantes é que tais experiências nos forçaram a reconhecer que a informação advinda do mundo exterior é modelada não pela realidade neutra, mas por teorias e pre-concepções (sic) implícitas, e são elas que modelam o mundo pelas pessoas, essa é a conclusão a que chega alguém que trabalha de alguma maneira com as representações sociais (MOSCOVICI, 2007, p. 132).

O homem, como ser pensante e capaz de processar informações, é visto pela psicologia social como influenciado por informações produzidas pelo próprio indivíduo, terceiros e pela memória, por meio da linguagem ou símbolos (ALEXANDRE, 2004, p. 125). Nesse ponto, cria-se uma dualidade entre a novidade e a representação: o contato entre a novidade e o sistema de representação pré-existente é a fonte de duas ordens de fenômenos, (...) que dá as representações tanto serem inovadoras como rígidas, ocasionado novas experiências e percepções para a criação de uma nova visão (SÊGA, 2000, p. 130).

Funcionalmente, a representação social visa formar a conduta humana, buscando soluções convenientes e adequadas. Trata-se de um modelo de pensamento “bi-causal e não mono-causal e estabelece, simultaneamente, uma relação de causa e efeito e uma relação de fins e meios” (MOSCOVICI, 2007, p. 80). Outrossim, tal característica ressalta o caráter de retroalimentação das representações na construção destas.

¹⁴ “Objetivação - O físico inglês Maxwell disse, certa vez, que o que parecia abstrato a uma geração se torna concreto para a seguinte. Surpreendentemente, teorias incomuns, que ninguém levava a sério, passam a ser normais, críveis e explicadoras da realidade, algum tempo depois.” (MOSCOVICI, 2007, p. 71)

Outro aspecto da compreensão do conceito de representação social é o seu papel na formação de condutas. É ela que modela o comportamento e justifica sua expressão. Moscovici diz que a representação social é uma preparação para a ação, tanto por conduzir o comportamento, como por modificar e reconstituir os elementos do meio ambiente que o comportamento deve ter lugar. Para ele, o ser humano é um ser pensante que formula questões e busca respostas e, ao mesmo tempo, compartilha realidades por ele representadas (ALEXANDRE, 2004, p. 132).

Em termos de critérios, alguns podem ser apontados como elementos funcionais das representações, a exemplo de manter a unidade do grupo, inserção de rotinas nos grupos e holomorfose, que é a existência de referências a elementos de pertença no grupo (WACKELKE; CAMARGO, 2007, p. 381). Em termos estruturais, destacam-se os sistemas centrais e periféricos, assim como as relações de encaixe e reciprocidade. Os sistemas centrais tendem a preservar elementos comuns ao passo que os periféricos permitem a diferenciação. Os elementos de diferenciação permitem manter a individualidade assim como eventualmente permitem a criação de novos grupos. A possibilidade de um indivíduo reconhecer, mas não concordar com as representações de seu grupo, garante a individualidade e o caráter de autonomia.¹⁵

Aqui tratamos religião como uma forma de representação social. O espiritismo reúne certas características que seus membros conhecem, mesmo que todos não concordem, e apresenta uma linguagem própria, hierarquizada e com símbolos próprios. Utiliza-se de conceitos científicos e os mesclam com elementos de senso comum para atingir suas explicações. Tais fatores reforçam a utilidade do conceito de representações sociais para tratá-lo. A questão da homossexualidade se opõe a ideologia da maioria e permite nuances linguísticas, valorações e hierarquias específicas a serem analisadas. A influência do contexto social nas representações é fundamental para a análise das mutações do discurso espírita em razão das transformações no contexto social, sem descuidar que as variações sociais tratadas pelos teóricos como interferentes (ou não) das representações sociais são intersociais, e não necessariamente intertemporais.

¹⁵ “Mesmo que um dado indivíduo possua crenças que questionem os conteúdos da representação de seu grupo, ele tem consciência da existência da representação social, e provavelmente saberá que se trata de um conhecimento mais ou menos atribuído àquela categoria social de que faz parte, ou a uma outra. No caso, a representação social não determina sua representação individual, mas serve como uma referência para que esta seja construída. Percebe-se que, segundo essa perspectiva, não há conflito entre as noções de representações do grupo e do indivíduo, ao mesmo tempo em que é respeitada a especificidade de cada uma.” (WACKELKE; CAMARGO, 2007, p. 386)

Vale destacar que Moscovici reconhece a existência de temas gerais (*themata*) que confirmam sentido a toda pluralidade, num retorno parcial a ideia durkeimiana de autonomia do universo ideológico. O debate em torno da antiguidade e da permanência de certos temas no cotidiano das relações sociais atinge igualmente o espiritismo que se apropria de temas gerais sagrados (Deus, alma, etc.) ou profanos (sexo, homossexualidade, etc.).

2.2. O campo em Bourdier

Pierre Bourdier (1930 - 2002) oferece-nos o conceito de campo para a análise do espaço religioso espírita, marcado por disputas entre os agentes que o compõem, polarizados entre aqueles filiados à Federação Espírita Brasileira, os quais ocupam a posição ortodoxa da doutrina, bem alinhados aos fundamentos da doutrina kardecista; e os heterodoxos, que inserem novos elementos e conceitos na doutrina ou discordam de alguns pontos, rivalizando com os agentes ortodoxos. Esse sociólogo francês entendeu que uma forma eficaz e esclarecedora de analisar a sociedade seria visualizando-a como um espaço de posições, as quais seriam demarcadas em função de uma distribuição desigual de bens e recursos escassos: dinheiro, poder político, autoridade científica ou carisma religioso. Em razão da constante disputa por esses bens e recursos, há uma constante mutação de posições e de distribuição do patrimônio material, imaterial, denominado capital simbólico.

Nas palavras de Andrade (2006, p. 15), capital simbólico constitui um conjunto de bens utilizados na luta pela imposição de uma visão legítima de mundo dos que detêm um poder à proporção do seu capital, a saber, em proporção ao reconhecimento que recebem. “Liga-se ao poder simbólico, uma forma transfigurada e legitimada das outras formas de força e dos modelos que fazem delas relações de comunicação” (2016, p. 15). Nessa perspectiva, o conceito de campo é compreendido como espaços de relações objetivas entre os agentes que o compõem, no qual ocorrem disputas de poder ou de capital que determinam as posições de dominação, subordinação. Bourdieu visualiza o espaço social com um ambiente de constante competição, estando os agentes sociais, em suas relações, em permanente disputa.

Em termos analíticos, um campo pode ser definido como uma rede ou uma configuração de relações objetivas entre posições. Essas posições são definidas objetivamente em sua existência e nas determinações que elas impõem aos seus ocupantes, agentes ou instituições, por sua situação (*situs*)

atual e potencial na estrutura da distribuição das diferentes espécies de poder (ou de capital) cuja posse comanda o acesso aos lucros específicos que estão em jogo no campo e, ao mesmo tempo, por suas relações objetivas com outras posições (dominação, subordinação, homologia etc.). Nas sociedades altamente diferenciadas, o cosmos social é constituído do conjunto destes microcosmos sociais relativamente autônomos, espaços de relações objetivas que são o lugar de uma lógica e de necessidades específicas e irreduzíveis às que regem os outros campos. Por exemplo, o campo artístico, o campo religioso ou o campo econômico obedecem a lógicas diferentes (BOURDIEU, 1989, p. 40).

O conceito de campo foi tratado, tanto em seu sentido mais abrangente - sendo qualquer ambiente social que pode ser construído como um espaço de posições objetivas definidas por montantes desiguais de recursos de poder, como em um sentido mais limitado – referindo-se a espaços sociais marcados por atividades relativamente autônomas em relação ao todo social, como os campos científico, religioso, artístico, econômico, dentre outros. As posições que os agentes ocupam nos campos decorrem do volume de capital econômico e cultural acumulados, em conjunto com sua composição relativa (BOURDIEU, 2001, p. 129). Dessa forma, os agentes são distribuídos em classes e frações de acordo com reflexo do capital acumulado e a sua composição. Para manter ou modificar essa distribuição, os agentes interagem em constante contenda, utilizando-se de sucessivas estratégias para manter ou adquirir capital econômico ou cultural, formando uma polarização interna no campo entre dominantes e dominados.

As estratégias articuladas pelos agentes dominantes são intituladas de ortodoxas e visam a manutenção da conjuntura que os favorece. Os dominados com o intuito de alterar suas posições podem utilizar as mesmas estratégias dos dominantes, ortodoxas, ou manusear estratégias distintas, denominadas heterodoxas. Assim, convivem em um mesmo campo os ortodoxos e os heterodoxos.

A posição na estrutura das relações de força, inseparavelmente econômicas e simbólicas, que define o campo da produção, ou seja, na estrutura da distribuição do capital específico (e do capital econômico correlato) orienta, por intermédio de uma avaliação prática ou consciente das oportunidades objetivas de lucro, as características dos agentes ou instituições, assim como as estratégias que eles acionam na luta que os opõe. De um lado dos dominantes, todas as estratégias, essencialmente defensivas, visam conservar a posição ocupada, portanto, perpetuar o status quo, ao manter e fazer durar os princípios que servem de fundamento à dominação. Os dominantes têm compromisso com o silêncio, discrição, segredo, reserva: quanto ao discurso

ortodoxo, sempre extorquido pelos questionamentos dos novos pretendentes e impondo pelas necessidades da retificação, não passa nunca da afirmação explícita das evidências primeiras que são patentes e ser portam melhor sem falar delas. [...] Quanto aos dominados, estes só terão possibilidades de se impor no mercado através de estratégias de subversão que não poderão prodigalizar, a prazo, os ganhos denegados a não ser com a condição de derrubarem a hierarquia do campo sem contrariarem os princípios que lhe servem de fundamento (BOURDIEU, 1998, p. 31 e 32).

Os campos têm suas próprias regras, princípios e hierarquias, os quais são construídos pelas redes de relações e oposições dos agentes sociais e delimitados pelos seus conflitos e tensões (BOURDIEU e CHARTIER, 2011, p. 57). É com base nesse esquema delineado por Bourdieu que se pretende analisar o campo religioso do espiritismo no Brasil.

2.3. A Homossexualidade segundo a doutrina espírita

Ao longo da história, a temática da homossexualidade foi tratada por discursos, em regra, dissonantes, cada um deles representativo dos interesses do grupo que o sustentava. As religiões, com maior ou menor poderio nas diferentes fases da humanidade, entoaram discursos de perseguição e condenação, assim como de aceitação. A homossexualidade foi taxada como desvio moral; Estados prescreveram-na como crime em suas leis; médicos foram chamados aos tribunais e classificaram comportamentos homossexuais como doença, psicólogos levaram homossexuais para seus “divãs”. Escritores, pesquisadores e pensadores tentaram encontrar a “causa” da homossexualidade, atribuindo-a à genética, ao meio social, a traumas psicológicos, dentre outras. Foi nessa ambiência de abordagens discrepantes que foram formadas as representações sociais sobre a homossexualidade.

A doutrina espírita, que sempre se ocupou da análise ou reflexão de fatos e hábitos dos seres humanos, desde os seus primórdios não se furtou ao tema, abordando, na segunda metade do século XIX, a sexualidade à luz do espiritismo e, tangencialmente da homossexualidade, por meio de seu codificador, Allan Kardec, e seus sucessores. No século seguinte, o debate da homossexualidade tornar-se-ia mais intenso e mais profundo, tanto na sociedade e quanto na doutrina espírita. A função desse capítulo é analisar a abordagem da homossexualidade por líderes e autores espíritas em uma perspectiva mundial, para a qual selecionamos as obras de Kardec; em âmbito nacional, na vida e obra do médium Francisco Cândido Xavier e em representação local, as ideias trazidas por Benjamin Teixeira de Aguiar.

Dentre os princípios espíritas, a lei da reencarnação é fundamental para a compreensão do fenômeno da homossexualidade sob a ótica do espiritismo. A doutrina espírita sustenta que a homossexualidade não encontra explicação em bases materialistas¹⁶, sendo compreensível apenas à luz da lei da reencarnação. (BARCELOS, 2005). Que sucessivas encarnações em determinado sexo, com posterior inversão para encarnar no sexo oposto, geraria um ser humano com marcas, características e trejeitos do sexo oposto ao seu e, conseqüente, atração sexual pelo sexo igual ao seu, naturalizando a condição homossexual sob o viés do plano evolutivo dos seres humanos nas sucessivas reencarnações e refutando qualquer caráter negativo das relações afetivas encetadas entre pessoas do mesmo sexo. Segundo o espiritismo, tratam-se de relações de amor que seguem os ensinamentos do Cristo, desde que permeada de respeito a si e ao próximo, sem promiscuidade. Qualquer relação heterossexual ou homossexual que não esteja sob a lei do respeito mútuo e estejam ligadas à promiscuidade, se afasta da lei maior do amor.

Alinhavado com seu viés filosófico, a doutrina espírita vem explicar, de acordo com sua óptica, as causas da homossexualidade, que poderia ser um passo evolutivo a ser dado pela expiação na condição de homossexual, especialmente para aqueles que nas encarnações anteriores abusaram ou destratarem o sexo oposto ou uma missão a ser cumprida. Passemos à análise do tema sob a ótica dos líderes objeto desse estudo.

2.3.1. O sexo dos espíritos em Allan Kardec

Como visto no primeiro capítulo, o espiritismo surge a partir da publicação, em 18 de abril de 1857, de *O LE* por Allan Kardec, o codificador e fundador desta doutrina. Razão pela qual iniciamos nossa análise da temática da homossexualidade segundo o espiritismo a partir das obras deste líder espírita. Essa primeira obra, foi o resultado de um longo trabalho desenvolvido por Kardec durante os dois anos anteriores (1855 e 1856)¹⁷, em reuniões destinadas a questionar os espíritos desencarnados sobre questões filosóficas, metafísicas e

¹⁶ Materialismo é utilizado para significar uma visão de mundo que considera apenas a existência da matéria, negando ou desconsiderando a existência de espírito.

¹⁷ Como visto no primeiro capítulo, Kardec participou pela primeira vez de uma reunião em que se evocava a movimentação espontânea de mesas e de cestos sobre placas de ardósia, em maio de 1855.

morais que intrigavam e intrigam a humanidade¹⁸. O que começou com a curiosidade em torno do frívolo fenômeno das “mesas dançantes” nos salões parisienses, se transformou em uma doutrina imbuída do propósito de elucidar, refletir e debater temas sobre a existência humana, em especial as leis morais que norteiam as sociedades.

O *LE* trouxe o conjunto inicial de princípios e regras dessa doutrina, ideias e temas fundantes que seriam aprofundados e expandidos nas obras seguintes: *O Livro dos Médiuns* (1861), *O Evangelho Segundo o Espiritismo* (1864), *O Céu e o Inferno* (1865), *A Gênese, os milagres e as predições segundo o espiritismo* (1868), formando o pentateuco espiritual da doutrina. A *Revista Espírita*, nos anos de 1858 a 1869, em que Kardec esteve à frente de sua direção, com publicações mensais, ofertou uma “tribuna livre” a todos os interessados na doutrina que dela participavam, por meio de cartas ou mesmo visitas ao codificador, expondo suas dúvidas, suas inquietações, narrando fatos de supostas manifestações espirituais. Para além disso, fatos e hábitos da sociedade do século XIX passaram a ser debatidos e refletidos à luz dos princípios e regras da doutrina espírita (ou doutrina dos espíritos desencarnados).

Foram publicadas outras obras com autoria atribuída a Kardec¹⁹ – além do pentateuco e das revistas espíritas – que não serão objeto de análise deste trabalho, por não inovarem ou não conterem novos ensinamentos, apenas reiterarem os conceitos já desenvolvidos naquelas obras. Da análise de todas as obras de Kardec foi possível constatar que não há qualquer referência aos termos homoerotismo, homossexualidade, gay; vocábulos criados em um momento histórico posterior ao falecimento de Kardec. A temática das relações sexuais entre pessoas do mesmo sexo não foi diretamente tratada em suas obras. Ao discorrer sobre sexualidade, em especial contexto do debate da desigualdade entre homens e mulheres²⁰, ele abordou a condição de indivíduos com aspectos físicos ou psíquicos destoantes do seu sexo, seja feminino ou masculino, lançando as bases para o futuro debate na doutrina espírita da homossexualidade.

¹⁸ “O estudo do Espiritismo é imenso; interessa a todas as questões da metafísica e da ordem social” (Kardec, 2013a, p. 38).

¹⁹ Como apontado no primeiro capítulo, Kardec publicou outras obras como, por exemplo, *O que é o Espiritismo* (1859), uma espécie de resumo da doutrina voltada para iniciantes, como intuito de disseminar a doutrina, sem acrescentar novos princípios, regras ou conteúdo, apenas explicitando aqueles contidos nas obras anteriores de forma resumida. Nos interessa neste trabalho apenas aquelas obras que introduziram conceitos novos que possam demonstrar a visão espírita sobre a sexualidade e, em última instância, sobre homossexualidade.

²⁰ “De fato, Kardec aborda tangencialmente em *O Livros dos Espíritos* uma série de questões referentes à sexualidade e ao gênero, particularmente à reprodução e à moral sexual (MARMOLEJO, 2007, p. 48)”.

Não há dúvida, com base em relatos ou investigações históricas dos anos oitocentistas, que relações afetivas e sexuais entre pessoas do mesmo sexo ocorriam nesse período. Por se tratar de uma conduta que era repugnada pela sociedade do século XIX, em regra, essas relações eram ocultadas, o desejo por pessoas do mesmo sexo era reprimido e os conflitos psicológicos decorrentes desses desejos eram vividos em silêncio. É provável que, em razão desse cenário de marginalização social em que eram vivenciadas as relações homossexuais, questões não tenham sido formuladas sobre essa temática nas sessões mediúnicas das quais participou Kardec ou em quaisquer comunicações que tenha entabulado com espíritos desencarnados. Não há que se descartar, ainda, a possibilidade de o tema ter sido debatido ou questionado em comunicações mediúnicas e sua publicação ter sido objeto de censura por Kardec ou seus colaboradores. Como se verá no terceiro capítulo, ainda nos tempos atuais, o tema da homossexualidade tem sua abordagem evitada por integrantes do movimento espírita, quiçá no século XIX.

2.3.2. O que diz o *LE* sobre o sexo dos espíritos

No *LE*, que versa sobre diversos temas da existência humana, a sexualidade vem tratada nas questões 200 a 202, nas quais os espíritos desencarnados são indagados se “têm sexos os espíritos?”, à qual respondem de forma esclarecedora que “não como o entendeis, pois que os sexos dependem da organização. Há entre eles amor e simpatia, mas, baseados na concordância dos sentimentos” (KARDEC, 2013a, p. 135). A organização é utilizada nesta resposta com a acepção de organismo físico, de constituição orgânica, biológica, exclusivamente carnal. Os espíritos não teriam estrutura orgânica, nem faculdades ou características típicas de um gênero ou outro. As atrações entre eles independem de elementos relacionados ao gênero, decorrem da compatibilidade de sentimentos.

Na questão 201, o codificador faz a seguinte indagação: “Em nova existência, pode o espírito que animou um corpo de um homem animar o de uma mulher e vice-versa? ” (KARDEC, 2013a, p. 135), ao que os espíritos responderam: “De certo; são os mesmos os espíritos que animam os homens e as mulheres” (KARDEC, 2013a, p. 135). Kardec, com seus comentários elucidativos, afirma que

“os espíritos encarnam como homens ou como mulheres, porque não têm sexo. Visto que lhes cumpre progredir em tudo, cada sexo, como cada posição social, lhes proporciona provas e deveres especiais e, com isso, ensejo de ganharem experiência. Aquele que só como homem encarnasse só saberia o que sabem os homens” (KARDEC, 2013a, p. 136).

Assim, o sucessivo encarne, tanto em corpo do sexo feminino como do sexo masculino, por um mesmo espírito, é compreendido pela doutrina espírita como uma questão de evolução: o espírito que experimenta as dificuldades enfrentadas em diferentes fases da humanidade tanto pelo sexo feminino como pelo masculino experimenta diferentes desafios, expiações e provas evolutivas (MAIA, 1988²¹). Na questão 202 do *LE*, a espiritualidade é questionada sobre a possibilidade de escolha do sexo, questionando-se aos espíritos se “quando errante, o que prefere o espírito: encarnar no corpo de um homem ou de uma mulher?” (KARDEC, 2013a, p. 135), os quais respondem que “isso pouco lhe importa. O que o guia na escolha são as provas por que haja de passar” (KARDEC, 2013a, p. 135).

Nessa resposta, supostos espíritos desencarnados reiteram o princípio do processo evolutivo pelos quais passam os espíritos encarnados no caminho do seu progresso moral e intelectual, ao experimentar as diferentes dificuldades de encarnar em um corpo feminino ou masculino. Em *O Céu e o Inferno*, quarta obra de Kardec, apresentou-se um exame comparado das doutrinas sobre a passagem da vida corporal à vida espiritual, sobre as penalidades e recompensas futuras, sobre os anjos e demônios, sobre as penas, etc., seguido de numerosos exemplos acerca da situação real da alma durante e depois da morte. Nessa publicação, o espírito J. Sanson, antigo membro da Sociedade Espírita de Paris, desencarnado em 21 de abril de 1862, incorporado mediunicamente em um dos membros da Sociedade, em 25 de abril de 1862, responde à seguinte pergunta dos membros da Sociedade:

Os espíritos não têm sexo; entretanto, como há poucos dias ainda éreis homem, no vosso novo estado tendes mais da natureza masculina que da feminina? Acontece o mesmo com um espírito que tenha deixado seu corpo há muito tempo? (KARDEC, 2013d, p.166 e 2004e, p. 244)?

²¹ Trata-se de livro eletrônico disponibilizado na internet sem paginação, contendo apenas caminhos eletrônicos de acesso disponibilizados em função do número de questões do Livro dos Espíritos, de Allan Kardec, conferir em <http://www.olivrodosespíritoscomentado.com/fev4q202.html>.

Ao que respondeu o espírito de J. Sanson:

Nós não temos que ser da natureza masculina ou feminina: os espíritos não se reproduzem. Deus os criou segundo sua vontade e se, por seus desígnios maravilhosos, ele quis que os espíritos reencarnassem na Terra, ele teve que acrescentar a reprodução das espécies pelo macho e a fêmea. Mas, vós o sentis, sem que seja necessária qualquer explicação, os espíritos não podem ter sexo (KARDEC, 2013d, p.166 e 2004e, p. 244).

A essa resposta, Kardec fez o seguinte comentário:

Sempre foi dito que os espíritos não têm sexo; os sexos são necessários apenas para a reprodução dos corpos; visto que os espíritos não se reproduzem, os sexos seriam inúteis para eles. Nossa pergunta não tinha por objetivo constatar o fato, porém, por causa da morte recente do Sr. Sanson, queríamos saber se ainda conservava alguma impressão do seu estado terrestre. Os espíritos depurados compreendem, perfeitamente, a sua natureza, mas entre os espíritos inferiores, apegados à matéria, existem muitos que acreditam que ainda estão na Terra, e conservam as mesmas paixões e os mesmos desejos; eles crêem que ainda são homens ou mulheres, eis por que existem os que dizem que os espíritos têm sexos (KARDEC, 2013d, p.166 e 2004e, p. 245).

A conclusão do codificador direcionou-se para que certas contradições verificadas nos discursos dos espíritos psicografados ou nas suas manifestações decorriam do estado mais ou menos adiantado dos espíritos que se comunicam (KARDEC, 2013d, p 166). Aqueles espíritos que em comunicações mediúnicas afirmavam que eram de determinado sexo, eram espíritos inferiores, apegados à matéria e que guardam as impressões de suas experiências na Terra. Seria uma contradição meramente aparente que, de acordo com Kardec, afastava-se pelo aprofundamento das questões elaboradas aos espíritos desencarnados, os quais revelariam o estado de evolução e a situação dos espíritos com os quais se comunicam demonstrando, conseqüentemente, a correção ou não das informações recebidas. Arrematou Kardec (2013d, p 166) que a resposta correta seria a que os espíritos não têm sexo, sendo a sexualidade uma questão meramente terrena, condição da matéria, do corpo.

Em alinhamento com outros princípios da doutrina espírita, a qual sustenta que os espíritos são criação de Deus, desnecessário se faz a diversidade de sexos para originar novo espírito, a reprodução é uma condição do homem encarnado, condição esta necessária para a

reprodução na Terra, podendo não ser necessária ou ser distinta em outros mundos (KARDEC, 2004i).

2.3.3. Os diversos temas tratados na *Revista Espírita*

Em paralelo às publicações das mencionadas cinco obras basilares da doutrina espírita, Kardec deu início em janeiro de 1858 à *Revista Espírita*, na qual explicava os fatos que aconteciam naquela época à luz do espiritismo, escrevia artigos, refutava os detratores do Espiritismo, dentre outros conteúdos. A revista foi esse laboratório inestimável das condutas humanas, espécie de tribuna livre, utilizada por Kardec para sondar as reações dos homens e a impressão dos espíritos acerca de determinados assuntos, ainda que hipotéticos ou mal compreendidos, enquanto lhes aguardava a confirmação.

Como ementa da Revista Espírita de 1867, constou as seguintes indicações como conteúdo:

O relato das manifestações materiais ou inteligentes dos Espíritos, aparições, evocações, etc., bem como todas as notícias relativas ao Espiritismo. – O ensino dos Espíritos sobre as coisas do mundo visível e do invisível; sobre as ciências, a moral, a imortalidade da alma, a natureza do homem e o seu futuro. – A história do Espiritismo na Antigüidade; suas relações com o magnetismo e com o sonambulismo; a explicação das lendas e das crenças populares, da mitologia de todos os povos, etc (KARDEC, 2004j, p. 3).

A questão da sexualidade ou da homossexualidade também foi pouco tratada nesse veículo de comunicação. Na publicação de janeiro de 1866 (KARDEC, 2004i, p. 16), ao tratar da temática da desigualdade social entre os sexos masculino e feminino, sob o título: “*As mulheres têm alma?*”, Kardec esclareceu que os espíritos não têm sexo, este corresponde a vicissitudes da matéria, do corpo. Dessa forma, os espíritos poderiam e deveriam encarnar nos diferentes sexos para que enfrentem os desafios que cada sexo apresenta, realizar os deveres de cada uma dessas posições, e sofrer-lhes as provas. Partindo da premissa de que um espírito pode reencarnar seguidas vezes em um mesmo sexo e que, em razão do baixo grau de adiantamento, a influência da matéria prevalece sobre o espírito, esclareceu que este poderia conservar marcas da encarnação anterior. Dentre estas marcas estariam os gostos, caráter, trejeitos do sexo anterior, o que justificaria certas anomalias aparentes no sexo feminino ou masculino.

Pode acontecer que o Espírito percorra uma série de existências no mesmo sexo, o que faz que, durante muito tempo, possa conservar, no estado de Espírito, o caráter de homem ou de mulher, cuja marca nele ficou impressa. Somente quando chegado a um certo grau de adiantamento e de desmaterialização é que a influência da matéria se apaga completamente e, com ela, o caráter dos sexos. Os que se nos apresentam como homens ou como mulheres, é para nos lembrar a existência em que os conhecemos. (...). Se essa influência se repercute da vida corporal à vida espiritual, o mesmo se dá quando o Espírito passa da vida espiritual à vida corporal. Numa nova encarnação ele trará o caráter e as inclinações que tinha como Espírito; se for avançado, será um homem avançado; se for atrasado, será um homem atrasado. **Mudando de sexo, sob essa impressão e em sua nova encarnação, poderá conservar os gostos, as inclinações e o caráter inerentes ao sexo que acaba de deixar. Assim se explicam certas anomalias aparentes que se notam no caráter de certos homens e de certas mulheres** (KARDEC, 2004i, p. 17).

No trecho acima transcrito, pode causar impacto negativo o tratamento de “anamolia”, dado pelo codificador aos trejeitos de uma pessoa cujo espírito é marcado por características de sexo distinto daquele no qual encarnou, ou mesmo pela homossexualidade (já que foi uma frase genérica aceitando ampla interpretação); porém é natural que assim o tenha feito pelo período histórico em que viveu, século XIX, época em que a homossexualidade era tratada como desvio. Em 1870, a homossexualidade foi classificada como doença, em um texto do neurologista e psiquiatra alemão Karl Friedrich Otto Westphal (1777-1855) com o intuito de descriminalizá-la (NORTON, 2008)²².

Ainda que se referindo à homossexualidade, ou alterações sexuais, ou comportamentais decorrentes da variação de sexo entre as várias encarnações experimentadas pelos espíritos, fica evidente que a doutrina espírita trata a homossexualidade como algo explicável e previsto no plano divino de evolução dos espíritos; não é vista como um pecado a ser punido ou uma deformação que o levará ao inferno, como se verificam em outras religiões. Em suma, as alterações sexuais consistentes nas inversões masculinas ou femininas de posturas, jeitos, gostos, dentre outros, são tratadas pelo codificador como anomalias da sexualidade decorrentes de reencarnações em diferentes sexos, não ferindo as leis divinas, apenas as leis humanas.

²²Trata-se de artigo sem paginação hospedado em <http://www.rictornorton.co.uk/social14.htm>.

O espírito pode conservar traços das experiências passadas e apresentá-los na vida atual. Um espírito que tenha vivido como mulher, pode conservar os traços femininos e ao encarnar em um corpo masculino, despejar sobre o mesmo as tendências e o caráter inerentes ao sexo que acaba de deixar. Em decorrência disso, um corpo masculino, ao receber um espírito que na encarnação anterior esteve em um corpo feminino e deste trouxe impressões, pode assumir comportamentos opostos ao seu gênero. Constatase que Kardec tratou de forma perfunctória as relações sexuais entre pessoas do mesmo sexo, sendo somente possível extrair da sua extensa obra que anomalias sexuais decorreriam de reencarnações sucessivas de um espírito pouco evoluído em determinado sexo, sucedidas por encarnação no sexo oposto.

A inversão de sexo em determinada encarnação, somada à condição de baixa evolução do espírito, conduziria este a manter marcas, gostos, trejeitos do sexo das reencarnações anteriores, ainda que este espírito esteja encarnado no sexo oposto. Esta explicação trazida por Kardec, supostamente com base em ensinamentos de espíritos desencarnados, ainda que incompleta ou embrionária, lançou as bases para a discussão da homossexualidade na doutrina espírita.

Além dos trechos das obras de Kardec acima comentados, fez-se aqui uma compilação dos trechos que abordam a sexualidade nas revistas espíritas entre 1858 a 1869, todas publicadas sobre responsabilidade de Allan Kardec²³. As remissões à sexualidade sempre conduzem aos mesmos princípios ou conclusões: que os espíritos não têm sexo pois não se reproduzem; que a encarnação em sexos distintos é parte do processo de evolução; e que as lembranças do sexo e de sua condição carnal são temporárias, mas podem se estender às encarnações seguintes.

“Há sexos diferentes? Resp. – Sim; há sexo por toda parte onde existe a matéria; é uma lei da matéria (KARDEC, 2004a, p. 174).²⁴

Acreditais que a submissão da mulher esteja conforme os desígnios de Deus? Resp. – Não; a mulher é igual ao homem, pois que o Espírito não tem sexo. (KARDEC, 2004a, p. 185).²⁵

²³ Publicação mensal da Revista Espírita que foi iniciada por Allan Kardec em janeiro de 1858, mantendo-se ele à frente da mesma até o ano de seu desencarne em 1869.

²⁴ Reproduzindo por perguntas e respostas ensinamentos transmitidos pelo espírito de Bernard Palissy explicando como são os habitantes de Júpiter, transmitidos por diferentes médiuns e que o sexo feminino ou masculino está adstrito à matéria e não aos espíritos.

²⁵ Sequência dos ensinamentos transmitidos pelo espírito de Bernard Palissy explicando como são os habitantes de Júpiter, reiterando que os espíritos não têm sexo.

Todas as almas são destinadas a um dia se unirem a uma outra alma? Resp. – Cada Espírito tem a tendência de procurar um outro Espírito que lhe seja afim; a isso chamamos simpatia.

P. Nessa união há uma condição de sexo? Resp. – As almas não têm sexo. (KARDEC, 2004a, p. 185).²⁶

O espírito é homem ou mulher?

Os espíritos se encarnam homens ou mulheres, porque não têm sexo. Como devem progredir em tudo, cada sexo, como cada posição social, lhes impõe provas e deveres especiais, bem assim ocasião de adquirir experiência. Aquele que fosse sempre homem não saberia senão o que sabem os homens. Pela Doutrina Espírita, a solidariedade não mais se restringe à sociedade terrena: abarca todos os mundos; pelas relações que os Espíritos estabelecem entre as diferentes esferas, a solidariedade é universal, porquanto de um mundo a outro os seres vivos se prestam mútuo apoio (KARDEC, 2004b, p. 169).

As mulheres têm alma?

As almas ou Espíritos não têm sexo. As afeições que os unem nada têm de carnal e, por isto mesmo, são mais duráveis, porque fundadas numa simpatia real e não são subordinadas às vicissitudes da matéria. (...). Os sexos só existem no organismo; são necessários à reprodução dos seres materiais. Mas os Espíritos, sendo criação de Deus, não se reproduzem uns pelos outros, razão pela qual os sexos seriam inúteis no mundo espiritual. (...). É com o mesmo objetivo que os Espíritos se encarnam nos diferentes sexos; aquele que foi homem poderá renascer mulher, e aquele que foi mulher poderá nascer homem, a fim de realizar os deveres de cada uma dessas posições, e sofrer-lhes as provas. (...). Depois, pode acontecer que o Espírito percorra uma série de existências no mesmo sexo, o que faz que, durante muito tempo, possa conservar, no estado de Espírito, o caráter de homem ou de mulher, cuja marca nele ficou impressa. Somente quando chegado a um certo grau de adiantamento e de desmaterialização é que a influência da matéria se apaga completamente e, com ela, o caráter dos sexos. Os que se nos apresentam como homens ou como mulheres, é para nos lembrar a existência em que os conhecemos. Se essa influência se repercute da vida corporal à vida espiritual, o mesmo se dá quando o Espírito passa da vida espiritual à vida corporal. Numa nova encarnação ele trará o caráter e as inclinações que tinha como Espírito; se for avançado, será um homem

²⁶ Perguntas de um assinante da Revista Espírita respondidas pelos espíritos Abelardo e Heloísa, tratando da teoria das metades eternas ou almas gêmeas, que melhor expressaria por não induzir ao erro de que uma alma é incompleta e que a união é apenas de dois espíritos. Os espíritos são completos e atingindo a perfeição se uniram aos demais que estiverem na mesma condição.

avanzado; se for atrasado, será um homem atrasado. Mudando de sexo, sob essa impressão e em sua nova encarnação, poderá conservar os gostos, as inclinações e o caráter inerentes ao sexo que acaba de deixar. Assim se explicam certas anomalias aparentes que se notam no caráter de certos homens e de certas mulheres (KARDEC, 2004i, p. 15 a 17).

Os espíritos têm sexo?

Pobres homens! Se refletísseis que os Espíritos não têm sexo; que aquele que hoje é homem pode ser mulher amanhã; que escolhem indiferentemente, e por vezes de preferência, o sexo feminino, antes deveríeis regozijar-vos que vos afligir com a emancipação da mulher, e admiti-la no banquete da inteligência, abrindo-lhe de par em par todas as portas da Ciência, porque ela tem concepções mais finas, mais suaves, toques mais delicados que os do homem (KARDEC, 2004j, p. 235).

Os Espíritos não têm sexo. Encarnam indistintamente em corpos de homem ou de mulher, como o fazem em corpos de qualquer raça. É o que resulta do ensino dos próprios Espíritos, que podem ser consultados a todo instante. Aliás, a observação e a reflexão nos levam facilmente a reconhecê-lo (KARDEC, 2004k, p. 521).

Uma característica da doutrina espírita relevante para a análise de leis morais aplicáveis às condutas humanas é a generalidade de seus princípios, apresentando um conteúdo relativamente abstrato, em contraposição a regras extremamente concretas que disciplinam, amiúde, a conduta humana. Sob esse sistema, que tratamos neste trabalho sob a denominação de “cláusula aberta”, os costumes e a forma de se relacionar dos seres humanos podem sofrer alterações com o passar dos anos e séculos sem com isso ofender, necessariamente, os princípios espíritas.

2.3.4. O casamento

Em sua obra *O evangelho segundo o espiritismo*, Kardec aborda o tema do casamento no contexto da imutabilidade das leis divinas e da mutabilidade das leis humanas:

no casamento, o que é de ordem divina é a união dos sexos, para que se opere a substituição dos seres que morrem; mas as condições que regulam essa união são de tal modo humanas, que não há, no mundo inteiro, nem mesmo na cristandade, dois países onde elas sejam absolutamente idênticas, e nenhum onde não hajam, com o tempo, sofrido mudanças. Daí resulta que, em face da lei civil, o que é legítimo num país e em dada época, é adultério

noutro país e noutra época, isso pela razão de que a lei civil tem por fim regular os interesses das famílias, interesses que variam segundo os costumes e as necessidades locais. Assim é, por exemplo, que, em certos países, o casamento religioso é o único legítimo; noutros é necessário, além desse, o casamento civil; noutros, finalmente, este último casamento basta (KARDEC, 2013f, p. 277- 278).

Em seguida, reforçando a característica de abstração e generalidade dos princípios espíritas, Kardec esclarece que “na união dos sexos, a par da Lei divina material, comum a todos os seres vivos, há outra Lei divina, imutável como todas as Leis de Deus, exclusivamente moral: a lei de amor” (KARDEC, 2013f, p. 278). Nessa perspectiva, a união entre pessoas do mesmo sexo não, necessariamente, fere as regras divinas segundo a ótica espírita. Sob outro viés, a apontada generalidade e abstração dos princípios e regras do espiritismo, que podem ser condensados no amor, respeito ao próximo e caridade, que deságua na ampla subjetividade para formação de ensinamentos ou orientações espíritas sobre fatos humanos, pode permitir a aplicação de um mesmo princípio a um mesmo caso concreto com conclusões completamente díspares, como se verá pela análise dos discursos de líderes espíritas.

2.4. Chico Xavier e o tema da homossexualidade

Francisco Cândido Xavier (1910-2002), popularmente conhecido como Chico Xavier, foi um dos mais importantes expoentes do espiritismo brasileiro, deixando um legado que ultrapassa a circunscrição religiosa. O médium mineiro psicografou mais de 450 livros, dedicando-se a temas como conduta cristã, história do cristianismo, sexo, drogas, viagens espaciais, dentre outros. Em sua conduta pessoal, fez votos monásticos de pobreza, obediência e castidade. Os direitos autorais de suas obras, que ultrapassaram mais de 15 milhões de tiragens, foram cedidos a instituições filantrópicas. Como espírita convicto, a obediência se destinava aos ensinamentos dos espíritos desencarnados. E a abstinência de relações sexuais ou vida afetiva causou especulações sobre a sexualidade. Seus trejeitos femininos renderam-lhe a fama de homossexualidade contida (STOLL, 2003, p. 339).

De acordo com Marmolejo (2007, p. 47), foram os médiuns Chico Xavier e Waldo Vieira (1932-2015) que delinearam os primeiros ensinamentos sobre sexualidade no espiritismo brasileiro. Nas obras *Sexo e Destino* (1985), ditada pelo espírito André Luiz, e

Vida e Sexo (1970), do espírito Emmanuel, Chico Xavier não classifica as diferentes opções sexuais ou as diferentes identidades sexuais, como transsexualidade, travesti. No período histórico de suas publicações, momento em que não havia, ainda, no país uma organização do movimento homossexual, que só teria início nos idos de 1979, tratou apenas da homossexualidade masculina e feminina, da bissexualidade e da assexualidade.

2.4.1. A sexualidade em *Sexo e Destino*

Chico abordou a visão espírita sobre homossexualidade e outras “anormalidades” sexuais, sob um viés claramente inclusivo e de aceitação, em alinhamento com os vetores de caridade e respeito ao próximo propagados pelo espiritismo. Estas manifestações sexuais seriam condições da alma, e voltadas a provações dos espíritos. Na obra *Sexo e Destino*, o médium aborda a temática da sexualidade, incluindo a homossexualidade, por meio de uma história de ficção, inserindo personagens em diversos contextos que permitam discorrer sobre as regras e princípios espíritas. No enredo de ficção, o espírito Félix esclarece que condições inversivas, às quais são submetidos os espíritos encarnados, como é o caso da homossexualidade, tem objetivo expiatório ou serve ao cumprimento de uma tarefa específica, permitindo, em qualquer dos casos, aos espíritos seu aperfeiçoamento.

Espíritos encarnados nessa condição seriam dignos de proteção como as demais criaturas. Na sequência discorre sobre o fundamento de leis morais, muitas delas associadas a preconceitos, e que serviriam para evitar o caos ou precipitação da humanidade, em virtude de existirem muitos espíritos ainda animalizados ou ignorantes.

Tendo Neves formulado consulta sobre os homossexuais, Félix demonstrou que inúmeros Espíritos reencarnam em condições inversivas, seja no domínio de lides expiatórias ou em obediência a tarefas específicas, que exigem duras disciplinas por parte daqueles que as solicitam ou que as aceitam. Referiu ainda que homens e mulheres podem nascer homossexuais ou intersexos, como são suscetíveis de retomar o veículo físico na condição de mutilados ou inibidos em certos campos de manifestação, aditando que a alma reencarna, nessa ou naquela circunstância, para melhorar e aperfeiçoar-se e nunca sob a destinação do mal, o que nos constrange a reconhecer que os delitos, sejam quais sejam, em quaisquer posições, correm por nossa conta. À vista disso, destacou que nos foros da Justiça Divina, em todos os distritos da Espiritualidade Superior, as personalidades humanas tachadas por anormais são consideradas tão carecentes de proteção quanto as outras

que desfrutam a existência garantida pelas regalias da normalidade, segundo a opinião dos homens, observando-se que as faltas cometidas pelas pessoas de psiquismo julgado anormal são examinadas no mesmo critério aplicado às culpas de pessoas tidas por normais, notando-se, ainda, que, em muitos casos, os desatinos das pessoas supostas normais são consideravelmente agravados, por menos justificáveis perante acomodações e primazias que usufruem, no clima estável da maioria (XAVIER, 1985, p. 271).

E à ligeira pergunta que arrisquei sobre preceitos e preconceitos vigentes na Terra, no que tange ao assunto, Félix ponderou, respeitoso, que os homens não podem efetivamente alterar, de chofre, as leis morais em que se regem, sob pena de precipitar a Humanidade na dissolução, entendendo-se que os Espíritos ainda ignorantes ou animalizados, por enquanto em maioria no seio de todas as nações terrestres, estão invariavelmente decididos a usurpar liberalidades prematuras para converter os valores sublimes do amor em criminalidade e devassidão. (XAVIER, 1985, p. 271).

O médium também menciona que desmandos sexuais como, por exemplo, o abandono sem razão de seu par afetivo, causam desequilíbrios ou “carmas cósmicos” que atingem quem os perpetra. São tais desequilíbrios que levam o espírito a encarnar em um perfil oposto, masculino ou feminino, para tentar se reequilibrar. De acordo com Xavier (XAVIER, 1985, p. 271), a sexualidade ainda não é compreendida pela ciência, que custa a constatar que todo espírito apresenta níveis elevados de características viris e feminis.

Todo desmando sexual danificando consciências reclama corrigenda, tanto quanto qualquer abuso do raciocínio. Homem que abandone a companheira sem razão ou mulher que assim proceda, gerando desregramentos passionais na vítima, cria certo ônus cármico no próprio caminho, pois ninguém causa prejuízo a outrem sem embarçar a si mesmo. Vaticinou que a Terra, a pouco e pouco, renovará princípios e conceitos, diretriz e legislação, em matéria de sexo, sob a inspiração da Ciência, que situará o problema das relações sexuais no lugar que lhe é próprio. Empenho use a repetir que na Crosta Planetária os temas sexuais são levados em conta, na base dos sinais físicos que diferenciam o homem da mulher e vice-versa; no entanto, ponderou que isso não define a realidade integral, porquanto, regendo esses marcos, permanece um Espírito imortal, com idade às vezes multimilenária, encerrando consigo a soma de experiências complexas, o que obriga a própria Ciência terrena a proclamar, presentemente, que masculinidade e feminilidade totais são inexistentes na personalidade humana, do ponto de vista psicológico. Homens e mulheres, em espírito, apresentam certa percentagem mais ou menos elevada de característicos viris e feminis em cada indivíduo, o que não assegura possibilidades de comportamento íntimo normal para todos, segundo a conceituação de normalidade que a maioria dos homens estabeleceu para o meio social (XAVIER, 1985, p. 270).

Neste livro, também reitera que a poligamia, mesmo quando legalizada, é uma herança animal e que o Evangelho indica que basta um homem ou uma mulher. E esclarece que a abstenção sexual voluntária consiste em uma provação necessária em determinadas circunstâncias.

Impressionado, inquiri sobre a moral nos países terrestres, onde um homem guarda o direito de possuir várias esposas. Amantino, porém, destacou que a poligamia, mesmo aparentemente legalizada entre os homens, é uma herança animal que desaparecerá da face do mundo e que, em nos achando numa estância inspirada pelos ensinamentos do Cristo, não nos cabia olvidar que, perante o Evangelho, basta um homem para uma mulher e basta uma mulher para um homem. Ponderou que há provações e circunstâncias difíceis em que o homem ou a mulher são chamados à abstenção sexual, no interesse da tranqüilidade e da elevação daqueles que os cercam, situação essa que não modificam sem alterar ou agravar os próprios compromissos. (XAVIER, 1985, p. 281)

Sete anos depois do livro *Vida e Sexo*, o tema homossexualidade é retomado e analisado com mais profundidade, num debate sobre relacionamentos e vida sexual. Na introdução o autor adianta que não haveria inovação da doutrina espírita, que somente desenvolveria conceitos formulados na codificação kardecista²⁷. Adotando a premissa de que o autor se utilizou do verbo “desenvolver” na acepção de “crescer”, é possível concordar com essa anotação inicial, vez que se constata que na obra houve, no mínimo, uma ampliação dos conceitos transmitidos por Kardec. Adentrando na temática da sexualidade o autor destaca a diretriz principal dos ensinamentos transmitidos pelos espíritos desencarnados: “não proibição, mas educação” (XAVIER, 1970, p. 6). Seria não reprimir os impulsos sexuais, e sim exercitá-los com respeito a si e ao próximo, com responsabilidade consigo e com os outros.

²⁷ “Com as nossas ligeiras páginas, tão somente desenvolvemos conceitos formulados na Codificação Kardequiana, para demonstrar que as proposições, ao redor do sexo, apaixonadamente focalizadas, na atualidade da Terra, foram objeto de criteriosas anotações do plano Espiritual, no século passado, na previsão dos choques de opinião, em matéria afetiva, que a Humanidade de agora enfrenta” (XAVIER, 1970, p. 6).

2.4.2. A vida sexual dos seres humanos

Segundo Chico Xavier (1970, p. 6), o sexo é um atributo “santo da Natureza”, demandando, em razão de sua sacralidade, educação e controle. Que vida sexual dos seres humanos está subordinada à Lei de Causa e Efeito, segundo a qual tudo que é dado a outrem no mundo afetivo, outrem também nos dará. Em alinhamento com os conceitos apresentados por Kardec, explica que os espíritos passam por diversas reencarnações, em posições masculinas ou femininas, o que justifica que toda criatura tenha algum grau de bissexualidade, mais ou menos pronunciado. Destacamos que Xavier trata como condutas da mesma natureza a bissexualidade, a homossexualidade, bem como a transsexualidade; nomenclaturas para a aptidão de comunhão afetiva com pessoa do mesmo sexo.

De acordo com o médico Andrei Moreira, o bissexual é aquele que tem o sexo biológico, “o sexo original com o qual nasceu, a identidade sexual do mesmo sexo e a orientação do desejo para o mesmo sexo ou para o sexo oposto. Ele pode, portanto, se relacionar afetiva e sexualmente com ambos os sexos” (2015, p. 37); enquanto que o transsexual “é o indivíduo que tem o sexo biológico com que nasceu, mas tem a identidade sexual do sexo oposto: um homem que se olha no espelho e se vê e se sente homem. A transsexualidade é uma definição baseada na identidade sexual e não na orientação sexual” (2015, p. 40).

Para Chico Xavier,

a homossexualidade, também hoje chamada transsexualidade, em alguns círculos de ciência, definindo-se, no conjunto de suas características, por tendência da criatura para a comunhão afetiva com uma outra criatura do mesmo sexo, não encontra explicação fundamental nos estudos psicológicos que tratam do assunto em bases materialistas, mas é perfeitamente compreensível, à luz da reencarnação. (...). A vida espiritual pura e simples se rege por afinidades eletivas essenciais; no entanto, através de milênios e milênios, o Espírito passa por fileira imensa de reencarnações, ora em posição de feminilidade, ora em condições de masculinidade, o que sedimenta o fenômeno da bissexualidade, mais ou menos pronunciado, em quase todas as criaturas (XAVIER, 1970, p. 41).

Em outros termos, a homossexualidade, ainda que não sendo perfeitamente explicada pela ciência, encontra sua elucidação na doutrina espírita, sob o viés espiritual das reencarnações. Para o espiritismo, a homossexualidade poderia ter como causa a condução

irresponsável da vida sexual nas encarnações anteriores, sendo uma expiação para desenvolver o processo evolutivo dos seres humanos; ou ter como objetivo a concentração das energias do espírito encarnado na consecução de uma tarefa específica que contribua com progresso da humanidade, aprisionando suas energias sexuais num corpo com o sexo oposto às suas características, a sua polaridade, como instrumento facilitador de uma missão ou, ainda ser uma provação, uma experiência, um desafio – tendo em vista as dificuldades ainda enfrentadas pelos homossexuais para vivenciar sua sexualidade – que deve vivenciar o espírito em seu processo evolutivo.

O homem que abusou das faculdades genésicas, arruinando a existência de outras pessoas com a destruição de uniões construtivas e lares diversos, em muitos casos é induzido a buscar nova posição, no renascimento físico, em corpo morfológicamente feminino, aprendendo, em regime de prisão, a reajustar os próprios sentimentos, e a mulher que agiu de igual modo é impulsionada à reencarnação em corpo morfológicamente masculino, com idênticos fins. E, ainda, em muitos outros casos, Espíritos cultos e sensíveis, aspirando a realizar tarefas específicas na elevação de agrupamentos humanos e, conseqüentemente, na elevação de si próprios, rogam dos Instrutores da Vida Maior que os assistem a própria internação no campo físico, em vestimenta carnal oposta à estrutura psicológica pela qual transitoriamente se definem. Escolhem com isso viver temporariamente ocultos na armadura carnal, com o que se garantem contra arrastamentos irreversíveis, no mundo afetivo, de maneira a perseverarem, sem maiores dificuldades, nos objetivos que abraçam (XAVIER, 1970, p.42).

A questão que fica em aberto nessa obra é se há ou não uma sugestão de abstinência sexual para aqueles que encarnam na condição de homossexuais como forma de evolução espiritual pela expiação ou pelo cumprimento de uma missão. O médium destaca, em outra passagem da obra, que a união homem e mulher seria mais natural por aderir a propósitos da vida e permitir a criação desta.

Em toda comunhão mais profunda do homem e da mulher na formação do grupo doméstico, seguida de filhos a lhes compartilhar a existência, há que contar com a sublimação espontânea do impulso sexual, cabendo ao companheiro e à companheira que o colocaram em função aderir aos propósitos da vida, que tudo renova para engrandecer e aperfeiçoar. Conquanto basta vezes sejamos recalcitrantes na sustentação do amor egoístico, desvairado em exigências de toda espécie, a pouco e pouco acabamos por entender que apenas o amor que sabiamente se divide, em

bênçãos de paz e alegria para com os outros, é capaz de multiplicar a verdadeira felicidade (XAVIER, 1970, p. 23).

Outro ponto abordado na obra são as várias condições de existência que podem ocorrer em maior ou menor grau e são tidas como fenômenos de transição, como é o caso do adultério e da prostituição na seara sexual. Segundo Chico Xavier (1970, p. 44), é evidente que o mundo avança para a elevação da existência, e alguns fenômenos surgem aqui e ali, anunciando uma renovação. E, a partir dela, surge para o mundo o problema de uma educação espiritual, para que a educação do sexo não se faça de escárnio com palavras que mascarem a sua licenciosidade. Quando o ser humano for respeitado em sua intimidade, e que o amor se consagre como vínculo divino, muito mais alma que corpo, com a dignidade do trabalho e do crescimento pessoal difundindo na presença de cada um, então os conceitos de adultério e prostituição se farão distanciados do cotidiano, e a compreensão apaziguará o coração humano e a chamada desventura afetiva não terá razão de ser.

A homossexualidade, de acordo com o autor, em movimento diametralmente oposto, vem “crescendo de intensidade e de extensão, com o próprio desenvolvimento da humanidade, e o mundo vê, na atualidade, em todos os países, extensas comunidades de irmãos em experiência dessa espécie, somando milhões de homens e mulheres” (XAVIER, 1970, p. 41), não se caracterizando com um fenômeno de transição. Em matéria de sexualidade, sua crítica se volta para a poligamia, que decorreria de comportamento de espíritos não responsáveis, que não buscam conter ou elevar seus próprios impulsos. Nesse sentido, a homossexualidade seria degradante, se associada a comportamentos como poligamia, prostituição, mas não pela condição em si de afeto por pessoa do mesmo sexo (XAVIER, 1970, p. 39).

Em entrevista televisiva concedida no ano de 1970, com audiência em torno de 20 milhões de pessoas, o médium explica como o espiritismo entende a homossexualidade. Explica que de acordo com os “amigos espíritos”, a homossexualidade é uma condição da alma humana, que deve ser tratada com normalidade – e não como fenômeno espantoso. Que os homossexuais são dignos de nosso respeito e que a humanidade irá mudar sua visão quanto aqueles que não cooperam com a procriação, percebendo que o ser humano tem a fecundidade física, bem como a espiritual. Destaca que ao tratar de homossexualidade não trata de vícios nas relações humanas, mas de condição da “personalidade humana reencarnada, muitas vezes portadora de conflitos que dizem respeito seja à sua condição de alma em prova ou à sua

condição de criatura em tarefa específica” (XAVIER, 1972), reiterando as categorias explicativas da homossexualidade à luz do espiritismo: provação e expiação.

Na entrevista, o homossexualismo, o bissexualismo e a assexualidade foram tratados como condições do espírito, não podendo ser tratados como comportamentos reprováveis sob a ótica das leis divinas, devendo ser respeitados e aceitos. Em seguida, Chico Xavier desqualifica o argumento de que a homossexualidade não seria natural ou ofenderia os planos de Deus por se tratarem de relações inférteis, que não podem procriar. Argumenta que a fertilidade das relações afetivas não se restringe à fertilidade física, podendo ser de ordem espiritual. Propõe uma revisão das funções as serem desempenhadas pelas relações afetivas, assim como da sexualidade marcada por limitações ou carga negativa na história da humanidade.

Dessa forma, pode-se dizer que nas palavras de Chico Xavier a bissexualidade – na acepção de ser o espírito portador de aptidões femininas e masculina – seria uma característica inerente aos espíritos, disto decorrendo a normalidade da homossexualidade e de outras manifestações sexuais que se afastam da heterossexualidade, sob a ótica do espiritismo; que em espíritos mais evoluídos, e menos animalizados, comportamentos como poligamia e prostituição se esvaem; e que a relação homem e mulher é especial por permitir a integração da família e criação de mais vida (fecundidade material), contemporizando que todas as relações de afeto geram a fecundidade espiritual e, portanto, devem ser alvo de respeito e proteção.

Uma nova realidade se apresenta na seara da sexualidade, consistente no aumento das relações afetivas entre pessoas do mesmo sexo, transformações das relações humanas aceitas pelas ciências, cabendo aos espíritas incorporarem aos seus preceitos, seguindo o princípio evolucionista da doutrina. Nesse período de transformação e embates pela aceitação dos homossexuais, aqueles espíritos que encarnam nessa condição enfrentarão desafios e experiências dolorosas na senda do progresso moral e intelectual.

Em harmonia com os vetores evolutivo e progressista da doutrina espírita, Xavier propõe que sejam revistos os posicionamentos da humanidade em relação à homossexualidade. Defende que os espíritos, como criações de Deus, não trazem marcas ou características que não estejam previstas no plano divino. Os ensinamentos de Xavier se alinham como os princípios de tolerância e amor ao próximo que norteiam o espiritismo.

2.5. A obra de Benjamin Teixeira de Aguiar

Benjamin Teixeira de Aguiar é um médium sergipano e líder espiritual, nascido em 1970, presidente-fundador do Instituto Salto Quântico, organização sem fins lucrativos, autor de livros espíritas psicografados ou próprios, de textos e vídeos publicados no site <http://www.saltoquantico.com.br/>, bem como em redes sociais, como o Facebook. Realiza palestras semanais em Sergipe e em outros países como Estados Unidos e Suíça. Em sua trajetória, divulgou suas ideias em mídia radiofônica e televisiva de alcance local, nacional e internacional. Trata-se de uma pessoa pública, com grande repercussão na capital sergipana, a sua forma entusiástica de tratar de assuntos espirituais arrebanha seguidores simpatizantes dos temas espiritualistas, mas estes não necessariamente são espíritas – seguem o kardecismo – já que o próprio Benjamin se declara espiritualista.

Declarou-se publicamente homossexual em 24 de agosto de 2008, casando-se no ano seguinte, em cerimônia pública. Benjamin e seu instituto não são formalmente vinculados a nenhuma religião, desde 2009, quando publicou no site do instituto comunicação de sua mentora espiritual, aconselhando o desligamento destes do movimento espírita ou de qualquer associação religiosa. Nessa manifestação psicografada, o espírito Eugênia justifica que, para alcançar a fraternidade entre os seres humanos, devem ser evitados os “ismos”, ou seja, a seção e segregação dos seres humanos em grupos religiosos, por vezes em conflito ou imbuídos de fanatismo. Esclarece que seriam os integrantes do Instituto Salto Quântico “espiritistas” por adotarem os princípios da imortalidade da alma, da comunicação entre o plano material e espiritual e da reencarnação (AGUIAR, 2009).

Ainda que se declare como não espírita e tente caracterizar as atividades do Instituto Salto Quântico como ecumênicas, a análise de seus discursos e das atividades desenvolvidas por esta associação demonstra sua natureza religiosa e práticas espíritas heterodoxas, ao divergirem de algumas diretrizes do movimento espírita ortodoxo, liderado no Brasil pela Federação Espírita Brasileira e se alinharem em pontos fundamentais da doutrina espírita. Em suas produções textuais, psicografadas ou não, bem como nas suas manifestações orais por vídeos alocados em sites da internet, por vezes, em psicofonia, o tema homossexualidade é abordado em abundância. Benjamin declara, tanto com base em suas convicções, como em ensinamentos recebidos de espíritos desencarnados, que a homossexualidade deve ser vista em consonância com a atual posição científica sobre o tema,

em especial pela psiquiatria e psicologia, ciências que se dedicam a psique humana, qual seja: expressão saudável da sexualidade humana.

2.5.1. Benjamin e o tema da homossexualidade

Benjamin entende que a homossexualidade faz parte da “evolução” da humanidade, profetizando que haverá expansão da proporção de homossexuais na composição da sociedade. Trata-se de uma naturalização da homossexualidade, apresentada com um processo normal da evolução humana, da mesma forma que ocorreu com a igualdade entre o sexo feminino e masculino, a desconstrução do ideário de uma raça humana inferior a ser escravizada, a exemplo nos negros no passado. A homossexualidade, considerada crime pela maioria dos países no século XIX, passou a ser considerada uma doença, para somente nos últimos anos deixar de ser qualificada como um distúrbio de qualquer ordem. Lembra que, ainda assim, os homossexuais são rechaçados por vários religiosos (AGUIAR, 2006).

Questionado sobre supostas contradições que se verificariam em textos espíritas que versam sobre a homossexualidade, Benjamin se utiliza do princípio progressista da doutrina espírita (ou em processo de construção, terminologia utilizada por este autor), já tratado nas obras de Allan Kardec, esclarecendo que os ensinamentos dos espíritos são revelados de acordo com a capacidade de compreensão dos seres humanos. Determinados temas exigem maturidade da humanidade para que sejam explicados e essa maturação acompanha ou advém da transformação das ciências e da moral social. Nessa linha, textos espíritas sobre a homossexualidade que apresentassem contradições com textos atuais poderiam advir do processo de construção ou evolução que sofre a doutrina espírita. Se a contradição estiver presente em textos atuais, estando estes a combater a homossexualidade ou considerando-a de alguma forma doentia, viciosa ou imoral, a origem deste desvio doutrinário pode estar na falibilidade dos intermediários dos ensinamentos transmitidos pelos espíritos.

Os médiuns, de acordo com Benjamin, sob orientação dos espíritos desencarnados, como mediadores das mensagens da espiritualidade, nestas interferem imprimindo opiniões, ideias, valores e preconceitos, por vezes negativamente, assim como podem ser influenciados por espíritos obsessores, causas que explicariam as contradições na literatura espírita. Explica que o espiritismo não pode conflitar com o que a Ciência sustenta:

“há décadas, a homossexualidade é vista como uma expressão saudável da sexualidade humana, pela Psiquiatria e pelas diversas escolas de Psicologia existentes”, concluindo que orientações espíritas na atualidade que conflitem com essas conclusões científicas só podem decorrer de falha dos médiuns (AGUIAR, 2008a).

Neste particular, acrescenta um novo princípio ou regra à sua filosofia espiritualista: a falibilidade dos médiuns em transmitir com neutralidade os ensinamentos emanados por espíritos superiores. Kardec apenas abordava a possibilidade de ensinamentos errados quando estes advinham de espíritos não evoluídos, de forma que a falha do médium, de acordo com o codificador, estaria adstrita, tão somente, a não avaliar a qualidade da fonte emissora dos ensinamentos, a não buscar o mesmo ensinamento em várias fontes do plano espiritual. Para ele, não haveria uma interferência ou deturpação da mensagem pelo médium em razão de uma filtragem a partir de seus valores e preconceitos. Trata-se, portanto, de um elemento inserido por este líder espírita contemporâneo, de uma heterodoxia.

Em uma manifestação por áudio alojada no site do Instituto Salto Quântico (BENJAMIN, 2012), Benjamin critica a posição de um líder espírita, sem revelar sua identidade, que se manifestou no sentido de que a pessoa, de acordo com sua maturidade, viveria ou não a homossexualidade, indicando que uma pessoa madura reprimiria seus impulsos sexuais. Explica, primeiramente, que essa liderança é octogenária e que, assim sendo, foi treinada para reprimir sua homossexualidade, visto que em sua época ser homossexual era negativo, sinônimo de desequilibrado, de mau caráter, etc. A falta de atualização da pessoa em relação às mudanças comportamentais da sociedade é que constitui falta de maturidade, de acordo com o médium psicógrafo. Novamente reitera que a doutrina espírita deve seguir a evolução da ciência, devendo absorver a posição atual sobre homossexualidade das associações de psiquiatria e de psicologia, recordando que Kardec dizia que quando a ciência apresentar algo contrário a um tópico da doutrina, abandone-se esse tópico e siga-se a ciência. Essa característica da doutrina espírita é denominada por Benjamin de “vetor evolutivo”.

Argumenta, ainda, que lideranças espíritas ou de outras religiões que se posicionam contrariamente à homossexualidade ou pregando a repressão de impulsos homossexuais, o fazem, por vezes, para não enfrentar a desaprovação social. E que médiuns que filtram os ensinamentos dos espíritos desencarnados sobre a homossexualidade, com a sobreposição de seus preconceitos e valores, o fazem para esconder seus erros, por não

conseguir admitir publicamente que estiveram errados em suas concepções até aquele momento. Conclui dizendo que quem se preocupa com as convenções sociais e a aprovação alheia não está seguindo o plano superior (BENJAMIN, 2012).

2.5.2. O espírito Eugênia e a homossexualidade como conduta normal

Em texto publicado em 2006, Benjamin aborda a temática do preconceito, incluindo aquele contra a homossexualidade. Sua argumentação aborda padrões morais, hoje tidos como inaceitáveis e que eram usuais em todos os países do mundo, como o tratamento desigual entre homens e mulheres, a escravização e o racismo contra negros, a segregação de pessoas divorciadas, a exigência da castidade feminina antes do casamento, dentre outros. Demonstra que paradigmas morais são superados, devendo o mesmo se processar com a homossexualidade, rechaçada não apenas pela sociedade civil como também por organizações religiosas, que por vezes tratam os homossexuais como aberrações (AGUIAR, 2006).

Ao psicografar comunicação de sua mentora espiritual Eugênia sobre a ausência de referência à homossexualidade na obra *Nosso Lar*, Benjamin explica que as referências exclusivas aos heterossexuais (tratados como “reprodutores da espécie humana”) e às funções masculinas e femininas no seio doméstico, estavam adequadas às limitações conceituais, psicológicas e culturais da época de publicação da obra. A homossexualidade seria didaticamente tratada pelos espíritos desencarnados em manifestações futuras, como o fizeram nas comunicações materializadas nas obras *Sexo e Destino* e *Vida e Sexo* (AGUIAR, 2010). Um diálogo com sua mentora espiritual de 2007, é revelador de sua visão sobre homossexualidade - como um comportamento ou identidade sexual que será considerada comum em pouco tempo, um ou dois séculos, no máximo, ou sofrerá apenas um preconceito brando e que a marginalização hoje praticada constitui signos de primitivismo e inconsciência que serão completamente afastados em futuro próximo.

O texto ressalta que a mudança de concepção sobre homossexualidade, para visualizá-la como conduta normal, se processará em diferentes velocidades nos diversos lugares do planeta. Por fim, retoma o princípio da cláusula aberta do espiritismo para rechaçar vozes que sustentam que o “plano superior” nunca poderia se posicionar a favor da homossexualidade, reiterando que o espiritismo acompanha e absorve os avanços da ciência, os novos conhecimentos científicos (AGUIAR, 2007b). Benjamin ressalta que os

homossexuais experimentam sofrimentos psicológicos e físicos por serem vítimas de preconceito e de violência, a ponto de um terço dos adolescentes, que se percebem com impulsos homossexuais, cogitam o suicídio. Nesse ponto, este espírita heterodoxo se alinha com os ensinamentos espíritas que descrevem a homossexualidade como uma provação ou expiação arquitetada para o processo de evolução do espírito (AGUIAR, 2008b).

A temática da sexualidade é recorrente nos textos de Benjamin. Em um texto de 2008, esse líder aborda a poligamia, a promiscuidade e a infidelidade, ressaltando que são expressões naturais da sexualidade humana, refutada pelas regras sociais (leis humanas) de algumas comunidades objetivando reprodução humana, a constituição de famílias e a proteção da prole. Sustenta que, com as transformações das sociedades modernas, a reprodução humana assumiu um grau menor de importância, com a consequente flexibilização das regras sociais em relação à sexualidade, oportunizando os movimentos feminista, homossexual, dentre outros. A doutrina espírita, baseada no princípio evolucionista que a norteia, deve acompanhar a evolução social aceitando e esclarecendo esses movimentos. Os dogmas religiosos sobre a sexualidade foram constituídos em consonância com as regras sociais da época de sua elaboração, e eram sustentáculos do interesse coletivo, com a reprodução humana e manutenção das famílias, tornando-se desnecessários e em conflito com a moral da sociedade atual. (AGUIAR, 2008c)

Sobre a sexualidade e práticas sexuais na adolescência, Benjamin declara que os excessos da cultura de liberação sexual devem ser contidos, devendo os adolescentes serem orientados por não estarem completamente aptos a guiar suas vidas sexuais. (AGUIAR, 2004b). Em linha com essa ideia, expressa como intermediário dos ensinamentos de sua mentora espiritual, que há diversas formas de se abusar e tolher no processo de educação das crianças e adolescentes. Se de um lado não se deve permitir a vivência precoce da sexualidade, também não se deve criar preconceitos na educação. A preponderância dos preconceitos ou valores morais ultrapassados podem tolher ou violentar a livre escolha dos seres humanos. (AGUIAR, 2004a)

Em suma, Benjamin se apresenta como ferrenho defensor da homossexualidade, da liberdade sexual, rechaçando qualquer forma de não aceitação dos impulsos e desejos sexuais dos seres humanos, que são tidos por ele como naturais, em conformidade com as leis da natureza, não podendo ser tolhidos por leis humanas sem configurar uma violência e um sofrimento para aqueles que são reprimidos ou condenados a viver em guetos sociais. A

homossexualidade, frente aos desafios experimentados por aqueles que nesta condição encarnam, é tido por este médium como uma provação ou expiação a ser enfrentada pelo espírito em seu processo evolutivo ao longo das sucessivas encarnações, em linha com a doutrina espírita.

CAPÍTULO III

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DO CAMPO ESPÍRITA EM ARACAJU

“Com certeza nós nos tornamos mais tolerantes, hoje, em relação às crenças religiosas que assumem a imortalidade da alma, a reencarnação das pessoas, a eficácia da oração, ou muitas outras coisas que nosso conhecimento da humanidade e da natureza não abarca. (...) podemos observar a intensidade com que a magia é praticada em nosso meio, em nossas cidades e mesmo em nossas universidades. Os que recorreram a essas coisas não são os socialmente desajustados das camadas pouco instruídas da sociedade, como poderíamos crer, mas as pessoas instruídas, os engenheiros e até mesmo os doutores”

Serge Moscovici, *As representações Sociais*, 2009, p. 166.

O presente capítulo foi construído a partir de observações empíricas e de entrevistas com integrantes do movimento espírita, em especial com líderes dos centros espíritas desta capital. A pesquisa teve início na Federação Espírita de Sergipe (FES), a partir de uma conversa informal com a presidente dessa instituição, em que investigamos a estruturação e distribuição dos centros espíritas na capital sergipana, bem como modelos de conduta ou de práticas estabelecidos pela federação. Em seguida buscamos extrair as representações sociais sobre a homossexualidade dessa dirigente estadual.

3.1. Da Federação Espírita Sergipana aos Palcos do “Espaço Emes”²⁸

²⁸ O espaço Emes é uma casa de shows localizada na capital sergipana, Aracaju, com 2.800 metros quadrados de área construída e capacidade para receber até 5.500 pessoas, também denominada Emes – Centro de Eventos.

3.1.1. Impressões iniciais e os meandros da Federação

Já nessa primeira investida, experimentamos a dificuldade ensejada pelo tema abordado – a homossexualidade – traduzida no incômodo em se posicionar sobre o assunto. O desconforto ficou evidente em sua linguagem corporal, assim como no discurso verbal da presidente, ao responder de forma evasiva e abstrata aos nossos questionamentos, sem se posicionar ou mesmo fugindo do tema por completo. A receptividade, característica marcante dos integrantes do movimento espírita, que se norteiam pela caridade e amor ao próximo, se dissipou parcialmente.

Questionada sobre a possibilidade de nos conceder uma entrevista gravada, essa líder espírita se manteve reticente, mostrando-se também incomodada com anotações escritas pontuais, por nós feitas, de sua fala. Ao final do nosso encontro, esta nos sugeriu o nome de alguns integrantes do movimento espírita que supostamente teriam “a língua mais solta” do que ela. Restava claro sua objeção em tratar do tema da homossexualidade, seja por sua posição de representante estadual do movimento espírita, seja por um alinhamento aos padrões morais atuais que demandam a aceitação da homossexualidade ou, ao menos, que não seja expressado qualquer objeção a esta opção ou vivência.

A idade avançada dessa líder, que aparenta integrar a denominada “terceira idade”, permitiu sua vivência em um período histórico em que a homossexualidade era refutada e marginalizada. A dificuldade em lidar com a temática pode ter origem na experimentação por esta líder desses dois cenários – período de não aceitação e de um padrão moral de uma época ou acolhimento – tão díspares e separados por curto espaço de tempo para a colmatar seus referenciais morais.

Fomos em busca daqueles integrantes do movimento que foram apontados como incapazes de guardar segredos. Logo constatamos que a suposta “língua solta” restava intimidada pela formalidade de uma entrevista e pelos gravadores. Estes, nas entrevistas gravadas, recitavam um discurso sem críticas sobre a homossexualidade ou sobre as representações sociais sobre a homossexualidade do movimento espírita aracajuano, uma exposição harmônica com os preceitos do espiritismo, norteadas pela aceitação e respeito integral. A fala soava pronta e meramente reprodutora do discurso oficial do espiritismo, expondo apenas o mundo do dever ser, de acordo com o espiritismo e não o ser.

Com os gravadores desligados, um deles nos confidenciou ter presenciado rejeição a palestras que abordavam a temática da homossexualidade em algumas casas espíritas, incluindo o centro espírita anexo à FES. A justificativa seria que o tema gera muita polêmica e debate. Para estes, o preconceito existe de forma velada e não é assumido por conflitar com o discurso oficial do espiritismo que se norteia pela aceitação da homossexualidade. Sustentam, ainda, que o preconceito é somente no mundo das ideias, ou seja, não se estenderia ao tratamento dado aos homossexuais, asseverando que estes são recebidos e acolhidos em igualdade de tratamento com os demais integrantes do movimento espírita, em todas as atividades de um centro espírita.

Nesse ponto, percebemos que seria difícil encontrarmos pessoas conscientemente dispostas a expor convicções que destoassem do discurso oficial do espiritismo sobre a homossexualidade, por se tratar de conduta socialmente reprovável na atualidade. Estariam sujeitos a atritos tanto com os preceitos do espiritismo como com os valores sociais vigentes que apontam para uma postura acrítica da homossexualidade.

A partir dessas conclusões, traçamos um novo plano de investigação empírica que consistia na entrevista de presidentes dos centros espíritas em Aracaju, formulando perguntas que buscavam verificar as contradições entre suas convicções sobre a homossexualidade e o discurso oficial do espiritismo. A seleção dos centros espíritas a serem visitados levou em conta sua distribuição uniforme pela cidade de forma a abranger diferentes bairros.

3.1.2. Na cúpula dos centros espíritas em Aracaju

Em nossa primeira entrevista com um dirigente de um centro espírita, este localizado na zona oeste desta capital, que neste trabalho será tratado como centro 01²⁹, deparamo-nos com uma conversa extremamente espontânea e informal. A simplicidade e a “misticidade” daquela casa estavam em plena harmonia com o discurso de sua líder, que abordou a questão da homossexualidade na sua visão espírita por meio da narrativa de casos e fatos vivenciados naquele centro, em especial no atendimento fraterno.

²⁹ Os nomes de alguns centros espíritas não foram apontados para não identificar as pessoas entrevistadas, protegendo a imagem. Pela mesma razão foram criados pseudônimos para proteger a identidade das pessoas que nos concederam entrevistas ou, ainda, daqueles que conversaram informalmente conosco sobre o tema objeto desta pesquisa. As entrevistas foram gravadas ou anotadas, quando não possível gravar, e mantidas em sigilo.

Nossa entrevistada iniciou sua exposição contando a estória de um homem que nasceu com fortes traços femininos e que era espírita convicto, daquele que “luta para vencer si mesmo”, conforme definiu. Acrescentou que este homem tinha um pai idoso extremamente afetuoso, que foi amigo, companheiro, um verdadeiro “anjo da guarda” para o filho. Aos quarenta anos esse homem teve uma doença e morreu rapidamente. Pouco antes de falecer teria confessado ao pai que era virgem e que dedicou sua vida ao espiritismo na companhia de seu pai, o teria sido sua missão. Essa líder espírita concluiu que aquele homem, por ter recebido grande afetividade do pai, conseguiu “vencer a si mesmo”, suplantar seus impulsos homossexuais e se manter casto. Foi uma provação, uma expiação que ambos, pai e filho, conseguiram vencer. Nessa altura, mistura todas as categorias de explicação da homossexualidade de acordo com a doutrina espírita, ou entende que todas são constatadas simultaneamente nesse caso concreto. Continua a narrativa sustentando que se o pai tivesse sido preconceituoso, de certo, por carência, o filho não teria conseguido. E arremata afirmando: “esse pai conseguiu com que o filho terminasse seus dias de vida virgem”.

Contemporizou que era uma constante os casos relatados naquele centro de experiências homossexuais de jovens por carência ou por falta de orientação ou esclarecimento. Sustentou que a vida sexual promíscua decorre da falta de presença amorosa paterna: “os pais podem muito habilmente, com esse amor, trazer os filhos para uma vida mais regrada”. Que a falta de carinho dentro da família leva os jovens a buscar carinho em amigos, gerando homossexualidade. Por outro lado, os jovens que tiveram o carinho e orientação em seu lar e, ainda assim direcionam seu afeto sexual para pessoas do mesmo sexo, é porque trazem consigo essa aptidão sexual. Conta que atendeu uma moça que só se relacionava com pessoas do mesmo sexo quando estava alcoolizada ou drogada, e que após iniciar seus estudos da doutrina espírita, vivenciar o espiritismo, desapareceram os comportamentos homossexuais.

Assim, no discurso da palestrante foi possível identificar duas origens distintas dos comportamentos homossexuais, aqueles que abrocham em pessoas que trazem consigo a aptidão homossexual, os quais poderíamos denominar de legítimos, e aqueles que se direcionaram para relações homossexuais pelo uso de álcool ou drogas ou por lacunas afetivas na relação com seus pais, que classificamos como circunstanciais.

Afirmou que quando chegam casos de homossexualidade à casa espírita que preside, ela os orienta a lutar para não deixar que a promiscuidade os faça perder a

oportunidade de evoluir nessa encarnação, a transformar ou canalizar parte dessa energia sexual para outras atividades. Explicou que muitas pessoas chegam na casa espírita com essas forças sexuais muito ativadas, com alto libido, embrenhados na busca pelo prazer. E que ao iniciar os estudos espíritas, essas pessoas começam a dar uma nova direção a seus instintos.

A promiscuidade, de acordo com essa líder espírita, seria a troca constante de parceiros amorosos ou ter relações sexuais com qualquer um, sem critério, em busca do prazer pelo prazer, ou quando em rituais de orgia e com o uso de drogas, a pessoa se envolve com qualquer um. Aqueles que assim se comportam, sejam homossexuais ou heterossexuais, estão em atitude promíscua.

Fez questão de ressaltar que a doutrina espírita não é preconceituosa, que esta visa esclarecer as corretas condutas morais, a moral cristã, porque o ponto culminante dessa doutrina é a reforma moral. Dessa forma, o indivíduo pode viver e se relacionar com outro do mesmo sexo e serem pessoas moralmente elevadas, não ferindo a integridade, a dignidade dos outros.

Entretanto, relatou que certa vez foi ministrar uma palestra em um seminário espírita sobre família, no qual abordou a questão da homossexualidade, tratando aqueles que mantem relações afetivas com pessoas do mesmo sexo pela designação de “casais homossexuais”. Ao final da palestra, foi surpreendida por um espectador que, incomodado, sustentou a impropriedade da qualificação de casal para um par de homossexuais, ao que a líder espírita refutou, afirmando que a relação afetiva entre duas pessoas do mesmo sexo os transformava em um casal. Questionada por nós se esse fato demonstrava a existência de uma rejeição a homossexuais no campo espírita de Aracaju, esta refutou imediatamente, afirmando que se tratava meramente de um ouvinte e não uma integrante do movimento espírita. Outro comportamento comum entre os espíritas, os quais sustentam o discurso de que ser espírita é ser caridoso e não discriminar o próximo, amar todos incondicionalmente, é afirmar que uma pessoa preconceituosa com condutas do outro não seria um verdadeiro espírita.

Reiterou que não há preconceito com a homossexualidade na casa espírita que preside, assim como em nenhuma outra casa espírita. Aqui claramente se refere ao preconceito adstrito a entrada de homossexuais em centro espíritas, conduta que realmente não foi identificada em nossas visitas ou em entrevistas com integrantes do movimento espírita. Relata que todas as pessoas que se dirigem ao centro espírita do qual participa nossa

entrevistada são efetivamente acolhidas e quando uma pessoa se revela homossexual, condição que, em geral, é relatada com muito sofrimento, a orientação dada é no sentido de que esta pessoa se ame, se valorize e somente se entregue quanto houver amor. Essa líder espírita entende que não é o papel da casa espírita discutir a aptidão sexual das pessoas, devendo apenas orientá-las segundo as regras e os princípios espíritas, orientá-las a estudar a doutrina espírita, a trabalhar suas energias sexuais, canalizando-as para trabalho, estudo, caridade, dentre outras atividades.

Acrescentou que para a doutrina espírita, a homossexualidade não é doença, sendo algo que o espírito traz para lhe servir de evolução, uma condição do espírito. Explicou que, por vezes, o homem maltratava, espancava, feria o sexo oposto, era machista ao extremo e nessa encarnação vem como mulher para poder valorizar esse sexo. Neste ponto demonstra conhecimento e afinamento com as explicações do espiritismo sobre as causas da homossexualidade, nesse caso a categoria expiação. Complementou que os indivíduos trazem inclinações e aptidões das vidas passadas, dentre elas a homossexualidade, que nesse viés seria explicada através das sucessivas encarnações. E a doutrina espírita como esclarecedora das boas condutas morais auxilia as pessoas a dar vazão às suas aptidões de forma positiva e benéfica.

Ponderou que na homossexualidade é muito difícil encontrar um parceiro e ficar com aquele parceiro em definitivo ou por longo espaço de tempo. E que na busca do prazer, na ânsia de encontrar uma pessoa com quem fique em definitivo, os homossexuais passam a se relacionar sequencialmente com pessoas diferentes, se tornando promíscuos.

Aqui se percebe uma representação social recorrente de associar a homossexualidade à promiscuidade. Desde a eclosão do HIV/AIDS e a sua relação com a comunidade homossexual, classificada como “grupo de risco” no início da propagação desta doença, foi criada a analogia entre homossexualidade e a promiscuidade. Os homossexuais foram e são considerados promíscuos pelo número de parceiros e a pouca durabilidade das relações (LINO, 2009, p. 7). Trata-se de uma representação social que vem sofrendo modificações juntamente com os avanços do movimento homossexual e as conquistas que esse grupo vem logrando no espaço social. O reconhecimento jurídico das uniões homossexuais como família, assim como a possibilidade de estes contraírem casamento, adotarem filhos induz a uma estabilização futura das relações homoafetivas, bem de um novo olhar, menos pejorativo, sobre estes casais. Outro fator relevante é o deslocamento das

relações homossexuais da clandestinidade para os espaços públicos, submetendo volubilidade dessas relações afetivas aos freios sociais.

Em outro giro, mesmo partindo de pesquisas sobre o número de parceiros sexuais, deve-se sopesar que estas são feitas por amostragem e não garantem a veracidade das respostas colhidas³⁰, especialmente quando o assunto é sexualidade, tema rodeado de mitos e padrões sociais, não sendo possível afirmar categoricamente que os homossexuais são mais promíscuos que os heterossexuais.

Para Lino (2009, p. 9), a promiscuidade não está estritamente ligada à homossexualidade, mas à sexualidade humana. Assim a relação entre promiscuidade e homossexualidade não é absoluta, seja por se tratar de relações afetivas que estão passando por drásticas mudanças nos últimos anos, seja porque os dados estatísticos para comparar com relações heterossexuais não são confiáveis.

Dando continuidade aos relatos colhidos na casa espírita, nossa entrevistada do centro 01 passou a narrar o caso de um homem que era noivo de uma mulher, a despeito de ter atração por homens. Que como os padrões sociais impunham que ele deveria casar, formar uma família, ter filhos, ele reprimiu seus impulsos homossexuais. Foi quando, percebendo que não poderia enganar aquela mulher, sob pena de magoá-la ainda mais no futuro, decidiu ser sincero com ela e romper o noivado. Acrescentou que atualmente ele vive com outro homem e são muito felizes. Concluiu que se ele tivesse casado com sua noiva, ele estaria se enganando, se castrando, e não iria evoluir. Sustentou que a passagem dos seres humanos na Terra tem por objetivo amar, e que somente amando poderiam evoluir, elegendo aqui, como princípio espírita norteador de sua análise, o amor.

Confrontada sobre a aparente contradição entre a valoração positiva da virgindade do filho com características femininas – personagem de sua primeira narrativa – e a crítica a eventual postura de supressão dos impulsos homossexuais por esse homem que desfez o noivado – personagem desta última narrativa, nossa entrevistada sustentou que no caso do filho ele era amado pelo pai e amava este, logo não estava se castrando, estava sendo

³⁰ Em 2007 os Centers for Disease Control, a organização mais importante quando se trata de geração de estatísticas de saúde nos Estados Unidos, publicaram um relatório sobre a vida sexual dos americanos. No tópico quantos parceiros sexuais o americano típico já teve a Associated Press anunciou: “o homem médio dorme com sete mulheres”. O mesmo estudo concluiu que uma mulher típica americana dorme com quatro homens durante toda a vida. Essas conclusões combinadas demonstram a falácia dessa pesquisa (SEIFE, 2012, pg. 101).

preenchido de amor pelo pai. A explicação padece de incoerência, em nossa ótica, vez que o amor de pai não supre as necessidades sexuais do filho, caso contrário a noiva que amava aquele homem poderia supri-lo com seu amor.

Em sua abordagem sobre a homossexualidade, cita o livro *O Sexo Além da Vida*³¹, em que Ranieri (1991), psicografando o espírito André Luiz, descreve um ambiente no mundo espiritual em que os espíritos têm formas físicas deformadas, com membros sexuais enormes, vivem nus ou seminus em meio a orgias e depravações de toda ordem. Um destes, em seu plano de reencarnação, escolhe vir à terra como padre, vivenciar a castidade e abnegação aos prazeres carnavais, escolha criticada por nossa entrevistada, que sustenta o provável fracasso desse plano, havendo grande probabilidade desse padre não conter seus impulsos sexuais. Que ao contrário este espírito deveria vir ao mundo para dar vazão a seus impulsos sexuais.

Fomos em busca da leitura desse romance, porém não identificamos uma passagem que relatasse ou afirmasse que os espíritos deformados pelos excessos na seara sexual deveriam encarnar em um cenário que permitisse dar vazão a seu apetite sexual. Ao contrário foi possível detectar uma passagem em que se afirmava que esses “doentes sexuais” deveriam encarnar em situação de contenção sexual, como o caso de religiosos missionários ou padres das mais diversas religiões (RANIERI, 1991, p. 34). Por fim, nossa entrevistada traz um novo elemento que seria a orientação e educação que cada indivíduo teve, que estes só poderiam ser cobrados e demandados em conformidade com os valores e conhecimentos que receberam. Que aqueles que não aceitam a homossexualidade, por vezes o fazem, por terem recebido ensinamentos que condenavam as relações afetivas entre pessoas do mesmo sexo. Afirmou que se tratava de um cenário que experimentaria mudanças com a evolução da sociedade. Para fundamentar seu discurso cita a figura bíblica de Saulo, que fora educado para ser fariseu e acredita ter a missão religiosa de combater o Cristianismo. Perseguiu e matava os seguidores de Cristo porque estes tinham abandonado a Lei Mosaica, até conhecer Jesus, na estrada de Damasco. Com essa remissão bíblica quis sustentar que aqueles que combatem a homossexualidade o fazem por falta de conhecimento, por falta de orientação.

³¹ Trata-se de um romance espírita, atribuído ao espírito André Luiz, que aborda o sexo como criação divina. Segundo os ensinamentos contidos nesse livro o sexo quando exercido com parcimônia e segundo as regras morais vigentes, eleva o espírito no caminho da evolução. Contrariamente, a prática sexual desregrada e em excessos, causa animalismos e degradação dos espíritos.

Assim foi possível constatar a coexistência de ao menos três discursos na fala da presidente do centro 01: a valorização da castidade mantida pela contenção de impulsos homossexuais e a condenação da promiscuidade; o enaltecimento da vivência da homossexualidade em uma relação de amor; e a necessidade de dar vazão aos impulsos sexuais homossexuais ou heterossexuais. O que se verifica é que as representações dessa líder espírita são no limite contraditórias ou, como por ela ressaltado, seriam casuísticas, não haveriam postulados absolutos sobre o tema sexualidade ou homossexualidade na doutrina espírita, devendo ser realizada uma análise caso a caso. Cada situação seria norteadada por um feixe plúrimo de valores e regras espíritas e da moral vigente, gerando resultados diferentes.

No que toca às causas da homossexualidade apresentadas pela doutrina espírita, o discurso dessa dirigente se amolda com perfeição, apontando como razões da homossexualidade as reencarnações sucessivas em um determinado sexo e sua posterior inversão; a homossexualidade como forma de expiação, com intuito de ensinar o indivíduo a valorizar o sexo oposto; ou ainda como missão, em que os impulsos sexuais homoafetivos devem ser contidos, canalizando as energias para cumprir uma determinada tarefa de relevância espiritual ou provação de vivenciar os desafios de se assumir homossexual em uma sociedade majoritariamente heterossexual.

Em nossa segunda investida, esta realizada em um centro espírita localizado na zona sul de Aracaju, Centro 02, fomos recebidos por sua presidente, mulher refinada e com alto grau de instrução, em perfeita harmonia com os frequentadores dessa casa localizada em bairro de classe média a alta. No discurso de aceitação, nossa entrevistada sustentou que o básico de toda religião é o amor, que não temos o direito de discriminar ninguém por ela ser diferente em sua opção sexual, de acordo com o princípio espírita do livre arbítrio de cada um. Afirmou que “a doutrina esclarece que todos somos iguais e que temos que respeitar uns aos outros”. Pontua que a promiscuidade independe da opção sexual, trazendo novamente o vetor espírita e moral que orienta os relacionamentos sexuais serem travados com critério, ponderação e orientados pelo amor. Ressalta que a promiscuidade é um vício presente tanto em homossexuais como heterossexuais, sendo uma conduta que tem se avolumado nos tempos atuais. Destaca que houve uma banalização das relações sexuais, encetadas sem critério e norteadas pelo puro prazer. Que não cabe ao espiritismo condenar, apenas acolher e esclarecer, visando a reforma moral dos seres humanos, “independentemente de cor, sexo, opção ou religião”.

Destaca, ainda, que o papel dos integrantes do movimento espírita não é evangelizar, apenas devem apresentar a doutrina espírita àqueles que procuram os centros. Será através dos estudos feitos por iniciativa própria que estes conhecerão os ensinamentos espíritas, arrematando que “nós orientamos todos a ler, estudar e compreender”. Assevera que os homossexuais que procuram os centros espíritas estão imbuídos de conflitos, sendo o papel da casa encaminhá-los para doutrinárias ou para tratamento espiritual.

Conclui a conversa dizendo que temos que ser fraternos, doar amor, perceber que quem procura a casa espírita está em sofrimento e precisa de uma explicação, que aos espíritas cabe acolher e à doutrina esclarecer. Afirma que não há qualquer discriminação no movimento espírita a homossexuais, que a casa está aberta a todos, que ela nem sabe quem é homossexual ou heterossexual, porque não lhe importa a orientação sexual das pessoas. Questionada sobre palestras abordando a homossexualidade ministradas nessa casa espírita, essa presidente nos indicou duas palestrantes que trataram da temática, uma destas ministrada por uma pessoa integrante do centro 03, que recentemente teria assumido publicamente uma relação homossexual, passando a se dedicar ao tema, e uma professora universitária que mudou de gênero, assumindo a condição feminina.

No centro espírita 03, localizado no bairro Siqueira Campos, fomos recebidos por sua presidente, uma médica que teve seus primeiros contatos com o espiritismo através do trabalho como pediatra em creche ligada a essa casa espírita, bem como por leituras feitas nos anos anteriores por indicações de amigos. Sua visão da homossexualidade é de aceitação sob os influxos das explicações da doutrina espírita nas categorias de missão, expiação, provação e reencarnações sucessivas. Entende que se há amor não importa qual seja orientação sexual do casal, a relação merece respeito e tratamento igualitário.

Mencionou, entretanto, preocupação com a exposição exacerbada da homossexualidade na mídia e a possibilidade de indivíduos heterossexuais se transformarem homossexuais ou adotarem comportamentos homossexuais sem ser esta sua programação reencarnatória, o fazendo apenas por modismo ou curiosidade. Nos contou que expôs essa sua apreensão ao palestrante Izaias Claro³², o qual lhe retrucou que os indivíduos nascem homossexuais, que a homossexualidade vem no planejamento reencarnatório destes, não

³² Promotor de Justiça. Fundador da Comunidade Espírita Joanna de Ângelis, em Osvaldo Cruz /SP (em 1986). Orador renomado com atuação no Brasil e na América do Sul, abordando temas espíritas e de autoajuda.

sendo uma característica que se adquire em função do meio social no qual vive, dissipando sua aflição.

A outra palestrante indicada pela presidente do centro 02 nos concedeu entrevista por *whatsapp*, gravando em áudio suas respostas. Trata-se de uma professora universitária, que além de integrante do movimento espírita, se identificou como homossexual por anos e, recentemente, como transsexual. Esta nos relatou que se afastou do catolicismo quando descobriu sua orientação homossexual e, percebendo no espiritismo um ambiente inclusivo para sua condição, passou a integrar esse movimento. Trabalhou no centro 02 dando aula no estudo sistemático da doutrina espírita, ministrando passes e integrando a mesa mediúnica.

Adentrando no tema da homossexualidade, afirmou que a doutrina espírita em nada desabona a condição homossexual, ao contrário explica e ilustra aspectos interessantes desta orientação sexual, especialmente que os espíritos não têm gênero, nem sexo e que a homossexualidade e a transsexualidade fazem parte do plano encarnatório de desenvolvimento humano. Afirma categoricamente que, embora na doutrina espírita não exista preconceito em relação à homossexualidade, este está presente no movimento espírita. E assim relatou:

quando eu me assumi transsexual senti uma pressão muito grande por parte de algumas pessoas que frequentavam o centro espírita onde eu trabalhava, acontecendo inclusive de algumas pessoas sentadas na cadeira onde eu ministrava o passe, ao me ver, mudarem de cadeira ou evitarem sentar onde eu estava trabalhando. Mas enfim, existem pessoas com diferentes níveis de esclarecimento, inclusive pessoas que fizeram pressão sobre a diretoria para que me afastassem dos trabalhos pelo fato de eu ter me assumido transgênero (Ana, 2017)³³.

quando eu cheguei na direção da casa espírita eles me disseram que estavam recebendo reclamações de membros do centro com relação a minha presença nos trabalhos e algumas pessoas chegaram a dizer que aquilo que eu estava vivendo era algum tipo de obsessão, que eu deveria ser afastada para me tratar. Conversei calmamente com a direção da casa, com a direção dos trabalhos e eles concordaram que eu continuasse meus trabalhos. Essas manifestações preconceituosas mais graves eclodiram quando me assumi transsexual (Ana, 2017).

Por outro lado, eu percebi também apoio, tanto dos alunos estudos sistemáticos quanto dos coordenadores das atividades, muitos deles

³³ Ana foi o pseudônimo criado para não expor a identidade de nossa entrevistada.

buscaram entender, outros já tinha um entendimento e vinham me perguntar qual o nome social que eu estava adotando (Ana, 2017).

Contou que, no centro em que frequentava, ouviu pessoas dizerem que a homossexualidade ou a transsexualidade de nossa entrevistada era decorrente de uma obsessão e que ela deveria ser afastada dos trabalhos para curar essa obsessão. E mesmo as pessoas que a apoiaram tinham um conceito de que sua condição era uma sina, algo negativo, como se fosse um karma que ela carrega. Ao contrário, nossa entrevistada acredita que se trata de uma oportunidade de aprendizado, representação que pode ser encaixada na categoria de provação evolutiva do espírito. Expôs, ainda, que, por ser estudiosa da doutrina espírita, sempre ministrou muitas palestras e que, após ter assumido sua condição de transsexual, os convites diminuíram sensivelmente, o que a faz cogitar que possa haver alguma relação.

No que toca à abordagem do tema homossexualidade nos centros espíritas, nossa entrevistada narrou que assistiu uma palestra sobre essa temática no centro 02, e que um dos palestrantes, originário de São Paulo, do qual não se recorda o nome, sugeriu em seu discurso a existência de um tipo de cura para homossexualidade, entendendo que era uma doença e que teria como ser sanada. Relatou que estando na plateia questionou e contestou essa posição.

Afirma que não conhece algum centro espírita que, declaradamente, não aceite homossexuais. Apenas leu um relato na internet de um homossexual contando que, no centro espírita do qual fazia parte, ele sofria pressão para não assumir atividades na casa, mas nunca foi proibido de frequentá-lo, narrativa com a qual se identificou por remeter à pressão que sofreu no centro 02 para deixar suas atividades voluntárias nesta casa.

Entende que alguns espíritas ainda não aceitam a homossexualidade por falta de autoconhecimento, afirmando que “ainda há uma repressão à sexualidade dentro da religião espírita, que as pessoas acreditam que ser espírita é ser santo, embora a doutrina não diga isso. A doutrina diz que o bom espírita é aquele que busca se melhorar”. Supõe que alguns integrantes do movimento espírita entendem que santidade é reprimir os impulsos sexuais, julgando isso problemático, porque entende que se a pessoa não tem a própria sexualidade bem resolvida, esta não vai conseguir aceitar a sexualidade do “diferente”. Concluindo que o autoconhecimento é a medida mais importante: “olhar para dentro, enfrentar os desafios da própria sexualidade, dos próprios desejos, das próprias motivações de sua vida afetiva. Essas são medidas fundamentais para que os integrantes do movimento espírita comecem a aceitar

melhor as diferenças”. Acredita que há resistências à homossexualidade no movimento espírita, que há pessoas muito conservadoras, especialmente as pessoas mais velhas.

Ainda no centro espírita 03, entrevistamos uma palestrante que se dedica ao tema da homossexualidade na visão do espiritismo. Esta nos contou que sua ligação com o tema tinha uma razão de cunho pessoal: sua recente orientação sexual homoafetiva. Esta nos recebeu em uma sala dessa casa espírita, acompanhada por sua companheira, narrando sucintamente sua trajetória de vida e sua relação com sua parceira afetiva. Ressaltou que, por comunicações mediúnicas, os espíritos superiores explicaram que a relação amorosa dela com sua companheira era um resgate de outras vidas, que ela não tinha atração por pessoas do mesmo sexo, mas somente por aquela mulher. Eram almas que estavam predestinadas a se relacionar.

Sobre este assunto, identificamos divergência na doutrina espírita. Kardec (2004bg, p. 215) refutou o conceito de almas gêmeas ou teoria das metades eternas em suas obras, enquanto que doutrinadores espíritas no Brasil sustentam a existência de almas gêmeas, como Ranieri, em seu livro *O Sexo Além da Morte* (1991, p. 55) e Chico Xavier, em *O Consolador* (1941, p. 111).

Relatou que suas palestras sobre a homossexualidade têm seus fundamentos extraídos das obras de autores consagrados do espiritismo, em especial Kardec, Chico Xavier, Divaldo Franco e Andrei Moreira. Dessa forma, alinha-se com o discurso oficial do espiritismo sobre a homossexualidade, apregoando em suas palestras a aceitação da homossexualidade como uma condição natural dos seres humanos, que não fere qualquer lei da natureza ou de Deus. Entende tratar-se de uma experiência que deve ser vivenciada pelo espírito em seu processo de evolução, que abrange o desenvolvimento das polaridades femininas e masculinas presentes nos espíritos. Repete as causas da homossexualidade em alinhamento com a doutrina espírita, como uma missão, uma expiação, uma provação ou decorrente de reencarnações sucessivas em um determinado sexo e sua inversão, reencarnando no sexo oposto.

No centro 04, fomos recebidos por uma senhora septuagenária, de uma vitalidade contagiante, que logo nos informou que era procuradora autárquica federal aposentada, advogada atuante e espírita dedicada, integrando essa casa espírita desde 1986. Questionada sobre suas representações sociais da homossexualidade, nossa entrevistada afirmou que a

questão era tratada com muita naturalidade, que os homossexuais eram recebidos como seres humanos normais, “não havendo qualquer menosprezo ou diferenciação, pautado nos valores cristãos”. E acrescentou: “respeitamos a opção sexual de cada um, com muita tranquilidade. Existem casais homossexuais que frequentam o centro e são tratados com muita naturalidade” em igualdade de condição com os casais heterossexuais.

Questionada se conhecia as explicações da doutrina espírita sobre a homossexualidade, esta se restringiu a responder que “o espiritismo vê com muita naturalidade e respeito a homossexualidade, porque existe em cada ser humano uma coisa chamada livre arbítrio, demonstrando um discurso superficial e repetitivo. Insistimos pontuando que uma das explicações da doutrina para a homossexualidade seria o processo de reencarnações sucessivas no mesmo sexo com a posterior inversão de sexo, porém nossa entrevistada retrucou que essa era uma das explicações, mas que viam a questão “como respeito da individualidade e do livre-arbítrio, cada um faz o que quer e o espiritismo respeita”, demonstrando que pouco lhe importa as explicações para as causas da homossexualidade na doutrina espírita, que relevante era respeitar a escolha das pessoas. É possível supor também que esta dirigente não tivesse conhecimento dessas explicações da doutrina espírita e não quisesse expor esse fato na entrevista. Aliás foi uma constante em nossas entrevistas notar o desconhecimento por parte dos entrevistados das causas da homossexualidade de acordo com a doutrina espírita.

Sobre o tratamento conferido a homossexuais que frequentam o centro, nossa entrevistada esclareceu que “espiritismo tem um papel muito humano de entender cada ser humano com suas falhas e seus defeitos e apenas tentar ajudar”. Que todos são acolhidos e que não se impõem condutas, apenas esclarecem as consequências das condutas.

No centro espírita 05, fomos recebidos por sua presidente, uma mulher enérgica e, apesar da pouca idade, aposentada como bancária. Esta se declarou integrante do movimento espírita há mais de vinte anos. Após apresentarmos nosso tema de pesquisa, fomos por ela advertidos a tomar cuidado para “não estar colhendo opiniões próprias”, que seria indispensável confrontá-los com a doutrina espírita, demonstrando que as representações no campo espírita poderiam divergir do discurso oficial do espiritismo. Curioso notar que constamos ao longo da entrevista que as próprias representações de nossa entrevista divergiam da doutrina espírita.

Sobre a homossexualidade, afirmou que entende ser uma escolha do ser humano, “uma questão de opção para o crescimento evolutivo, progresso espiritual”. Que cada indivíduo escolhe encarnar “como homem ou mulher para o seu desenvolvimento moral e intelectual, faz parte do crescimento espiritual”. E continuou sustentando que “opção sexual é uma escolha de cada um”, excepcionando aqueles que nascem com alguma disfunção física, “alguma coisa orgânica, que pode acontecer no cérebro, nos hormônios, no próprio corpo, se não for isto é uma questão de opção”.

Destacou que a doutrina espírita ensina que os homossexuais femininos em outras reencarnações anteriores foram homens que tripudiaram de mulheres, ao ponto de serem até selvagens com elas, grosseiros, dentre outras atitudes negativas. Que estes reencarnam como mulheres para apreenderem, vivenciando a condição feminina, a respeitarem esse sexo. Só que encarnados como mulheres e trazendo os gostos e traços das encarnações anteriores, “vai gostar do mesmo sexo, deixam isso falar mais forte. Poderiam vencer isso? Poderiam, ou se abstendo, que é o que o *LE* ensina, que quando temos tendências negativas, nos abstermos de estar num ambiente e lutemos contra isso. Ou então procuremos resistir, se não consegue resistir, tenha uma vida digna, preserve seu corpo, preserve a sua própria intimidade, não se torne um prostituto social, que tenha uma vida recatado”.

De forma aparentemente contraditória, afirma que a doutrina espírita não estabelece regras morais, nem o que é certo ou errado, que quem define é a consciência de cada um: “as regras do certo e do errado, não são trazidas pelo espiritismo, mas dentro de cada um, dentro da sua consciência”. Que quando desencarnamos retomaremos a consciência plena e identificaremos o que é certo ou errado. Contesta, ainda, a explicação da doutrina espírita sobre a homossexualidade como uma missão, uma provação ou uma expiação:

Não tem nada ver com expiação e missão, os livros que falam isso não são kardecistas, não são livros didáticos que estão de acordo com a doutrina. Tudo que for contra as leis de Deus a gente tem que resistir, se é prova ou expiação, só Deus sabe, a gente só vai saber disso quando desencarnar (Carla, 2016)³⁴.

Comenta que a homossexualidade está “escancarada de uma forma bem vulgar”, mas pondera que promiscuidade é uma postura adotada tanto por homossexuais como por

³⁴ Carla foi o pseudônimo criado para não expor a identidade de nossa entrevistada.

heterossexuais, não trazendo a representação social de que aqueles são mais promíscuos que estes. Pontua, ainda, que “está na moda” ser homossexual, sendo uma opção de cada um aderir ou não a essa tendência, conforme sua consciência. Reitera que a homossexualidade é uma opção, descartando a hipótese de que se nasceria homossexual.

Se faz necessário diferenciar a homossexualidade como orientação ou como preferência. A orientação indica qual o gênero masculino ou feminino que o indivíduo se sente atraído físico e emocionalmente (LINO, 2009, p. 4). A denominação “orientação sexual” é considerada mais apropriada do que “opção ou preferência sexual”, pois leva-se em conta que falar de “opção”, fala-se da escolha da forma de desejo. A terminologia opção ou preferência remete ao conjunto de comportamentos sexuais com o intuito de satisfazer momentaneamente um estado excitatório que não define a orientação sexual dos envolvidos (LINO, 2009, p. 5). Portanto, o que identifica a sexualidade de um indivíduo, a sua conduta sexual e o seu relacionamento com o outro de maneira exclusiva e duradoura é sua orientação sexual. Há quem sustente que, do mesmo modo que o heterossexual não escolheu uma forma de desejo, o homossexual também não, pois segundo pesquisas recentes, a orientação é determinada por fatores biogenéticos, razões hormonais no útero ou genes que configuram essa predisposição (LINO, 2009, p. 4). Porém, a questão permanece aberta, sem respostas conclusivas.

Após uma palestra ministrada no centro espírita 05, encetamos uma conversa informal com um dos espectadores e integrante do movimento em uma casa espírita do interior de Sergipe. Abordando a temática da homossexualidade no movimento espírita, este nos relatou que não era permitido a homossexuais compor a mesa mediúnica do centro que frequentava. Era possível notar de sua narrativa que este senhor julgava essa atitude como coerente com base na justificativa de que espíritos seriam incorporados durante a sessão mediúnica e que poderiam expor aquele integrante homossexual revelando “seus podres” – aqui se referia à condição de homossexual – para os demais integrantes da mesa. Destacou que aqueles que compõem a mesa mediúnica devem ser “honrados”. Estava clara sua representação social quanto a homossexualidade com uma falha no caráter ou uma condição de falta de honra. Fazendo uma analogia, narrou o caso de um homem corrupto que teve suas falcatruas reveladas em uma sessão mediúnica na qual compunha a mesa.

Com o intuito de confirmar ou infirmar se esta prática se repetia em outras casas espíritas, inserimos essa pergunta em nossas entrevistas, porém não identificamos outro relato

semelhante. Mas, como apontado acima, na narrativa da palestrante transsexual, há indícios de que em algumas casas espíritas é preferível que homossexuais ou transexuais não sejam trabalhadores das casas. Destacamos que não há uma conduta uniforme nessa questão, haja vista que a outra palestrante homossexual entrevistada trabalha no centro espírita Irmão Fêgo e afirma ser integralmente respeitada.

3.1.3. Nos bastidores do Espaço Emes

Por algumas vezes frequentamos e assistimos as palestras ministradas por Benjamin Aguiar nos palcos do Espaço Emes. Essa casa de shows harmoniza com o espetáculo que se forma neste ambiente nos domingos à noite para as palestras desse líder: câmeras, som, iluminação criam um cenário espetaculoso que mistura músicas, rezas, discursos e tecnologia, conectando supostos espectadores ao redor do mundo que assistem as palestras transmitidas ao vivo pela internet. Em nossa primeira visita, nos chamou a atenção que o tema homossexualidade é recorrente e abordado à exaustão por esse líder espiritual. Foi possível notar ainda um considerável número de homossexuais no ambiente, alguns usando calça jeans e salto alto, outros trabalhando nos bastidores com extrema dedicação e até descrição. É possível supor que, sendo Benjamin Aguiar homossexual assumido publicamente e que aborda reiteradamente esta temática, supostamente orientado por espíritos superiores, o público homossexual se sinta acolhido neste ambiente.

Tentamos por meses obter uma entrevista com esse líder, porém este justificou que não concedia entrevistas e que suas ideias estavam expostas no site do Instituto Salto Quântico (ISQ), não vendo razão para responder às perguntas deste trabalho. Em vídeos hospedados no site do instituto, constatamos que Aguiar, ora falando em seu nome, ora atribuindo suas falas a um espírito denominado Eugênia-Espácia, representa a homossexualidade como um comportamento sexual natural em seres humanos, injusta e hipocritamente marginalizado pela maioria dos agentes sociais, suportando suas ideias na comunidade científica, em especial a da saúde mental: “há décadas, a homossexualidade é vista como uma expressão saudável da sexualidade humana, pela Psiquiatria e pelas diversas escolas de Psicologia existentes (AGUIAR, 2008a)”. Segundo esse líder, vivenciar a homossexualidade é uma questão de maturidade espiritual, discordando das representações sociais de vários integrantes do movimento espírita ortodoxo de que os impulsos sexuais

devem ser contidos, seja mantendo a castidade, seja esperando conhecer a “alma gêmea” ou alguém por que venha a sentir amor – como constatado nas manifestações de nossos entrevistados. Nessa mesma linha de raciocínio, sustenta a naturalidade da masturbação, apontando como ultrapassada a posição do espiritismo de qualificar esse comportamento como vampirismo ou desvio de função das energias sexuais, para qualificá-la como usual à condição humana e até necessária para o equilíbrio de uma relação afetiva em que há diferentes ritmos sexuais dos parceiros.

Explica que a pessoa nasce com orientação sexual homossexual (AGUIAR, 2016), respaldando essa sua posição em estudos científicos de geneticistas, sem mencionar os nomes, segundo os quais um percentual da população nasce com o cérebro do sexo oposto, por questões relacionadas ao período embriológico (AGUIAR, 2013).

Embasa sua representação de naturalidade da homossexualidade na história da humanidade, apontando a relação sexual entre pessoas do mesmo sexo, em regra homens, na Grécia antiga, que os maiores gênios da época renascentista eram “gays”, que Joana d’Arc foi uma transsexual – além de médium espírita, dentre outros relatos supostamente históricos.

Entoa discurso por vezes agressivo contra todos aqueles que dele discordam quanto as explicações para os comportamentos homossexuais ou quanto ao tratamento que julga ser adequado, destacando os que denomina como “fanáticos religiosos”. Sustenta que aqueles que se contrapõem à homossexualidade ou a consideram doentia, viciosa ou imoral são seres primitivos, não evoluídos, mal resolvidos sexualmente ou “gays” enrustidos. Que a interpretação literal da bíblia, feita em especial por evangélicos, para condenar a homossexualidade conduziria também a conclusão da inferioridade das mulheres, que deveriam se manter em silêncio durante os cultos e evangelização. Conclui que “não podemos seguir a bíblia ao pé da letra’ por respeito à bíblia (AGUIAR, 2013)”.

Por fim, profetiza, na fala de sua mentora espiritual, Eugênia, que a homossexualidade em um futuro próximo, em torno de 100 a 200 anos dos dias atuais, será considerada uma orientação sexual comum, no máximo sofrendo preconceito brando semelhante ao atualmente experimentado pelas mulheres. Ressalta que a aceitação dos homossexuais se processará em diferentes velocidades nos diversos lugares do planeta (AGUIAR, 2007).

Tentamos entrevistar frequentadores ou integrantes do ISQ, sem muito sucesso. Em uma de nossas investidas, um dos integrantes desse instituto longamente justificou sua negativa em nos conceder uma entrevista, alegando que não faz parte do movimento espírita, que se identifica como cristão. Que não concorda com as explicações espíritas sobre homossexualidade, afirmando que nada tem a ver a opção da sexualidade ou a sua forma de exercício com as reencarnações anteriores. Que os palestrantes espíritas repetem um discurso extremamente ultrapassado de Kardec, personagem do século XIX, sobre reencarnações sucessivas em um determinado sexo e subsequente reencarnação no sexo oposto.

Afirmou que viemos nesse mundo para nos melhorarmos moralmente e que nesse processo não tem qualquer importância a opção sexual do indivíduo, sendo apenas relevante a forma de condução de sua sexualidade. Que a promiscuidade pode ocorrer tanto na heterossexualidade, como na homossexualidade, como na transsexualidade. Ressaltou ainda, que a opção sexual decorre do livre arbítrio e que as reencarnações anteriores e o plano dessa encarnação não são determinantes da sexualidade dos encarnados. Também não concorda com a explicação da doutrina espírita de que a homossexualidade seria uma expiação, uma provação ou uma missão. Para ele todos estamos em expiação e provação nesse mundo, e alguns poucos em missão. Que a heterossexualidade pode ser igualmente uma provação. Por fim, arrematou que não se identifica com o movimento espírita e que este é muito preconceituoso com a homossexualidade, enquanto que o ISQ é extremamente inclusivo e que não se preocupa com o que cada um faz com sua “genitália”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

*“Todo homem
experimenta a necessidade de viver,
de gozar, de amar e ser feliz.
Dizei ao moribundo que ele viverá ainda;
que a sua hora é retardada; dizei-lhe sobretudo
que será mais feliz do que porventura o tenha sido,
e o seu coração rejubilará.”*

Allan Kardec, *O céu e o inferno*, p. 11.

O presente trabalho analisou, brevemente, o surgimento do espiritismo, sua expansão no Brasil e em Sergipe, constatando a expressividade e importância dessa religião no cenário nacional, bem como na cidade de Aracaju, Sergipe. Em seguida mergulhou nos princípios, regras e dogmas fundamentais da doutrina, focando naqueles que interferissem, ainda que reflexamente, na temática da homossexualidade sob a ótica do espiritismo. Nessa análise foram constatados elementos fundamentais para construção de **dissonantes** representações sociais dos espíritas sobre a homossexualidade, a saber: a inexistência de um centro de poder que imponha condutas e práticas ou padronize, de forma detalhada, os ensinamentos espíritas a serem transmitidos para fiéis e a plasticidade de princípios e regras espíritas.

Sobre o primeiro elemento aludido, percebe-se que a Federação Espírita Brasileira e suas filiais estaduais apresentam, tão somente, orientações de práticas e de condutas aos centros espíritas adesos, sem prever ou aplicar sanções pelo descumprimento. É marcante no espiritismo brasileiro a falta de estrutura hierárquica rígida, encontrada em religiões como a Católica. A falta de modulação impositiva de princípios e normas espíritas abre espaço para que os agentes religiosos espíritas construam representações próprias sobre a homossexualidade, e os mais diversos temas.

Quanto aos princípios e regras – segundo elemento apontado, constatou-se que estes são estruturados pela doutrina espírita em um formato de “cláusula aberta”, na medida em que podem ser alterados simultaneamente com as mudanças das regras sociais ou dos postulados científicos, assim como podem ser corrigidos, atribuindo-se os erros a comunicações mediúnicas imperfeitas ou imprecisas, em que não foram avaliadas corretamente, pelos intermediários, a evolução ou qualidade das fontes espirituais (os espíritos) ou, ainda, serem inseridos novos ensinamentos que não haviam sido postos em razão do baixo grau de evolução da humanidade em determinado momento, desprovida de capacidade para compreender determinadas explicações. São essas aberturas para alteração dos conceitos e ensinamentos espíritas que conferem a estes uma formatação maleável ou plástica.

A homossexualidade, como fato social que se alargou de forma expressiva nas últimas décadas, sendo assimilado e representado de diferentes formas pela sociedade – de crime, a doença, a transtorno psicológico, dentre outras formações – é caso emblemático das alterações e dissonâncias pelas quais passam as representações sociais dos espíritas.

Nas obras de Kardec, identificamos uma abordagem superficial da homossexualidade, em consonância com a marginalização dessa orientação sexual na sociedade no século XIX, atribuindo sua causa às reiteradas encarnações em determinado sexo, com a posterior encarnação em sexo oposto, conservando as marcas do sexo das reencarnações anteriores. Envolve a teoria do espírito imortal sem sexo, que pode ser associado a corpos masculinos ou femininos.

Consideramos, ainda, que a generalidade e abstração dos princípios e regras do espiritismo, que podem ser condensados no amor, respeito ao próximo e caridade, deságua no alto grau de subjetividade para formação de ensinamentos ou orientações espíritas sobre fatos humanos, a permitir a aplicação de um mesmo princípio a um mesmo caso concreto com

conclusões completamente díspares, como se constatou na análise dos discursos de líderes espíritas.

Nas obras de Chico Xavier, constatamos novas representações sobre a homossexualidade, acrescentando à categoria de reencarnações sucessivas em um determinado sexo, com posterior inversão na encarnação seguinte, as teorias da homossexualidade como missão, como expiação ou como provação. O espírito encarnaria na condição de homossexual para não vivenciar a sexualidade ou não constituir uma família e concentrar suas energias na consecução de uma tarefa específica que contribuísse com progresso da humanidade. Poderia ser a homossexualidade uma provação para o espírito, que passaria a enfrentar em determinada existência todas as dificuldades de se assumir homossexual. A condição homossexual seria uma experiência, um desafio a ser vivenciado pelo espírito em seu processo evolutivo. Ou ainda, uma expiação por desmandos e desrespeitos perpetrados por determinado espírito em face do sexo oposto em encarnação anterior, imputando a este espírito que abusou do sexo oposto renascimento neste sexo, para aprender a respeitá-lo, ainda que guarde a polaridade do sexo da encarnação anterior.

Em Benjamin, as causas se tornam irrelevantes nas suas representações sobre a homossexualidade, que se concentra em sustentar a naturalidade da homossexualidade com fundamento na ciência. Suas manifestações concentram-se em acusar discursos que apresentem qualquer obstáculo ou limitação a vivência dessa orientação sexual, classificando-os como preconceituosos, homofóbicos e até criminosos. Segundo este líder, não há que se questionar a forma de expressão dessa orientação sexual.

Nas entrevistas, a variedade de representações sociais sobre a homossexualidade se intensifica, havendo aqueles que concordam com as explicações da doutrina espírita canônica, de que esta expressão da sexualidade humana só se explica em bases espiritualistas, pelo mecanismo das sucessivas encarnações experimentadas pelos espíritos, bem como que seria a homossexualidade uma missão, uma expiação ou uma provação atribuída ao espírito. Como foi possível verificar, houve entrevistados que discordaram dessas categorias, considerando-as ultrapassadas ou mesmo preconceituosas, como no caso da expiação. A representação de que homossexuais seriam mais promíscuos que os heterossexuais foi constatada no discurso de alguns entrevistados, assim com a categorização dessa orientação sexual como uma obsessão a ser tratada.

Foi possível identificar alguns tratamentos isolados preconceituosos com os homossexuais, como a tentativa de afastá-los de trabalhos no centro espírita, da participação

em mesas mediúnicas ou a atitude de não os escolher como palestrantes. Imperioso destacar que estas condutas e representações, ainda que identificadas na pesquisa de campo, na análise geral podem ser classificadas como pontuais no movimento espírita em Aracaju, prevalecendo neste a aceitação e o acolhimento dos homossexuais.

A vivência do campo religioso espírita, nos moldes teorizados por Bourdieu, pôde ser constatada e experimentada pela pesquisa de campo, pela interlocução com líderes e integrantes do movimento espírita. A disputa entre os centros espíritas e seus integrantes, ainda que respeitosa ou sutil, é um fato social que se constata tanto nas críticas formuladas pelos entrevistados às práticas ou convicções dos outros centros ou integrantes, seja pela oferta de produtos religiosos mais adequados ou sedutores ao público alvo dessas instituições. Nesse enfrentamento, o Instituto Salto Quântico, personalizado em Benjamin Aguiar, lidera as críticas às práticas ortodoxas do espiritismo no campo espírita aracajuano e rompe com o movimento espírita oficial.

A análise do fenômeno religioso espírita e suas representações sobre a homossexualidade, dada a complexidade desses movimentos, não poderia ser exaurida ou realizada com a profundidade que demanda em uma dissertação de mestrado. Esperamos ter contribuído para a comunidade científica com as reflexões e apontamentos desenvolvidos neste trabalho, deixando espaço para que outras formulações e pesquisas sobre o tema sejam realizadas.

REFERÊNCIAS

AUBRÉE, Marion; LAPLANTINE, François. **A mesa, o livro e os espíritos. Gênese, evolução e atualidade do movimento social espírita entre França e Brasil.** Maceió: Editora UFAL, 2009.

AGUIAR, Benjamin Teixeira de. **Diálogos sobre sexualidade nas crianças.** In Salto Quântico, 2 de março de 2004 (2004a). Disponível em <<http://www.saltoquantico.com.br/2004/03/02/dialogo-sobre-sexualidade-nas-criancas/>>, acesso em 29/07/2016.

AGUIAR, Benjamin Teixeira de. **Sexo adolescente dentro de casa e disciplina familiar.** In Salto Quântico, 1º de abril de 2004 (2004b). Disponível em <<http://www.saltoquantico.com.br/2004/04/02/sexo-adolescente-dentro-de-casa-e-disciplina-familiar/>>, acesso em 29/07/2016.

AGUIAR, Benjamin Teixeira de. **Preconceito - o flagelo anti-cristo.** In Salto Quântico, 29 de dezembro de 2006 (2006). Disponível em <<http://www.saltoquantico.com.br/2006/12/29/preconceito-%E2%80%93-o-flagelo-anti-cristo/>>, acesso em 29/07/2016.

AGUIAR, Benjamin Teixeira de. **Diálogo sobre a homossexualidade (1*).** In Salto Quântico, 23 de maio de 2007 (2007a). Disponível em <<http://www.saltoquantico.com.br/2007/05/23/dialogo-sobre-homossexualidade-1/>>, acesso em 29/07/2016.

AGUIAR, Benjamin Teixeira de. **Diálogo sobre a masturbação.** In Salto Quântico, 19 de março de 2007 (2007b). Disponível em <<http://www.saltoquantico.com.br/2007/03/19/488/>>, acesso em 29/07/2016.

AGUIAR, Benjamin Teixeira de. **Ambiguidade na literatura espírita sobre o tema homossexualidade.** In Diálogos com o espírito de Eugênia-Aspasia, em 11 de setembro de 2008 (2008a). disponível em <<http://www.saltoquantico.com.br/2008/09/11/ambiguidade-na-literatura-espirita-sobre-o-tema-homossexualidade/>>, acesso em 29/07/2016.

AGUIAR, Benjamin Teixeira de. **Diálogo mediúnico sobre materialismo, ateísmo, homossexualidade e tendências suicidas.** In Salto Quântico, 7 de julho de 2008 (2008b). Disponível em <<http://www.saltoquantico.com.br/2008/07/01/dialogo-mediunico-sobre-materialismo-ateismo-homossexualidade-e-tendencias-suicidas/>>, acesso em 29/07/2016.

AGUIAR, Benjamin Teixeira de. **Diálogo sobre poligamia, promiscuidade, infidelidade consentida, sexo casual, erotismo doméstico e no ambiente de trabalho.** In Salto Quântico, 29 de outubro de 2008 (2008c). Disponível em <<http://www.saltoquantico.com.br/2008/10/29/dialogo-sobre-poligamia-promiscuidade-infidelidade-consentida-sexo-casual-erotismo-domestico-e-no-ambiente-profissional/>>, acesso em 29/07/2016.

AGUIAR, Benjamin Teixeira de. **Desligamento Formal do Salto Quântico do movimento espírita**. In Diálogos com o espírito de Eugênia-Aspasia, em 03 de março de 2009 (2009). Disponível em <<http://www.saltoquantico.com.br/2009/03/03/desligamento-formal-do-salto-quantico-do-movimento-espirita/>>, acesso em 29/07/2016.

AGUIAR, Benjamin Teixeira de. **Gays "Ausentes" em "Nosso Lar" e sonhos recorrente e comuns em que nos percebemos Imóveis, ante situações afligentes**. In Salto Quântico, 12 de novembro de 2010 (2010). Disponível em <<http://www.saltoquantico.com.br/2010/11/25/gays-ausentes-em-nosso-lar-e-sonhos-recorrentes-comuns-a-muitos-em-que-nos-percebemos-imoveis-ante-situacoes-afligentes/>>, acesso em 29/07/2016.

AGUIAR, Benjamin Teixeira de. **O Ridículo Revelador do Preconceito**. In "Tempo Espírita", 10 de janeiro de 2011 (2011a). Disponível em <<http://tempoespirita.blogspot.com.br/2011/01/o-ridiculo-revelador-do-preconceito.html>>, acesso em 29/07/2016.

AGUIAR, Benjamin Teixeira de. **Um modelo capa de revista gay, uma bissexual que posa para revistas eróticas e um transexual no BBB11 - o que está acontecendo com este tema, que só faz ganhar terreno na mídia e culturas modernas?** In Salto Quântico, Delano Mothé e Benjamin de Aguiar, 13 de janeiro de 2011 (2011b). Disponível em <<http://www.saltoquantico.com.br/2011/01/13/um-modelo-capa-de-revista-gay-uma-bissexual-que-posa-para-revistas-eroticas-e-um-transexual-no-bbb-o-que-esta-acontecendo-com-este-tema-que-so-faz-ganhar-terreno-na-midia-e-na-cultura-mod/>>, acesso em 29/07/2016.

AGUIAR, Benjamin Teixeira de. **Crítica Severa à hipocrisia de um líder espírita sobre a homossexualidade**. In Salto Quântico, 29 de março de 2012 (2012). Disponível em <<http://www.saltoquantico.com.br/2012/03/29/critica-severa/>>, acesso em 29/07/2016.

AGUIAR, Benjamin Teixeira de. **Transsexualidade, Homossexualidade e Formação Bioquímica Cerebral; Literalidade Bíblica, Ignorância e Preconceitos x Contextos, Ciência e Espiritualidade; Jesus, o Amor, a Espada e a metáfora de sua vota; Incorporação do Espírito Anacleto: a Assinatura de Deus na Casa, "Participation Mystique" e Entrega; Córtex, Neocórtex e Consciência; Benção dos Cristos e as Graças da Compreensão, Lucidez e Coragem; Integridade Humana e a Divindade em nós**. In Salto Quântico, 10 de Fevereiro de 2013 (2013). Disponível em <<http://www.saltoquantico.com.br/2013/02/20/palestra-com-benjamin-teixeira-de-aguiar-na-integra-dia-10-de-fevereiro-de-2013/>>, acesso em 13/01/2016.

AGUIAR, Benjamin Teixeira de. **Homossexualidade, Autorespeito e horror homofóbico**. In Diálogos com o espírito de Eugênia-Aspasia, em 16 de dezembro de 2016 (2016). disponível em <<http://www.saltoquantico.com.br/2017/01/03/homossexualidade-autorrespeito-e-o-horror-homofobico/>>, acesso em 05/02/2017.

ALEXANDRE, Marcos. Representação Social: uma genealogia do conceito. **Comum**, Rio de Janeiro, v.10, nº 23,p. 122-138, 2004. Disponível em: <<http://www.sinpro-rio.org.br/imagens/espaco-do-professor/sala-de-aula/marcos-alexandre/Artigo7.pdf>>, acesso em: 03/08/ 2016.

ALMEIDA, Alexander Moreira de. **Fenomenologia das experiências mediúnicas, perfil e psicopatologia de médiuns espíritas**. 2004. 205f. Tese (Doutorado em Psiquiatria) - Faculdade de medicina da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

ANDRADE, Péricles. Agência e estrutura: O conhecimento praxiológico em Pierre Bourdieu. **Revista do programa de pós-graduação da UFPE**, v. 2, n. 12, 2006. Disponível em: <<http://www.revista.ufpe.br/revsocio/index.php/revista/article/view/228/187>>, acesso em 03/08/ 2016.

ANTÔNIO, José; VARGAS, Ana Cristina. **O Bispo**. 1.ed. Editora Vida & Consciência, 2013.

ARRIBAS, Célia Da Graça. **Afinal, espiritismo é religião?** A doutrina espírita na formação da diversidade religiosa brasileira. 2008. 226f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Programa de Pós-graduação em Sociologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

AUBRÉE, Marion; LAPLANTINE, François. **A mesa, o livro e os espíritos. Gênese, evolução e atualidade do movimento social espírita entre França e Brasil**. Maceió: Editora UFAL, 2009.

BARCELOS, Walter. **Homossexualidade, Reencarnação e Vida Mental**. Votuporanga, SP. Editora Espírita Pierre-Paul Didier, 2005.

BARROS, Lisly Telles de. **Representações sociais da homossexualidade no ambiente de trabalho: um estudo da zona muda**. 2015. 117 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações) - Universidade de Brasília, Brasília, 2015.

BASTOS, Gilson. **Além do rosa e do azul**. 1.ed., Editora Celd, 2009.

BERGER, Peter Ludwig. **O Dossel Sagrado**. Luiz Roberto Benedetti (Org.). Tradução de José Carlos Barcellos. 5. ed. São Paulo: Paulus, 2004.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. 5ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1998.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Tradução de Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

BOURDIEU, Pierre. **Meditações pascalianas**. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2001.

BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia**. Lisboa, Fim de Século, 2003.

BOURDIEU, Pierre. **Coisas Ditas**. Tradução de Cássia R. da Silveira e Denise Moreno Pegorim. Revisão técnica Paula Montero. São Paulo: Brasiliense, 2004.

BOURDIEU, Pierre; CHARTIER, Roger. **O sociólogo e o historiador**. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

BOURDIEU, Pierre; WACQUANT, Loïc. *An invitation to reflexive sociology*. Chicago: The University of Chicago Press, 1992.

BRASIL, Constituição (1824). Constituição Política do Império do Brazil. Rio de Janeiro: 1824. Disponível em : <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao24.htm>, acesso em 25/05/2015.

BROWNSON, Orestes Augustus. **The spirit-rapper: an autobiography**. In: Harry Houdini Collection (Library of Congress) DLC, Boston : Little, Brown and Co. ; London: Charles Dolman, 1854. Disponível em:<<https://archive.org/details/spiritrapperana02browgoog>>, acesso em 25/05/2015.

CAMARGO, Cândido Procópio Ferreira de. **Kardecismo e Umbanda: uma interpretação sociológica**. Livraria Pioneira Editora, 1961.

CAMPETTI SOBRINHO, Geraldo. Revista **Espírita 1858 – 1869, Índice Geral**. Federação Espírita Brasileira, revista índice revista 26-03-2008. Disponível em: <<http://www.febnet.org.br/ba/file/Pesquisa/indiceGeraldaRevistaEspirita.pdf>>, acesso em 25/05/2015.

CAPPELLE, Mônica Carvalho Alves; MELO, Marlene Catarina de Oliveira Lopes; GONÇALVES, Carlos Alberto. Análise de conteúdo e análise de discurso nas ciências sociais. Organizações Rurais & Agroindustriais - Revista Eletrônica de Administração da UFPA, v. 5, n. 1, 2003. Disponível em <<http://revista.dae.ufpa.br/index.php/ora/article/view/251/248>>, acesso em 12/06/2016.

CARISIO, Camila Mendonça. **Chico Xavier, Caridade e o Mundo de César: Um Olhar Sobre O Modo de Gestão da Assistência Social Espírita em Uberaba - MG**. 2008. 154f. Dissertação (Mestrado em Administração) - Programa de Pós-Graduação em Administração, Faculdade de Gestão e Negócios, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2008.

CARVALHO, Flávio Rey de. Revisitando o Iluminismo: contribuições para o estudo do caso português. **Revista Tempo de Conquista**, nº 5, p. 1-14, 2009. Disponível em: <<http://revistatempodeconquista.com.br/documents/RTC5/FLAVIOREY.pdf>>, acesso em 22/10/2015.

CASTRO, Mônica. **De frente com a verdade**. 1. ed. Editora Vida & Consciência, 2010.

CASTRO, Mônica. **O Preço De Ser Diferente**. 1. ed. Editora Vida & Consciência, 2011.

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros. **O mundo invisível: cosmologia, sistema ritual e noção da pessoa no Espiritismo**. Rio de Janeiro: Editora Zahar. 1983.

CEZAR, Marcelo; AURÉLIO, Marco. **A Última Chance**. 1. ed. Editora Vida & Consciência, 2008.

COENGA-OLIVEIRA, Danielle. **Se fosse normal, Deus teria criado Adão e Ivo! A homofobia e a produção e regulação do sexo/gênero**. 2011. 140 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações) - Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações, Universidade de Brasília, Brasília, 2012.

- CONSTITUIÇÃO BRASILEIRA, 1824. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao24.htm, acessado em 15/08/2016.
- COSTA, Wilson. **O Grito, uma história de amor e preconceito**. 1. ed. EBM Editora, 2013.
- CRAVO, Maria Modesto; OLIVEIRA, Wanderley. **O lado oculto da transição planetária**. Editora Dufaux, 2014.
- Dicionário eletrônico Houaiss. Editora Objetiva, Rio de Janeiro, 2009.
- DOYLE, Arthur Conan. **A história do espiritismo**. São Paulo: Pensamento, 1994.
- DURKHEIM, E. **As formas elementares de vida religiosa**. 3. ed., São Paulo: Paulus, 2008.
- DUVEEN, G. Introdução: O poder das ideias. In MOSCOVICI, S. Representações Sociais: investigações em psicologia social. Trad. Pedrinho Guareschi. Petrópolis: RJ: Vozes, 2003.
- FACCHINI, Regina. Movimento Homossexual no Brasil: Recompondo um Histórico. Cad. AEL, v.10, n.18/19, 2003. Disponível em <https://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/ael/article/view/2510>, acesso em 02/08/2016.
- FAUSTO-STERLING, Anne. "The 5 Sexes: why male and female is not enough?". In: **The Sciences**, Nova York, The New York Academy of Sciences, march/april, p. 20-25 1993,. Disponível em: <http://www.fd.unl.pt/docentes_docs/ma/tpb_MA_5921.htm>, acesso em 06/04/2016.
- FERNANDES, Odilon; BACCELLI, Carlos. **Mediunidade e Sexualidade**. 1. ed. Boa Nova, 2008.
- FERNANDES, Paulo César da Conceição. **As Origens do Espiritismo no Brasil: Razão, Cultura e Resistência no Início de uma Experiência (1850-1914)**. 2008. 139f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade de Brasília, Brasília, 2008.
- FERREIRA, Fernanda Flávia Martins. **Espiritismo kardecista brasileiro e cultura política história e novas trajetórias**. 2008. 245f. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.
- GABRIEL, Alice et al. Como pode a diferença sexual fazer diferença?: Notas sobre o que pode ser a diferença sexual. **Revista Ártemis**, v. 9, dez. 2008. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/artemis/article/view/11809>>, acesso em 27/06/ 2013.
- GUARESCHI, Pedrinho Arcides. Representações sociais e ideologia. **Revista de Ciências Humanas**, Florianópolis: EDUFSC, Edição Especial Temática, p.33-46, 2000. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/revistacfh/article/viewFile/24122/21517>>, acesso em 02/08/ 2016.
- HABERMAS, J. **Uma conversa sobre questões da teoria política**. In: Novos Estudos CEBRAP, nº 47, mar. São Paulo: Ed. Brasileira de Ciências Ltda, 1997.

HALFPENNY, Peter. **Positivism and Sociology**: Explaining Social Life. London: G. Allen & Unwin. v. 53, 1982.

HOCK, Klaus. **Introdução à Ciência da Religião**. São Paulo: Loyola, 2010.

INCONTRI, Dora. **Pedagogia espírita: um projeto brasileiro e suas raízes histórico-filosóficas**. Tese de Doutorado. São Paulo. 2001.

JODELET, Denise. **Folies et représentations sociales**. Prefácio de Serge Moscovici. Paris: Les Presses universitaires de France, 1989.

JOVCHELOVITCH, Sandra. Espaços de mediação e gênese das representações sociais. **Psico**, 27 (1), 1996, p. 193-205, Disponível em: <<http://eprints.lse.ac.uk/2597/>>, acesso em: 13 julho 2016.

JÚNIOR, Isaias Batista de Oliveira; MAIO, Eliane Rose. **Opção ou orientação sexual? Onde reside a homossexualidade?**. In: III Simpósio Internacional de Educação Sexual, 2013, Maringá - PR. Anais do SIES. Maringá - PR: [s.n.], 2013. p. 1-12. Disponível em:<<http://www.sies.uem.br/>>. Acesso em: 31 jan. 2017.

KARDEC, Allan. **Revista Espírita** - Jornal de Estudos Psicológicos. Tradução de Evandro Noleto Bezerra. Federação Espírita Brasileira, 1866. Disponível em: <<http://www.febnet.org.br/ba/file/Downlivros/revistaespirita/Revista1866.pdf>>, acesso em 24/04/ 2016.

KARDEC, Allan. **O Espiritismo em sua Expressão mais Simples**. Tradução de Dafne R. Nascimento. Supervisão de Freitas Nobre. 2. ed. São Paulo: Edições Feesp; 1989.

KARDEC, Allan. **Obras Póstumas**. Tradução Guillon Ribeiro. 30. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2001. Disponível em: <<http://www.febnet.org.br/wp-content/uploads/2012/07/139.pdf>>, acesso em 11/05/2016.

KARDEC, Allan. **Revista Espírita** - Jornal de Estudos Psicológicos (1958). Tradução de Evandro Noleto Bezerra. Federação Espírita Brasileira, 2004a. Disponível em:<<http://www.febnet.org.br/ba/file/Downlivros/revistaespirita/Revista1858.pdf>>, acesso em 24/04/2016.

KARDEC, Allan. **Revista Espírita** - Jornal de Estudos Psicológicos (1859). Tradução de Evandro Noleto Bezerra. Federação Espírita Brasileira, 2004b. Disponível em: <<http://www.febnet.org.br/ba/file/Downlivros/revistaespirita/Revista1859.pdf>>, acesso em 24/04/2016.

KARDEC, Allan. **Revista Espírita** - Jornal de Estudos Psicológicos (1860). Tradução de Evandro Noleto Bezerra. Federação Espírita Brasileira, 2004c. Disponível em: <<http://www.febnet.org.br/ba/file/Downlivros/revistaespirita/Revista1860.pdf>>, acesso em: 24 abril 2016.

KARDEC, Allan. **Revista Espírita** - Jornal de Estudos Psicológicos (1861). Tradução de Evandro Noleto Bezerra. Federação Espírita Brasileira, 2004d. Disponível em:

<<http://www.febnet.org.br/ba/file/Downlivros/revistaespirita/Revista1861.pdf>>, acesso em 24/04/ 2016.

KARDEC, Allan. **Revista Espírita** - Jornal de Estudos Psicológicos (1862). Tradução de Evandro Noleto Bezerra. Federação Espírita Brasileira, 2004e. Disponível em:<<http://www.febnet.org.br/ba/file/Downlivros/revistaespirita/Revista1862.pdf>>, acesso em: 24/04/ 2016.

KARDEC, Allan. **Revista Espírita** - Jornal de Estudos Psicológicos (1863). Tradução de Evandro Noleto Bezerra. Federação Espírita Brasileira, 2004f. Disponível em: <<http://www.febnet.org.br/ba/file/Downlivros/revistaespirita/Revista1863.pdf>>, acesso em 24/04/2016.

KARDEC, Allan. **Revista Espírita** - Jornal de Estudos Psicológicos (1864). Tradução de Evandro Noleto Bezerra. Federação Espírita Brasileira, 2004g. Disponível em: <<http://www.febnet.org.br/ba/file/Downlivros/revistaespirita/Revista1864.pdf>>, acesso em 24/04/ 2016.

KARDEC, Allan. **Revista Espírita** - Jornal de Estudos Psicológicos (1865). Tradução de Evandro Noleto Bezerra. Federação Espírita Brasileira, 2004h. Disponível em: <<http://www.febnet.org.br/ba/file/Downlivros/revistaespirita/Revista1865.pdf>>, acesso em 24/04/2016.

KARDEC, Allan. **Revista Espírita** - **Jornal de Estudos Psicológicos** (1867). Tradução de Evandro Noleto Bezerra. Federação Espírita Brasileira, 2004i. Disponível em: <<http://www.febnet.org.br/ba/file/Downlivros/revistaespirita/Revista1867.pdf>>, acesso em 24/04/2016.

KARDEC, Allan. **Revista Espírita** - Jornal de Estudos Psicológicos (1868). Tradução de Evandro Noleto Bezerra. Federação Espírita Brasileira, 2004j. Disponível em: <<http://www.febnet.org.br/ba/file/Downlivros/revistaespirita/Revista1868.pdf>>, acesso em 24/04/2016.

KARDEC, Allan. **Revista Espírita** - Jornal de Estudos Psicológicos (1869). Tradução de Evandro Noleto Bezerra. Federação Espírita Brasileira, 2004k. Disponível em: <<http://www.febnet.org.br/ba/file/Downlivros/revistaespirita/Revista1869.pdf>>, acesso em 24/04/2016.

KARDEC, Allan. **O livro dos espíritos: filosofia espiritualista** / recebidos e coordenados por Allan Kardec. Tradução de Guillon Ribeiro. 93. ed. 1. imp. (Edição Histórica) Brasília: FEB, 2013a. Disponível em: <<http://www.febnet.org.br/wp-content/uploads/2014/05/Livro-dos-Espiritos.pdf>>, acesso em 11 /05/2016.

KARDEC, Allan. **O livro dos médiuns, ou, guia dos médiuns e dos evocadores:** Espiritismo experimental por Allan Kardec. Tradução de Guillon Ribeiro a partir da 49ª edição francesa de 1861. 81ª ed. 1. imp. (Edição Histórica), Brasília: FEB, 2013b. Disponível em:<http://www.febnet.org.br/wp-content/uploads/2014/05/Livro-dos-Mediuns_Guillon.pdf>, acesso em 11/05/ 2016.

KARDEC, Allan. **O Evangelho Segundo o Espiritismo**. O Evangelho Segundo o Espiritismo. Tradução de Guillon Ribeiro da 3ª ed. francesa, revista, corrigida e modificada pelo autor em 1866. 131. ed. 2. imp. (Edição Histórica), Brasília: FEB, 2013c. Disponível em: <<http://www.febnet.org.br/wp-content/uploads/2014/05/O-evangelho-segundo-o-espiritismo.pdf>>, acesso em 11/05/2016.

KARDEC, Allan. **O céu e o inferno, ou, a justiça divina segundo o espiritismo** por Allan Kardec. Tradução de Manuel Justiniano Quintão. 61. ed. 1. imp. (Edição Histórica) – Brasília: FEB, 2013d. Disponível em: <<http://www.febnet.org.br/wp-content/uploads/2014/05/ceu-e-inferno-Manuel-Quintao.pdf>>, acesso em 11/05/ 2016.

KARDEC, Allan. **A gênese** por Allan Kardec. Tradução de Guillon Ribeiro da 5ª ed. francesa. 53. ed. 1. imp. Brasília: FEB, 2013e. Disponível em: <http://www.febnet.org.br/wp-content/uploads/2012/07/A-genese_Guillon.pdf>, acesso em 11/05/2016.

KARDEC, Allan. **O que é o Espiritismo** por Allan Kardec. Tradução da Redação de Reformador em 1884 – 56. ed. 1. imp. – Brasília: FEB, 2013f. Disponível em: <<http://www.febnet.org.br/wp-content/uploads/2014/05/o-que-e-o-espiritismo.pdf>>, acesso em 11/05/ 2016.

KARDEC, Allan. **Iniciação Espírita: livros de introdução à teoria e à prática da Doutrina**. Traduções de Joaquim da Silva Sampaio Lobo, Cairbar Schutel. 14ª. ed. Brasília: Edicel, 2013g.

LACERDA FILHO, L. S. D. **Os primeiros anos do espiritismo e a mediunidade no Brasil**. 1. ed. Araguari: Minas Editora, v. V, 2005.

LINO, Tiago Lopes. **A promiscuidade sexual na homossexualidade masculina**. Disponível em: <http://www.psicologia.pt/artigos/ver_artigo_licenciatura.php?codigo=TL0148>. Acesso em: 29 dez. 2016.

MACHADO, Ubiratan. **Os intelectuais e o espiritismo**. Rio de Janeiro: Edições Antares, 1983.

MAES Hercílio. **Sob a Luz do Espiritismo**. 4ª. ed. Editora do Conhecimento, 2007.

MAIA, João Nunes. **Filosofia Espírita**. Belo Horizonte, Espírita Cristã Fonte Viva, 1988. Disponível em: <<http://www.olivrodosespiritoscomentado.com/fev4q202.html>>, acesso em 26/04/ 2016.

MAIOR, Marcel Souto. **Kardec: a biografia**. 6ª. ed. Rio de Janeiro: Record, 2014.

MAIOR, Marcel Souto. **As vidas de Chico Xavier**. 2ª edição. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2003.

MANZINI, E. J. **Entrevista semi-estruturada: análise de objetivos e de roteiros**. In: Seminário Internacional Sobre Pesquisa e Estudos Qualitativos, 2004. Disponível em <<http://www.eduinclusivapesq-uerj.pro.br/images/pdf/manzinibauru2004.pdf>>, acesso em 03/08/2016.

MARMOLEJO, Javier Gutiérrez. **A Construção Sociocultural da Sexualidade e do HIV-Aids no Espiritismo Kardecista Brasileiro**. 2007. 165f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.

MARSH, Leonard. **The apocatastasis, or, Progress backwards: a new tract for the times**. Harry Houdini Collection (Library of Congress) DLC, Chauncey Goodrich, 1854. Disponível em: <<https://archive.org/details/apocatastasisor00marsgoog>>, acesso em 25/05/2016.

MARX, Karl. **O Capital: crítica da economia política**. Tradução de Regis Barbosa e Flávio R. Kothe. São Paulo: Abril Cultural, 1988. (Volume I).

MONTEIRO DE JESUS, Antônio. **Memórias: Excertos do Movimento Espírita Pioneiro em Sergipe**. 1. ed. Sergipe: Gráfica e Editora Triunfo Ltda., 1997.

MOREIRA, Andrei. **Homossexualidade sob a ótica do espírito imortal**. 1ª ed., Editora AME, 2015.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. Editado em inglês por Gerard Duveen. Traduzido do inglês por Pedrinho Arcides Guareschi. 5ª ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

MOSCOVICI, Serge. **Representação Social da Psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

MOSCOVICI, Serge. **Notes towards a description of social representations**. *European Journal of Social Psychology*, 18: 211-250, 1988

NORTON, Rictor. **A Critique of Social Constructionism and Postmodern Queer Theory, "The Term 'Homosexual'."** 1º de junho de 2002, atualizada em 19 de junho de 2008. Disponível em <<http://www.rictornorton.co.uk/social14.htm>>, acesso em 10/08/2016.

OLIVEIRA, Joacenira Helena Rodrigues de Oliveira. **'Visão de Mundo' no Espiritismo kardecista: uma Perspectiva Sócio-Cultural**. Trabalho de Conclusão de Curso – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião Lato Sensu, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2008.

OLIVEIRA, Joacenira Helena Rodrigues de Oliveira. **Representação Religiosa sobre o fenômeno do Adoecimento e as práticas terapêuticas na perspectiva kardecista**. 2011. 116f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2011.

OTTO, Rudolf. **O sagrado: os aspectos irracionais na noção do divino e sua relação com o racional**. São Leopoldo: Sinodal/Est; Petrópolis: Vozes, 2007.

PAIVA, Alessandra Viana de. **Espiritismo e cultura letrada: valorização do estudo pela doutrina Kardecista**. 2009. 99f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião) - Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2009.

PEREIRA, Rafael Dos Santos. **Um Estudo Sobre a Pedagogia Espírita e Seus Pressupostos Filosóficos**. 2006. 67f. - Monografia (Licenciatura em Pedagogia). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.

PIASSU, Hilton. **O mito da neutralidade científica**. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda, 1981.

PIRES, Álvaro P. **Sobre algumas questões epistemológicas de uma metodologia geral para as ciências sociais**. In: POUPART, Jean et al. A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos. Petrópolis: Vozes, 2008.

RANIERI, R.A. **O Sexo Além da Morte** (Obra Mediúnica - Orientada pelo Espírito André Luiz). Editora da Fraternidade S/C Ltda. Guaratinguetá. 10ª Edição, 1991.

RODRIGUES, José do Carmo. **Espiritismo e Conversão: Fatores Motivacionais da Migração Religiosa para o Espiritismo, no Brasil**. 2012. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) - Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2012.

RODRIGUES, Sérgio. **Homossexualismo ou homossexualidade?**. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/blog/sobre-palavras/homossexualismo-ou-homossexualidade/> . Acesso em 12/01/2017.

SALGADO, Hugo David Marques. **CÓDIGO MORSE: O que é e como surgiu**. Disponível em: <https://student.dei.uc.pt/~hsalgado/CP/artigo.htm> >. Acesso em 25/01/2017.

SEIFE, Charles. **Os Números (não) Mentem**. Rio de Janeiro. Editora Zahar: 2012.

SÊGA, Rafael Augustus. **O Conceito de Representação Social nas Obras de Denise Jodelet e Serge Moscovici**. Anos 90, Porto Alegre, n.º 13, julho de 2000.

SILVA, Gleide Sacramento da. **Eu e o Outro no Centro: Uma Reflexão Acerca dos Processos de Identificação no Espiritismo**. 2006. 390f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2006.

SPINK, M. J. P. **The Concept of Social Representations in Social Psychology**. Cadernos de Saúde Pública, Rio de Janeiro, 9 (3), p. 300-308,1993.

STARK, Rodney; BAINBRIGDE, William Sims. **Uma Teoria da religião**. São Paulo: Paulinas, 2008.

STOLL, Sandra Jaqueline. **Entre dois mundos: O espiritismo na França e no Brasil**. Tese (Doutorado em Antropologia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.

TILLICH, Paul. **Teologia da Cultura**. São Paulo: Fonte Editorial: 2009

WACHELKE, João Fernando Rech; CAMARGO, Brigido Vizeu. Representações Sociais, Representações Individuais e Comportamento. **Revista Interamericana de Psicología/Interamerican Journal of Psychology**. 2007, vol. 41, n. 3, p. 379-390, 2007.

WANTUIL, Zeus. **As mesas girantes e o espiritismo**. Rio de Janeiro: FEB, 1959

WEBER, Max. Sociologia da Religião (tipos de relações comunitárias religiosas). In:_____. **Economia e Sociedade**: Fundamentos da sociologia compreensiva. Tradução de Regis Barbosa e Karen Elsabe. 5. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, v. 1, 1991.

XAVIER, Francisco Cândido. **Entrevista ao programa da TV Tupi "Pinga Fogo"**, em 28 de junho de 1972. Disponível em: <<http://www.partidaechegada.com/2007/07/chico-xavier-e-o-homossexualismo.html>>, acesso em 10/05/2016.

XAVIER, Francisco Cândido. **Vida e Sexo**. Editora FEB, 1970.

XAVIER, Francisco Cândido. **O Consolador**. Editora FEB, 1941.

XAVIER, Francisco Cândido; LUIZ, André. **Sexo e Destino**. 11ª Edição, Editora Federação Espírita Brasileira, 1985. Disponível em: <<http://aeradoespirito.net/ALuiz/AndreLuizSexoEDestino.pdf>>, acesso em 27/04/ 2016.

XAVIER, Chico. **Jornal Folha Espírita**, 1984. Disponível em <http://www.folhaespirita.com.br/v2/node/4>, acessado em 20/11/2016.

ZALMINO, Zimmermann. **Compêndio de Espiritismo**. Campinas: Allan Kardec, 2013.